

Fernanda Ferrarini

Mulheres sem voz

A dominação feminina no
interior do município
de Flores da Cunha
no último quartel do
século XX (1975 a 2000)

Mulheres sem voz

A dominação feminina no
interior do município
de Flores da Cunha
no último quartel do
século XX (1975 a 2000)

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Gelson Leonardo Rech
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli
*Chalmers University of Technology/
Suécia*

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Fernanda Ferrarini

Mulheres sem voz

A dominação feminina no
interior do município
de Flores da Cunha
no último quartel do
século XX (1975 a 2000)



© da autora
1ª edição: 2025
Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Pedro Henrique dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

F375m Ferrarini, Fernanda
Mulheres sem voz [recurso eletrônico] : a dominação feminina no interior do município de Flores da Cunha no último quartel do século XX (1975 a 2000) / Fernanda Ferrarini. – Caxias do Sul, RS : EducS, 2025.
Dados eletrônicos (1 arquivo).
Apresenta bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5807-460-1
1. Patriarcado - Flores da Cunha (RS). 2. Feminismo. 3. História - Flores da Cunha (RS) - Mulheres. 4. Italianos - Rio Grande do Sul - Mulheres. I. Título.
CDU 2. ed.: 392.312(816.5FLORES DA CUNHA)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. Patriarcado - Flores da Cunha (RS) | 392.312(816.5FLORES DA CUNHA) |
| 2. Feminismo | 141.72 |
| 3. História - Flores da Cunha (RS) - Mulheres | 94-055.2(816.5FLORES DA CUNHA) |
| 4. Italianos - Rio Grande do Sul - Mulheres | 325.54-55.2(816.5) |

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

Introdução	8
Os primeiros tempos	15
Patriarcalismo	21
Igreja: em nome do sistema patriarcal	31
Mulher: dominar é preciso... As relações de poder	41
Exclusão feminina	62
Conclusão	69
Bibliografia	72
Anexo A	76
Anexo B	82
Anexo C	91
Anexo D	96
Anexo E	101
Anexo F	115
Anexo G	122
Anexo H	129
Anexo I	136

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, submissas, acabaram por relegar seus direitos diante da dominação do masculino. De uma forma ou de outra, mesmo sem poder falar diretamente sobre suas angústias e desejos, são parte fundamental da História.



Agradeço a todos os depoentes, pela permissão para adentrar em sua memória e fazer reviver seus passados, expectativas, sonhos e desejos.

À minha família, pela compreensão e apoio, especialmente a Eliane Ferrarini (irmã), que vivenciou parte deste processo, auxiliando com seus conhecimentos técnicos.

Às equipes do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami e do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, pelo atendimento eficiente.

Às minhas amigas que, com palavras de incentivo, sempre me motivaram a prosseguir na árdua tarefa de pesquisar, principalmente a Claudia Garibaldi Salvador.

Ainda, em especial, agradeço à minha orientadora da Especialização em História, Cultura e Região, Prof. Dra. Loraine Slomp Giron (*in memoriam*), pelo valioso auxílio prestado na organização de pesquisa desta obra, e a Lorete Maria Calza Paludo, por sempre acreditar na importância de revelar a vida, a história e a memória das mulheres de Flores da Cunha.



Introdução

Por dominação feminina, subentende-se que há a existência de microrrelações de poder entre homens e mulheres padronizadas segundo as regras do patriarcalismo. Para Engels, é “a organização de certo número de indivíduos livres e não livres, numa família submetida ao poder paterno de seu chefe”.¹ Nesse contexto, os colonizadores italianos, ao chegarem à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, difundiram seus costumes e tradições, bem como o modelo familiar padrão que seguiam na Itália, com algumas adaptações, quando necessário. Seus descendentes continuaram direcionando suas vidas conforme esse mesmo molde. O poder do homem sobre a mulher e a resignação desta foram retratados nos livros de Arlindo Battistel, Rovílio Costa, Luís Alberto De Boni, Loraine Slomp Giron, Heloísa Bergamaschi, Cleci Eulália Favaro. Todos em consonância quanto à condição inferiorizada e menos-prezada da mulher que não “tinha vez e nem voz”, era apenas mãe, esposa, filha e trabalhadora.

O cotidiano apresentado nas obras dos autores anteriormente citados deixa transparecer ainda a confirmação e até a aceitação feminina da situação de dominação. Assim, muitas mulheres acabaram colocando de lado suas próprias necessidades e vontades, como deixar a escola para aprender a conduzir “um lar”.

Mesmo sendo as “donas da casa”, o poder doméstico das matriarcas era desprezado. Segundo Cleci Eulália Favaro, “uma das formas de excluir as mulheres do espaço público era desqualificar seu discurso e implicava inibir sua atuação extra doméstica. A desqualificação

¹ ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 16. ed. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 61.

trazia em seu bojo uma conotação de inferioridade e segregação social, cultural e [...] econômica”²

No entanto, ainda de acordo com a autora, o núcleo familiar não correspondia exatamente a uma organização harmoniosa, visando apenas ao bem-estar geral dos integrantes ou garantindo-lhes a satisfação das necessidades, “nessa unidade (composta por indivíduos de idades, sexos e posições diversificadas) existia (e de certa forma ainda existe) uma constante disputa pelo poder”³

Preferencialmente o pai (o homem) assumiu a posição do grande líder com um poder inquestionável. Esse modelo foi (e talvez ainda seja) perpetuado pela Igreja, através de seu discurso unilateral e patriarcalista.

A vida no meio rural sempre dificultou o ingresso e principalmente a permanência nas escolas. As distâncias e a falta de recursos e de incentivo agiam como fontes da evasão escolar. O pensamento da época, norteador pelas ações patriarcais, previa que não haveria necessidade de elevada instrução às meninas, já que estas deveriam se dedicar ao trabalho doméstico e da “roça”. Aos rapazes seria fundamental ter acesso à educação, aprendendo a ler e escrever e a calcular as quatro operações matemáticas, para se responsabilizar pelos negócios da família. Nas comunidades interioranas, mesmo no final do século XX, muitos pais de família ou maridos – e até mesmo algumas mulheres – criados nos moldes rígidos do patriarcalismo continuam perpetuando esses resquícios da dominação masculina.

As questões norteadoras nesta obra foram fundamentadas a partir da História Oral e dos embasamentos, através da pesquisa em fontes bibliográficas e impressas, sobre a dominação da mulher. A partir da relação de poder que se estabeleceu entre o domínio do homem sobre o mundo social e político, a mulher foi posta de lado e relegada ao mundo doméstico. Assim, buscou-se verificar a existência dessa relação no último quartel do século XX (1975 a 2000), nas comunidades do interior do município de Flores da Cunha. Ou seja,

² FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 246.

³ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 15.

comprovar a continuidade da dominação do feminino em relação ao poder do masculino, justificado pela Igreja, fortalecedora do sistema patriarcal.

A dominação que a Igreja exerceu sobre o imigrante consolidou-se facilmente em razão de o catolicismo ter sido a crença dominante em quase todas as famílias que formaram a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Com essa hegemonia, ficou fácil impor ao povo suas leis, suas regras, seu modo de vida. E, como a religião católica e o poder da Igreja ainda se mantêm, sua estrutura também vigora sobre a população de descendência italiana atualmente. Torna-se fundamental esclarecer que não se pretendeu desqualificar a estrutura da Igreja ou relegar essa instituição a uma situação pejorativa ou recriminatória, apenas manteve-se o intuito de pontuar uma tradição cultural e histórica.

A dominação feminina originou-se a partir do momento em que os homens passaram a se sentir ameaçados quanto à questão do poder. Dessa forma, iniciou-se uma estrutura de relações de poder entre o mundo feminino e o masculino. A mulher, considerada o sexo “frágil” e até inferior, ficou (e ainda fica) relegada à margem do poder político e das decisões, exclusivos dos homens. Essa ideia sempre foi fortemente embasada no patriarcalismo (poder do pai, do “Chefe”).

Diante disso, pretendeu-se observar se ainda existem relações de poder patriarcal sobre as mulheres, no interior do município de Flores da Cunha, bem como analisar as condições de acesso à educação como forma (ou não) de manutenção do patriarcalismo. Procurou-se também identificar a dominação do poder masculino sobre as mulheres através do discurso religioso. Entretanto, sempre tendo consciência de que as mulheres detêm “certo poder” na esfera do lar (antessala do poder, como mantenedoras e transmissoras da cultura).

Ainda, partiu-se da hipótese de que a falta de acesso à educação, a tradicional posição na família e a Igreja contribuíram para a manutenção do comportamento submisso da mulher na atualidade, principalmente nas comunidades interioranas de colonização italiana – em especial no interior do município de Flores da Cunha.

Os objetivos nortearam questões que envolviam ações direcionadas a confirmar e estabelecer a existência das microrrelações de poder patriarcal no meio rural de Flores da Cunha que causavam (e ainda causam) a dominação feminina entre 1975 e 2000; assim como comprovar no discurso e nas publicações dos sacerdotes que atuavam na região nesse período a perpetuação da doutrina patriarcalista. Nesta proposta, tornou-se fundamental identificar o cotidiano das mulheres do interior, além de suas obrigações, enquanto excluídas do poder e da tomada de decisões (acerca dos negócios familiares), através da análise das histórias de vida a partir de entrevistas.

Uma pesquisa sempre deve possuir um embasamento que a sustente e possa contribuir com informações novas a fim de desvendar as “verdades” que os detentores do poder muitas vezes não desejam que sejam ditas. Por isso, vários autores que retrataram em suas obras questões referentes à dominação feminina, às relações de poder, ao patriarcalismo e às abordagens envolvendo a Igreja serão citados, bem como a temática abordada por cada um.

De acordo com os autores Arlindo Battistel e Rovílio Costa⁴, a chegada dos imigrantes italianos na Região Colonial Italiana e seu estabelecimento foram momentos de extremas dificuldades, e os costumes patriarcais trazidos como heranças da Itália perduraram no cotidiano dos descendentes de imigrantes. No livro *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*, há relatos de homens e mulheres da região que confirmaram a rusticidade das condições do meio e apresentaram os vários aspectos de sua vida, educação, produção, filhos... Essas dificuldades de sobrevivência teriam levado ao “endurecimento” dos relacionamentos. Já os autores Luis Alberto De Boni e Rovílio Costa⁵ relataram as condutas e tradições adotadas no início da colonização pelos imigrantes italianos, salientando que a família era patriarcal – logo, as mulheres foram excluídas e dominadas pelos pais, depois pelo esposo e sogro (inclusive pela sogra, com seu poder considerado “menor”). A mulher era submetida a procriar, cuidar da casa, preparar as refei-

⁴ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 1982.

⁵ DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, UCS e Correios Riograndense, 1984.

ções e outras atividades, mas os negócios e o dinheiro eram função e propriedade do homem, bem como o acesso à educação. Pode-se perceber, segundo os estudos dos mesmos autores, que a mulher estava sujeita ao domínio do homem econômica e socialmente. Essa hipótese foi comprovada inclusive pelos estudos da doutora Loraine S. Giron.⁶

Um dos objetos de pesquisa de Giron foram as mulheres da Região Colonial Italiana, reafirmando as condições desiguais de trabalho e de bens em relação aos homens. Ela explicitou, ainda, as atitudes das mulheres que levaram à manutenção das relações desiguais e, consequentemente, à sua submissão.

Ainda, é pertinente mencionar que um dos mecanismos para manutenção da dominação feminina apresentado pela autora Loraine S. Giron era o acesso à escola, assim “a menina ficava condenada à ignorância. Da ignorância para a submissão, a distância não era grande. Ao saber ler, fazer contas, o homem afirmava sua superioridade sobre a esposa ignorante e as filhas”⁷.

Entretanto, existiram exceções à regra de submissão feminina na Região Colonial Italiana. Essa particularidade foi estudada também pela doutora Loraine e pela professora Heloísa Bergamaschi⁸, que destacaram histórias de vida de algumas mulheres que povoaram a antiga Colônia Caxias e superaram as barreiras do mundo masculino, assumindo negócios e responsabilidades que lhes seriam negadas pelas tradições patriarcais. É importante destacar que essas mulheres assumiam as funções de chefes do lar devido ao falecimento ou doença do esposo. Substituíam o marido para garantir a sobrevivência da família. Apesar disso, as autoras afirmaram que as mulheres (inclusive as proprietárias) agiam de forma a reforçar o poder do homem.

Outro trabalho importante é a tese da doutora Cleci Favaro⁹, que em sua pesquisa investigou a origem do comportamento das

⁶ GIRON, Loraine Slomp. **Produção e reprodução**: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: UCS, 1992 – (Cadernos de Pesquisa).

⁷ GIRON, Loraine Slomp. **Produção e reprodução**: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: UCS, 1992 – (Cadernos de Pesquisa). p. 16.

⁸ BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **A força das mulheres proprietárias**: histórias de vida – 1875/1975. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

⁹ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História)

mulheres da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul que viveram entre 1875 e 1950. Apresentou ainda as relações patriarcais na família como herança trazida da Itália. Para tanto, refletiu sobre o poder dos homens na história oficial, que “deixaram as mulheres na antessala (do mundo masculino), envolvidas por um discurso considerado ‘menor’”.¹⁰ Segundo ela, às matriarcas foi relegado um poder doméstico que era sustentado pela maternidade e pelo trabalho e não fazia frente ao grande poder do patriarca – era um poder “menor”. Evidenciou também a influência da doutrina cristã para a manutenção da submissão feminina e a consequente aceitação da dominação, inclusive por parte das mulheres que estavam sendo dominadas.

Buscaram-se ainda explicações para o patriarcalismo na obra de Engels. Para ele, essa expressão foi “inventada pelos romanos para designar um novo tipo de organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder [...] e o direito de vida e morte sobre todos eles.”¹¹

O objetivo, por fim, é analisar o cotidiano de pessoas ditas “comuns”, logo seu desenvolvimento seguiu a linha teórica da Nova História. Como confirma José Carlos Reis,

[...] documentos referem-se à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, às suas crenças coletivas [...]. A documentação massiva e involuntária é prioritária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos de todos os tipos, psicológicos, orais, estatísticos, plásticos, musicais, literários, poéticos, religiosos.¹²

Segundo a ideia de Foucault de qual o poder perpassa todas as relações, as mais próximas e mais humanas também o fazem. De acordo com ele, “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também [...] manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força”.¹³

– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

¹⁰ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências** – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 4.

¹¹ ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 16. ed. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 61.

¹² REIS, José Carlos. **Escola de Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 23.

¹³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 175.

Os temas de interesse envolvendo o objeto deste livro, muitas vezes, não se enquadram na chamada documentação oficial. Há poucos registros (ou nenhum) envolvendo o cotidiano das pessoas ditas fora do sistema de domínio da esfera do poder. Por isso, a Nova História surgiu com uma proposta de estudar o homem no seu tempo. Assim, considerou-se a História Oral (depoimentos gerados por entrevistas) como fonte imprescindível (primária) para compreender as relações cotidianas entre homens e mulheres comuns.

A utilização de entrevistas tornou-se fundamental, tanto para a questão da dominação feminina como para o embasamento do patriarcalismo na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, a partir também da visão da Igreja. Para isso, foram realizadas oito entrevistas. Duas com sacerdotes que atuam, ou atuaram, em Flores da Cunha e as demais com mulheres que nasceram, foram criadas ou residem atualmente no interior do município de Flores da Cunha. Com isso, as entrevistas se transformaram em documentos necessários para enriquecer a produção, juntamente com todas as demais fontes consultadas.

A partir do caráter analítico desta obra, procurou-se ressaltar a dominação feminina, caracterizando as seguintes instâncias: lar, Igreja e patriarcalismo. Sempre com a preocupação de definir como elas contribuíram (ou contribuem) para a manutenção de um comportamento submisso das mulheres.

Os primeiros tempos

Analisar histórias de vida implica conhecer também o seu meio, suas tradições, sua organização política e socioeconômica. A população de interesse foi (ou ainda é) moradora do interior de Flores da Cunha, que vivenciou suas expectativas, seus sonhos e suas decepções ou frustrações no último quartel do século XX (1975-2000). Por isso, fez-se necessário o levantamento histórico da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, desde a chegada dos imigrantes italianos – a fim de buscar a compreensão das estruturas que permeiam as instituições, ditas fundamentais, aos moradores do interior, a exemplo de Flores da Cunha – até a atualidade.

A Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul formou-se em 1875, com a chegada dos imigrantes italianos. Estes vieram para o Brasil por iniciativa do Governo Imperial, que desejava substituir a mão de obra negra e escrava pela livre e assalariada. Outro fator que provocou a vinda dos imigrantes foi o excedente da população europeia e as péssimas condições de vida que levavam na pátria-mãe.

As terras que o Império Brasileiro reservou para os imigrantes italianos situavam-se na encosta superior da Serra Gaúcha, entre o rio das Antas, as colônias alemãs do baixo Taquari e a bacia do rio Caí. Segundo Maria Abel Machado, “A Colônia Caxias recebeu uma área de 144.000,00 braças quadradas, equivalente a 16 léguas quadradas. Cada légua foi dividida em travessões e os travessões em lotes com áreas variadas, que foram entregues às famílias imigrantes”.¹⁴

Os primeiros imigrantes que chegaram à Região Colonial Italiana ocuparam a área conhecida como Colônia aos Fundos de Nova

¹⁴ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul – 1900/1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 31.

Palmira, ou Colônia “Campo dos Bugres”. As terras da atual sede do município de Caxias do Sul começaram realmente a ser ocupadas em 1876, por imigrantes que possuíam várias profissões, tais como: agricultor, alfaiate, carpinteiro, tanoeiro, pedreiro, comerciante, hoteleiro, açougueiro, oleiro, professor, escultor, padre, músico, ferreiro, barbeiro, sapateiro, moleiro e muitas outras, como demonstra o registro feito por João Spadari Adami¹⁵, no período de 1876 a 1883.

Em 1884, a Colônia Caxias foi desmembrada da Diretoria de Terras e Colonização do Império, passando a 5º Distrito de São Sebastião do Caí. No mesmo ano, passou a ser sede de paróquia, desligando-se da Paróquia de São José do Hortêncio da Feliz.

Em 20 de junho de 1890, Caxias foi elevada à categoria de município, desligando-se de São Sebastião do Caí. Foram nomeados um intendente que dirigia todos os serviços e sete membros responsáveis pelos meios de execução dos serviços. A partir de então, os imigrantes começaram a participar da vida política, às vezes atuando de modo violento contra os intendentess.

Segundo Duminiense Antunes¹⁶, Caxias do Sul possuía quatro distritos: Vila ou Sede (primeiro distrito), Nova Trento (segundo distrito), Nova Vicenza (terceiro distrito) e Nova Pádua (quarto distrito). Mas, pelo Decreto nº 2.822, de 23 de junho de 1921, o município foi acrescido pelo núcleo colonial de São Marcos (quinto distrito), que pertencia a São Francisco de Paula de Cima da Serra.

Porém, em 17 de maio de 1924, de acordo com Claudino Antonio Boscatto¹⁷, “A Federação” (órgão oficial de divulgação do Governo do Estado) publicou a criação do novo município de Nova Trento, o 73º do Rio Grande do Sul, pelo Decreto nº 3.320, de 17 de maio de 1924. A notícia da criação do novo município, enviada pelo próprio presidente do Estado da época, Antônio Augusto Borges de Medeiros, foi recebida pelo Capitão Joaquim Mascarello, líder da comissão emancipacionista e demais membros.

¹⁵ ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**: 1864-1970. Caxias do Sul: São Miguel, 1962. p. 370.

¹⁶ ANTUNES, Duminiense Paranhos. Documentário histórico do município de Caxias do Sul 1875-1950. **Comemorativo do 75º aniversário da colonização**. Caxias do Sul: São Leopoldo: Arte Gráfica, Comércio e Indústria S.A., 1950.

¹⁷ BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos**: pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 196.

Assim, Caxias, em 1924, perdeu os distritos de Nova Trento e Nova Pádua e o povoado de Marcolina Moura, os quais formaram o atual município de Flores da Cunha, que passou a administrar suas riquezas e vida política de forma independente. Porém, torna-se válido destacar que os dois municípios, por terem como base os mesmos costumes e tradições, têm características que permaneceram praticamente idênticas.

No início da colonização, os imigrantes não tiveram condições iguais. Houve uma diferenciação na distribuição dos lotes, no valor da dívida colonial e nas condições físicas dos terrenos. O isolamento dos primeiros anos favoreceu o surgimento das primeiras atividades rentáveis dos colonos. Então, os que tinham outras profissões passaram a exercer seu trabalho, tanto nos núcleos ou sedes coloniais como nos travessões e nas linhas, onde residiam (interior).

Nos lotes coloniais, as culturas produzidas eram diversificadas, os colonos obtinham a maioria dos produtos necessários para a sua sobrevivência. Essa realidade continua existindo no interior de Flores da Cunha, segundo Adiles Ferrarini Deboni, residente no Travessão Alfredo Chaves. Como ela afirma:

A vida assim, como que é? É de tu ir... levantar, ia fazer as coisas, os serviços de casa, cuidar das vacas, dos porcos, das galinhas. E, depois ia para a roça... trabalhar. Plantar batata, milho, trigo, feijão... plantar tudo. Depois ajudar nas parreiras... podar, amarrar a parreira, sulfatar. Depois vinha a colheita da uva. Ainda, tem aquela horta, cuidar da horta [...].¹⁸

Também os relatórios dos cônsules italianos revelavam que “em pouco tempo após a fixação do colono a terra, os produtos agrícolas e agropecuários se diversificavam. Plantava-se além do trigo, vinhas e milho, árvores frutíferas, feijão, aveia, cevada e arroz. O colono plantava produtos para seu consumo e o excedente deveria ser comercializado”.¹⁹

Complementa, ainda, a historiadora Loraine Giron que a atividade mais rentável para alguns imigrantes passou a ser o comércio, que através da compra e venda de produtos coloniais propiciou a obtenção de lucros, os quais geraram a acumulação primitiva de

¹⁸ Depoimento de Adiles Ferrarini Deboni. Flores da Cunha, 06 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo B.

¹⁹ GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: ParLenda, 1994. p. 33.

capital. Já os colonos se dedicaram ao plantio e cultivo de videiras, as quais foram bem-sucedidas devido à frutificação precoce e abundante. Tal produção expandiu-se tanto que com o excedente surgiram as cantinas, as quais, na verdade, não enriqueciam os colonos. Porém, os intermediários ficaram muito ricos, pois as trocas realizadas nas casas comerciais nunca eram favoráveis aos colonos.

Todos os agricultores pensavam apenas na sobrevivência, produzindo tudo o que fosse necessário, exceto o açúcar, o café, o sal e os tecidos para o vestuário. A produção de parreiras predominava na localidade, mas causava sofrimento e desânimo, porque não existiam cantinas bem montadas, estradas e veículos para transportar a uva. Faziam o vinho nos porões das casas de forma precária, e devido a isso o vinho muitas vezes estragava. Essa preocupação existia também no município de Flores da Cunha, como aponta o depoimento de Adiles Ferrarini Deboni, que vivenciou essa condição de dificuldades na colônia.

A gente, naquela época trabalhava com a uva... vendia a uva e o dinheiro ficava na cantina... E, daí tu ia pegar, conforme o dinheiro que precisava... até sem juízo e sem nada. Sempre acabava perdendo. Não tinha controle [...]. Ganhava e conforme precisava ia pegar. Só que às vezes, meu pai ia pegar dinheiro... ele vinha de volta sem o dinheiro. Porque a cantina não dava [...] quando ele ia pra lá (em Caxias do Sul), pra pegar dinheiro e não davam, não tinha progresso. O vinho não era vendido, assim, em grande quantidade... Era muito pequeno, não tinha como. O vinho ficava meio que parado. Conforme que eles vendiam o vinho... eles pagavam. Quando que ele (o pai) ia lá e davam aquele pouquinho de dinheiro ou vinha pra casa, às vezes, sem nada. Então tudo se tornava difícil... Era lá, mesmo, o ponto que a gente tinha que trabalhar... plantar de tudo... tudo o que tu comia, tudo pegava na roça. Plantava de tudo... Pra sobreviver... A gente tinha os animais... vaca de leite, os porcos, as galinhas. A gente criava tudo e a gente tinha banha, ovo, praticamente, a comida, mas tinha que se virar... a horta... na horta tinha tudo. Tinha que ser tudo bem controlado, para não faltar... porque se não... dinheiro era pouco, bem pouco.²⁰

Pela importância fundamental destinada ao mundo do trabalho, as questões ligadas à educação e cultura foram relegadas a um segundo plano. Diante disso, a “instrução não era considerada como ‘ganha-pão’ [...]”. Trabalho e religião eram valores fundamentais presentes nessa região [...] e, em um segundo plano, vinha a questão da educação”.²¹

²⁰ Depoimento de Adiles Ferrarini Deboni. Flores da Cunha, 06 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo B.

²¹ VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. p. 89-90.

O essencial era a sobrevivência, porém, mesmo com as condições sociais melhorando, com o tempo a formação educacional não recebeu o devido destaque, principalmente a relacionada à escolaridade das meninas. Por isso “a escola foi [...] um espaço de reprodução da relação de dominação do homem sobre a mulher e, consequentemente, sobre as filhas”.²² Existia apenas a preocupação com a manutenção da tradição patriarcal e com o aprendizado da doutrina e das orações católicas. Rovílio Costa e Arlindo Battistel, em sua obra, reproduziram o depoimento de Lúcia Bavaresco, que aponta de forma esclarecedora esta dominação:

[...] “a senhora foi à aula?” Nenhum dia. O pai não me deixou. Disse-me que não precisava para as mulheres. Só para os homens. Era só trabalhar. Eu era a mais velha, tinha treze irmãos e não dava pra ir à aula. [...] o pai não me deixou ir à aula, embora eu gostasse. Se me tivessem mandado, eu aprendia e bem, pois eu gostava, mas não me deixaram. Achavam que às mulheres não era necessário.²³

No início do século XX, com o aumento do ensino público e a fundação de escolas religiosas, as escolas italianas (sendo privadas) não recebiam subsídios do governo italiano e, aos poucos, iam desaparecendo, sendo raras as que conseguissem manter-se. Essas escolas italianas tiveram vida curta, mas seu papel foi importantíssimo para a manutenção da língua, dos costumes e das tradições trazidas da Itália. No começo da colonização, a situação era ainda pior. Nem escolas, propriamente ditas, existiam, “então, quem tivesse vindo da Itália com um pouco de instrução, aqui ensinava às novas gerações”.²⁴

Naquela época, a população rural não tinha a preocupação de mandar os filhos para a escola, a qual era substituída pelo trabalho desde muito cedo. Para Cerenita Stuaní Mezomo, essa foi uma realidade cruel a que foi submetida, pois nunca pôde estudar diante do compromisso de cuidar dos irmãos e de trabalhar. “É... não deu pra

²² VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. Porto Alegre: EST, 1998. p. 107.

²³ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 1982. p. 351.

²⁴ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 1982. p. 606.

estudar, porque tinha que trabalhar. [...] Tinha muitos irmãos para cuidar... era uma tropa”.²⁵

Os filhos eram um reforço na mão de obra empregada na colônia, diante da impossibilidade financeira de contratar trabalhadores assalariados. Segundo Rovílio Costa e Arlindo Battistel, a

[...] escola destinava-se a aprender a ler, escrever e contar [...]. A falta de escolas, na colônia, fez com que a primeira geração de descendentes apenas aprendesse a ler, geralmente por intermédio do professor da capela ou através de algum familiar ou vizinho. O número de analfabetos foi considerável, especialmente entre as mulheres, que não tinham os compromissos diretos da vida agrícola, como os homens. A maioria é semianalfabeta, porque sem condições para estabelecer relações culturais, pela leitura e pelo estudo [...].²⁶

A sociedade que se formou na Região Colonial Italiana, com a chegada dos imigrantes, organizou sua base sobre os costumes patriarcais e religiosos trazidos da pátria-mãe. Eles foram tão fortes que se enraizaram e permanecem até hoje, interferindo no cotidiano das pessoas, principalmente na zona rural. A Igreja valeu-se enormemente do poder adquirido nos primeiros tempos para ditar regras e condutas morais que deveriam ser seguidas pela população.

²⁵ Depoimento de Cerenita Stuani Mezomo. Flores da Cunha, 21 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo G.

²⁶ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 2004. p. 116.

⊞ Patriarcalismo

Os colonizadores italianos, ao chegarem à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, difundiram seus costumes e tradições, bem como o modelo familiar padronizado que seguiam na Itália, em que o homem (marido ou pai) detinha todo o poder sobre a família. Para Cleci E. Favaro, a transferência às novas áreas de imigração

[...] teriam se constituído em grande medida no espaço “ideal” – dada as condições de isolamento a que viviam sujeitas as numerosas famílias durante longo tempo após sua instalação – não só para a repetição/imitação do modelo familiar e social secularmente conhecido (patriarcalismo) como também para o seu recrudescimento.²⁷

A Igreja aproveitou-se da “situação singular” em que os imigrantes se encontravam para “ocupar um espaço temporariamente desarticulado, diante do que se poderia qualificar de ‘vazio do poder’”.²⁸ Ou seja, durante o percurso do porto de Gênova (Itália) até os lotes coloniais na Serra Gaúcha, ocorreu uma espécie de desestruturação das relações familiares marcadas pelas dificuldades encontradas, pelas incertezas quanto ao futuro e, até mesmo, por profundas perturbações pessoais. Porém, há muito a relação familiar, embasada na união de um casal, existia na Europa e foi mantida pelos colonizadores. Segundo Engels, houve “uma série de transformações, resultando na monogamia. Essas modificações são de tal ordem que o círculo compreendido na união conjugal comum, e que era muito amplo em sua origem, se estreita pouco a pouco até que, por fim, abrange exclusivamente o casal isolado, que predomina hoje”.²⁹

²⁷ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 199.

²⁸ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 222.

²⁹ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 31.

Quando os imigrantes já estavam estabelecidos em seus lotes coloniais, reiniciaram suas vidas, e tão logo o pai reassumiu sua posição de autoridade na família. Na disputa pelo poder, o Chefe da família – o pai – acabou adquirindo maior destaque. Assim, ressurgiu o patriarcalismo. Esse modelo foi sendo fortalecido através dos tempos e chegou até os dias de hoje, como se pôde observar no depoimento de Cerenita Stuari Mezomo, residente na Linha Oitenta, município de Flores da Cunha. Ela confirma o poder que o patriarca exercia sobre a família, principalmente nos assuntos relacionados aos negócios: “Na casa da senhora... na época, mais a respeito dos negócios... quem era que cuidava dessa parte... era a mãe ou o pai?” Era ele... o pai. ‘Sempre o pai?’ Sempre”.³⁰

Para Maria Aparecida Moraes Silva, o poder masculino centrava-se na figura do pai-marido-patrão. Muitos depoimentos por ela analisados demonstraram que a autoridade do homem podia ser expressa pelo simples olhar, não havendo necessidade de eles proferirem sequer uma palavra. Dessa forma, a “autoridade [...] perpassava todo o tecido social, de tal maneira que as mulheres e filhos estavam sujeitos a um conjunto de normas e valores sociais que reforçavam o domínio e poder dos homens”.³¹

Em partes, a explicação da origem do predomínio do homem sobre a mulher encontra-se nos estudos de Engels. Para ele, “as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família e, por outro lado, [...] valer-se dessa vantagem [...] em proveito de seus filhos”³². Seria importante aos homens o predomínio sobre uma mulher para garantir o direito de herança aos filhos dessa “união”. Para isso ocorrer, a única forma seria combater a ideia de filiação materna. A partir de então, o homem passou a dominar a propriedade e, por extensão, a família. Tornou-se “o Chefe”, ou seja, aquele que “decidia sobre os negócios, sobre as terras e sobre a colheita”.³³

³⁰ Depoimento de Cerenita Stuari Mezomo. Flores da Cunha, 21 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo G.

³¹ SILVA, Maria Aparecida Moraes. Da colona a boia-fria. In: PRIORE, Maria Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 558.

³² ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 59.

³³ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto: operárias de Caxias do Sul/1900-1950**. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 68.

O poder do masculino passou a ser bem mais abrangente, chegando a rebaixar e denegrir a imagem da mulher. Nesse âmbito, à figura feminina relegou-se a um papel de submissão e obediência. “O desmoronamento do direito materno (foi) a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da casa, a mulher viu-se degradada, convertida em servidora”.³⁴ Essa baixa condição da mulher, desde os tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e até revestida de formas mais suaves, mas de modo algum suprimida. Ainda, para Engels, “as coisas mudaram com a família patriarcal [...] o governo do lar perdeu seu caráter social. [...] se transformou em serviço privado; a mulher converteu-se em primeira criada”.³⁵ Compartilhando desse pensamento, Michelle Perrot complementa que, “na família, o poder principal continua a ser do pai, de direito e de fato [...] sobre a mulher e os filhos”.³⁶

Na Itália, a estrutura familiar consistia no poder inquestionável do patriarca. E o patriarcalismo foi implantado também na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Entretanto, a Igreja, que já ocupava um papel de destaque, passou a ter ainda mais prestígio e poder através do embasamento fornecido a esse modelo dominante. Com isso,

[...] o colono italiano, profundamente crente e católico, acostumado a ver na religião o centro de todas as suas atividades; acostumado [...] a assistir às cerimônias religiosas nas suas belas igrejas; [...] frequente aos Santos Sacramentos – por certo não se teria fixado nessas regiões desertas se não tivesse, em seu seio, o sacerdote que o auxiliasse [...] e, acompanhando o imigrante, no meio dele levantou sua tenda, como seu chefe, guia, orientador e conselheiro nato.³⁷

Em um casamento norteador por princípios patriarcalistas, o parceiro “dominado” (ou seja, a mulher) não encontrava espaço para expor seu modo de ser e de pensar. Segundo a autora Marlene Tamanini, a mulher era submetida ao marido, pois seu “desejo não

³⁴ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul/1900-1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 31.

³⁵ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 80.

³⁶ PERROT, Michelle. **Os excluídos**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottman. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 180.

³⁷ BERTASSO, Henrique D'Ávila; LIMA, Mário de Almeida (org.). **Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul**: órgão oficial da Festa da Uva e Exposição Agroindustrial – 1950. Porto Alegre: Revista do Globo S.A., 1950. p. 239.

contava, deste ponto de vista, devia ser anulado para que se encontrassem caracterizados os desejos de quem mandava ou coordenava. Enfim, de quem tinha o poder”.³⁸

A Igreja Católica foi a instituição que sustentou os alicerces do patriarcalismo, valendo-se de passagens contidas na Bíblia, como no Gênese, para legitimar o poder masculino: “o homem domina, intermediário entre Deus, fonte da sabedoria, a quem deve obedecer, e a mulher que ele deve comandar. [...] oriunda dele, portanto lhe é substancialmente semelhante; mas, sendo apenas uma pequena parte dele, [...] lhe é sujeita”.³⁹ No jornal *Correio Riograndense*, que segue orientações da Igreja Católica, foi publicado, em 1991, um artigo confirmando essa posição defendida:

[...] na interpretação do primeiro livro da Bíblia explicou a mulher como um ser em “segundo lugar”, depois do homem, saída do homem. O homem seria cabeça da mulher, e a mulher seria sua “ajuda” e complemento para o homem. Isso justificou uma sociedade machista até hoje. [...] Enquanto a “mãe” seria do “lar”, doméstica. A dominação masculina talvez tenha tomado uma falsa base biológica para se justificar: o homem apropriou-se da geração dos filhos pensando-se como único gerador [...].⁴⁰

O comportamento ideal dos cônjuges obedecia a um padrão norteado por regras impostas pela Igreja. O homem ocupava uma posição de destaque na sociedade, enquanto a mulher permanecia à sombra do marido. Esse modelo de relações matrimoniais foi determinado pela moral cristã, pois

[...] já estava há séculos desenvolvida uma aguda desconfiança em relação à mulher e ao prazer: a mulher – ser frágil, apêndice e reflexo da figura masculina – era um ser inferior ao homem, devendo ser mantida na condição de submissão e obediência. O homem criado “a imagem e semelhança de Deus” constituía-se no ser perfeito, enquanto a mulher era “um macho mutilado”, incapaz das mesmas ações e pensamentos.⁴¹

Para a Igreja, no passado medieval, a mulher era a própria encarnação do mal, cuja função reduzia-se a desvirtuar os homens de bem. Ou seja, ela utilizava táticas de sedução para envolvê-los e usurpar-lhes a tranquilidade tão necessária à manutenção do papel de mantenedores da ordem e dos bons costumes. O clero tentava

³⁸ TAMANINI, Marlene. Doméstico: produto da história e efeitos do discurso. **Revista da FEBE – Mulher e feminismo**, Santa Catarina, n. 02, p. 147, 1997.

³⁹ DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 49.

⁴⁰ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 83, n. 4219, 01 mar. 1991, p. 10-11.

⁴¹ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 55.

controlar a mulher a todo custo, inculcando-lhe o medo. A confissão passou a ser o poderoso instrumento de manipulação e controle nas mãos do padre católico. A fim de reforçar essa posição, Marisa Formolo Dalla Vecchia esclarece que o “domínio [...] foi fortalecido pela Igreja, [...], pelo papel do padre, pela constante presença do espírito religioso nos imigrantes e pela forte mentalidade patriarcal da sociedade”.⁴²

Conforme Rose Marie Muraro, a instituição de uma sociedade estruturada no poder, no controle e na competição foi produto do sistema patriarcal. A mulher foi relegada a uma situação vulnerável e dependente, “associada a tudo aquilo que ficara para trás, em eras anteriores [...] a mulher passou a ser vista como fonte potencial de perturbação da ordem e, portanto, necessariamente incluída no universo das coisas que precisam ser normatizadas”.⁴³

No discurso clerical não se admitia a igualdade entre os dois sexos, pela lei de Deus e da Natureza, primeiro surgiu o homem e depois a mulher. Assim, ela possuía uma posição inferior devido a ser a segunda criatura humana criada. A primeira mulher, Eva, surgiu de uma costela torta de Adão, e todas as mulheres são suas herdeiras e, por isso, criaturas dependentes do homem, imperfeitas. A mulher conseguiu uma chance de resgatar-se de sua condição de inferioridade e imperfeição no momento em que passou a se casar, através do ritual cristão, da tutela de um homem. Mas, mesmo assim, não obteve garantia alguma de concentrar o poder de decisão. Este ainda pertencia ao homem – no caso, o marido. Assim, “o casamento, [...] constituía, portanto, uma ‘transação privada, um negócio realizado entre dois chefes de família’; um real, o pai da moça, e outro virtual, o futuro marido”.⁴⁴ Foucault complementava, ainda, que somente com o casamento o homem efetivamente tornou-se o “Chefe da família”.⁴⁵ Dessa forma, legitimava-se o surgimento de

⁴² VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. Porto Alegre: EST, 1998. p. 107.

⁴³ MURARO, Rose Marie. História e feitiçaria. In: LOPEZ, Luiz Roberto. **História da inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 48.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 79.

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 135.

uma “autoridade” exercida em casa, ou seja, no seu local próprio de aplicação.

São Tomás de Aquino acreditava que a mulher necessitava do homem não apenas para procriar, mas também “para governar, pois este se mostrava mais perfeito por sua razão e mais forte por sua virtude”.⁴⁶ Pelos livros sagrados, a mulher até poderia auxiliar o homem, mas nunca seria considerada igual a ele. Portanto, a ideia da igualdade absoluta de direitos entre o homem e a mulher, na visão da Igreja, tornava-se impossível, assim como

[...] igualar a mulher ao homem em tudo, sem sombra alguma de inferioridade e de submissão. Esta teoria é falsa, por ser contrária a lei de Deus – à lei da natureza. A própria natureza marcou [...] o lugar e a missão da mulher na Terra. O seu lugar é o lar doméstico, a sua missão é ser mãe de seus filhos [...] é impossível cuidar do governo e dos filhos ao mesmo tempo [...].⁴⁷

O poder do masculino foi evoluindo e impondo-se gradativamente através dos séculos (sempre apoiado pela Igreja). Coube à mulher assumir a posição de obediência, de submissão, de tornar-se espiritual, desprovida de desejos carnis e de prazer. Passou a ser fêmea, cumprindo seu papel de satisfazer os ímpetus sexuais do marido e evitando que ele procurasse outras mulheres. Em suma, cumpria um dever para o bem da família.

Reforçando a questão do poder dos homens, a autora Osmarilda dos Santos Valle destaca que “os conceitos e valores patriarcais [...] apontavam diretrizes, marcavam espaços, enfim, citavam regras e faziam valer as suas considerações”.⁴⁸ Por isso, conforme Cleci E. Favaro, na família, os laços conjugais não podiam mais ser interrompidos pela simples vontade de qualquer das partes. A relação matrimonial passou a ser “vigiada pelos olhos atentos” do clero e da própria sociedade, que seguiam as normas patriarcalistas.

Aplicação do patriarcalismo no interior de Flores da Cunha

A doutrina patriarcalista regravava o cotidiano das famílias que formavam a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, ditando

⁴⁶ BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. In: LOPEZ, Luiz Roberto. **História da Inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

⁴⁷ CORREIO RIOGRANDENSE. Garibaldi, ano 36, n. 40, 31 out. 1945. p. 01.

⁴⁸ VALLE, Osmarilda dos Santos. A mulher na história: da dominação a emancipação. **Revista da FEBE – Mulher e feminismo**, Santa Catarina, n. 02, p. 161, 1997.

um comportamento considerado ideal, marcado pela submissão feminina e pela obediência dos filhos ao pai. A família tornou-se a instituição que mais agregou os elementos patriarcais; nela encontrava-se o cerne do patriarcalismo. A própria “divisão natural dos papéis” na família relegou ao homem a função de “refrear os instintos da mulher, por se constituir esta numa ameaça”.⁴⁹

A doutrina cristã contribuía para a manutenção do patriarcalismo com a sustentação da condição inferiorizada da mulher: submissa e obediente. Portanto, a moral cristã tornou-se a base da estabilidade familiar, essencial na formação dos indivíduos. Essa mentalidade acabou estendendo-se até a atualidade, como afirmou Inês Garibaldi Giotti, moradora do interior de Flores da Cunha, em seu depoimento: “Então fui indo... fui aceitando tudo. [...] o meu marido é... Não tem jeito... é como antigamente. É tudo ele... ele que manda. Tu não pode falar nada e sempre foi tudo nas mãos dele... sempre tudo com ele, na mão dele”.⁵⁰

O cotidiano familiar na região era (e ainda é) marcado pela padronização dos costumes patriarcalistas que surgiram quando os imigrantes chegaram. Com o tempo, essa estrutura passou por reformulações que minimizaram o poder absoluto dos homens, mas, mesmo assim, a tendência de a família ser controlada pelo “Parón” (Patrão) ou o “Chefe” ainda existe, e este possui um poder muito forte. Ou seja, o homem exerce o controle da casa e a esposa, acostumada a obedecer ao pai, continua obedecendo ao marido. Para Inês Garibaldi Giotti, pode-se perceber que a contestação da autoridade suprema do esposo simplesmente não existia. As atitudes que a mulher deveria tomar eram de abaixar a cabeça, ficar quieta e obedecer. Seu marido é do

[...] tipo que manda em casa... “o galo”. Eu tento dizer [...]: “Vamos fazer, lá, desse jeito...” Mas, ele me diz: “Tu quer mandar mais do que eu?” Mas, de um outro jeito... até tu pode colocar... de um jeito bem grosso mesmo. Ele diz: “Não é tu... quem canta aqui... é o galo... se tu não quiser assim... tu pode ir embora... pega tuas tralhas e vai [...]”. Daí eu fico quieta.⁵¹

⁴⁹ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul – 1900/1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 67.

⁵⁰ Depoimento de Inês Garibaldi Giotti. Flores da Cunha, 14 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo E.

⁵¹ Depoimento de Inês Garibaldi Giotti. Flores da Cunha, 14 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo E.

O espaço público foi um monopólio dos homens durante muito tempo, ou seja, eram eles que dominavam o mundo dos “negócios”. Assim,

[...] criou-se uma pedagogia de especialização de atividades dentro do lar: ao esposo cabia a administração [...] e à esposa, os afazeres domésticos, a criação e educação dos filhos. Para as grandes decisões [...] como casamentos, ingresso na vida religiosa ou sacerdotal tornava-se necessário o consentimento do pai, em geral, com força de decisão exclusiva.⁵²

Enfim, a decisão final sobre qualquer acontecimento marcante era do patriarca, mesmo que os filhos tivessem relações mais abertas com as mães. Isso se comprova através do depoimento do sacerdote Raimundo Costella, quando afirmou que, ao apresentar o desejo de seguir a vida religiosa, comunicou sua mãe, porém ela imediatamente foi consultar o marido.

Eu já tinha um irmão, que já havia saído de casa para ser religioso... para ser capuchinho missionário. E, eu, um dia, disse para a mãe que também eu queria... ser missionário. E, a mãe disse que eu não deveria escolher esta carreira porque era difícil... mas, eu, assim mesmo, sustentei e disse pra ela, aos doze anos... aos meus doze anos... disse pra ela que eu também queria ir... e insisti. Ela depois falou com o pai. E, então o pai também diz: “Olha, já que temos doze filhos... um ou dois, não importa que fosse. Basta que depois sigam este caminho... esta decisão, esta vocação”.⁵³

Alice Gasperin, em suas memórias, também percebeu essa grande influência do patriarcalismo na região: “os chefes de família italianos sentiam a sua responsabilidade com a família. Sabiam também manter autoridade em sua casa”.⁵⁴

De acordo com Inês Garibaldi Giotti, havia o predomínio do pensamento patriarcal, principalmente em relação à função servil da mulher, muitas vezes assumindo as tarefas que seriam exclusivas dos homens, porém nunca na tomada de decisões.

[...] eles disseram... “deixa ele pegar a toalha de banho... deixa ele fazer as coisas...” Mas não adianta... não vai, não faz. Larga a toalha de banho lá no chão... tudo jogado. E, o pior, que além disso, quando ele quer uma coisa... quer que esteja arrumada na hora. Por exemplo, a roupa... ele pode jogar, mas quando ele vai procurar para encontrar... ele quer que esteja arrumada... porque senão ele diz: “Por que que tu não fez?”. Por isso eu devia largar de mão um pouquinho a colônia. Eu ajeito tudo... mas, só que... ainda mais quando eu tinha o tio lá... o tio vivo que era doente... quando eu tinha as crianças mais novas. Agora eu estou num lugar bem mais organizado. E ainda, de noite faço

⁵² BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1982. p. 49.

⁵³ Depoimento de Frei Raimundo Costella. Flores da Cunha, 03 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo A.

⁵⁴ GASPERIN, Alice. **Lembranças da colônia**. Porto Alegre: EST, 2000. p. 169.

agnolini para vender. Não tem... às vezes eu vou fazer faxina. Às vezes eu vou, por exemplo, me chamam para tirar milho... e daí eu vou.⁵⁵

Para Claudino Boscatto, morador do município de Flores da Cunha, esse tipo de comportamento masculino era extremamente degradante às mulheres que se dedicavam à casa, à sua família e, inclusive, ao marido. Em sua obra, deixou clara a indignação que sentia: “quanto ‘machismo’! [...] E quanta discriminação contra nossas mães e avós! [...] E por mais incrível que pareça, este sistema ‘machista’ e discriminatório ainda perdura nos dias de hoje, nas famílias”.⁵⁶

A família sempre ficava excluída dos assuntos de trabalho e, conseqüentemente, do que acontecia fora das “quatro paredes da casa”. E, mantendo a ignorância dos membros da família, ninguém jamais pensaria em contestar o modelo vigente. Identificou-se a existência desse tipo de discurso nas palavras de Olema Stuani Ferrarini, quando afirmou que não adiantava dar opiniões sobre o trabalho do marido, pois ele sempre fazia como acreditava ser o ideal. “Ele é mais autoritário... ele gosta mais de ir atrás dele... ele que faz tudo. ‘O marido não quer ouvir a opinião da senhora?’ É. Às vezes ele pede... mas, no final, ele toma a decisão e deu!”.⁵⁷

Na colônia, a dominação do “Chefe da casa” tornava-se ainda mais acentuada. O sacerdote Raimundo Costella constatou que era (e, ainda é) costume corrente chamar o marido de “o Chefe” ou “o Cabeça” da família, pois era ele, e somente ele, quem detinha o controle das finanças: administrava a renda e as despesas.

Olhe... aqui praticamente ainda é o homem quem manda... é “o Cabeça”. Não digo que a mulher seja escrava, não... acho que não. Dificilmente aqui, em nossa Paróquia de Flores da Cunha, a gente possa dizer que a mulher é escrava. Mas é muito dependente do homem. O homem que é “o Cabeça”. Então, o que o homem decide... praticamente está decidido na família, na comunidade... Não se pode dizer que a mulher é escrava, mas ela é muito dependente. “Então, o senhor acha que se mantém ainda até hoje?” É sim. Não se tem esse partilhar caminho... o homem ainda seria “o Cabeça”, seria o Chefe da família. Então... quando a mulher tem dificuldade diz: “Peça para o pai. Vá lá para o pai... diga para o pai.” Então quem comanda em casa é mais o pai.⁵⁸

⁵⁵ Depoimento de Inês Garibaldi Giotti. Flores da Cunha, 14 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo E.

⁵⁶ BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos**: pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994, p. 46.

⁵⁷ Depoimento de Olema Stuani Ferrarini. Flores da Cunha, 06 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo C.

⁵⁸ Depoimento de Pe. Raimundo Costella. Flores da Cunha, 03 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo A.

Já para frei Darci Vazatta, a legitimação da dominação do homem estava ligada a uma orientação dada pela própria Igreja, aliada à questão cultural advinda da colonização italiana.

“Até algumas passagens da própria Bíblia, por exemplo, a questão do Gênesis... coloca ou define, enfim... o patriarcalismo. O que o senhor teria pra me dizer sobre isso? Teria alguma relação com... com essa função que os homens, mais do interior... a gente percebe... de querer ser o Chefe da família. O senhor acha que é uma coisa bem comum?” Eu diria... que a própria orientação religiosa, dada pela Igreja, no passado, foi um tanto nesta linha. [...] poderíamos dizer, em outras palavras. Então até a orientação da Igreja, no passado, acontecia um pouco nesta direção. Porque um pouco é da cultura. A gente sabe que a cultura do italiano que é predominância, ainda em Flores da Cunha... é que o homem era “o Cabeça”... era o pensante, é aquele que tomava as decisões... aquele que... tinha melhor condições, por causa da convivência com outros, dos ambientes que frequentava de... saber a questão de valores... da mercadoria a ser vendida... assim por diante. Então era aquele que mais se mantinha atualizado. Ele que se qualificava, se capacitava para gerenciar os negócios da família, enquanto a mulher, ela tinha uma outra função... era o cuidado com o lar especificamente e um trabalho complementar depois, nas outras atividades. Mas dentro das possibilidades... Então, devido à formação, já era uma coisa quase que natural [...] o homem ser o pensante, o cérebro da família, e a mulher ser a administradora do lar [...].⁵⁹

Na verdade, essas ideias agregaram-se ao caráter divino apenas para conseguir credibilidade. Ou seja, os pensadores da doutrina cristã acreditavam que essas interpretações podiam perpetuar e tornar o patriarcalismo incontestável, afirmando que Deus as teria idealizado. A população raramente percebia o quanto era manipulada. O costume das famílias de estarem ligadas à Igreja foi responsável pela consolidação dessa instituição. Assim, o modelo da autoridade masculina vigente manteve-se inabalável até os dias atuais.

O sistema patriarcal implantado na região com a chegada dos primeiros imigrantes foi mantido e tornou-se ainda mais rígido nas décadas posteriores ao assentamento, passando a influenciar o cotidiano familiar, pois todos eram “obrigados” a se curvarem perante as decisões do patriarca. Coube então à mulher e aos filhos acatarem as “ordens” e obedecerem ao “Chefe da casa” sem questionamentos.

⁵⁹ Depoimento de Pe. Darci Antonio Vazatta. Flores da Cunha, 19 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo F.

Igreja: em nome do sistema patriarcal

A Itália, no final do século XIX, estava sofrendo uma grave crise econômica, política, social e demográfica (excesso de população). Nesse contexto, a população mais pobre padecia privando-se das necessidades básicas de sobrevivência. Assim, a hipótese de migração para outros países (entre eles o Brasil) foi favorecida, porque significava possibilidade de melhores condições de vida. Quando as primeiras levadas de imigrantes italianos (a maioria de agricultores) chegaram à Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, depararam-se com o isolamento, devido à grande distância entre os lotes coloniais. A distância, o isolamento, a miscigenação de dialetos, a geografia e os hábitos formavam uma realidade diferente e estranha daquela que conheciam na Itália. Essa situação provocou a união dos colonizadores italianos com a religião. Diante disso,

[...] através do desenvolvimento cultural provocado pela Igreja, os valores da cultura de origem se reproduziram e se mantiveram como ponto de apoio [...]. Esses valores giravam em torno do trabalho familiar e da religião [...]. O trabalho da família era a única fonte de sobrevivência e simultaneamente a garantia da manutenção da pequena propriedade. A Igreja foi o espaço de agregação e convívio humano, de fortalecimento, da solidariedade, da fé que auxiliou esses imigrantes no enfrentamento dos desafios, da miséria, do isolamento e das saudades. Como valor, o padre simbolizou o agente transmissor de conhecimentos básicos em todos os elementos da sociedade.⁶⁰

Na Península Itálica, na época em que os italianos migraram, existiam grandes cidades, e mesmo na zona rural muitas famílias moravam perto. Na chegada ao lote colonial, eles sofreram forte impacto, pois não havia nem sinal de construções ou cidades, somente a mata que cobria as terras que lhes pertenciam. Além disso,

⁶⁰ VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. p. 108.

inicialmente não existia o sentimento de união, através da formação de uma “pátria”, pois os imigrantes italianos tinham dificuldades em se definirem. Ou seja, não se sentiam brasileiros nem poderiam continuar a se denominarem italianos. Nesse ponto, a religião atuou como fator de coerção, pois a maioria professava a fé ou religião católica. Renato Ortiz compreende que

[...] na medida em que a religião tem capacidade de agregar pessoas em escala ampliada, criar laços sociais, ela adquire um poder maior. Enquanto linguagem, ideologia, concepção de mundo, dispersa, mas extensiva a uma grande área territorial, ela vincula os interesses e coordena as ações coletivas [...]. As crenças religiosas, enquanto consciências coletivas aglutinam o que se encontrava antes disperso.⁶¹

Logo formaram-se as primeiras comunidades nos travessões e linhas, e, como havia a preocupação com a religião, os colonos erigiram as primeiras capelas e igrejas. As capelas construídas serviam, segundo Luís Alberto De Boni, “como ponto de referência, ao redor do qual passou a girar não só a vida religiosa, mas também a vida social”.⁶² Com isso, a própria população local organizou-se, traçou normas e escolheu os dirigentes comunitários (fábriqueiros – homens), que se responsabilizavam pelas atividades sociais da capela. Esta, em uma linguagem teológica, como aponta De Boni, foi uma espécie de comunidade eclesial de base. Já a condição das mulheres era bem diferente:

[...] a mulher, na colônia, não participa das grandes decisões da família, em pé de igualdade e em diálogo com os filhos e o esposo, sente-se truncada também na efetiva participação social. Então, numa festa de padroeiro, por exemplo, há mulheres na cozinha, nos trabalhos, mas dificilmente há mulheres nas coordenações de decisão [...].⁶³

Compartilhando dessa visão, Thales de Azevedo concorda com a importância das capelas para a convivência dos imigrantes italianos e seus descendentes. Para ele, “a coordenação social da ‘capela’ é muito mais coerciva, e se mostram melhor institucionalizados os elementos simbólicos como a religião, [...] economia e família. O seu maior intérprete e controlador é o padre”⁶⁴, ou seja, um homem.

⁶¹ ORTIZ, Renato. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 136.

⁶² DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 236.

⁶³ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 72, n. 3735, 11 nov. 1981, p. 12-13.

⁶⁴ AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria e editora Cátedra Ltda., 1982. p. 272.

Na simplicidade e rusticidade em que os colonos viviam, a missa transformava-se em um momento de festa, alegria e confraternização. Deixavam de lado as dificuldades diárias para agradecer a Deus e receber os sacramentos. Na zona rural, seguiam todos juntos para a capela ou igreja com suas roupas domingueiras, cantando e rezando. “O sermão do padre, nas festas e nas missas [...], era o ponto central da liturgia. Ouvido com interesse por uma população que não dispunha de qualquer recurso de comunicação”.⁶⁵

Luís Alberto De Boni⁶⁶ afirmou que o único sistema de referência era o sagrado, legitimando, assim, as normas e os valores religiosos, por isso a importância de a capela ser construída em cada linha ou travessão. E ainda hoje elas são o fundamento de toda a atividade religiosa e social na zona rural.

A dominação que a Igreja exerceu sobre o imigrante consolidou-se facilmente, pois o catolicismo era a crença dominante em quase todas as famílias que formaram a Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Com essa hegemonia, ficou fácil impor ao povo as suas leis, suas regras, seu modo de vida. Diante desse quadro, “famílias de pequenos proprietários, vivendo do trabalho da terra, num ideal fugaz de vida que beirava o subconsumo, tudo isto sob a benção e vigilância da Igreja, estes colonos pareciam oferecer as mais propícias condições para a criação de algo assim como um estado cristão”.⁶⁷

Dessa forma, coube ao próprio clero a perpetuação da rigidez das normas e dos costumes. Para Favaro, os sacerdotes passaram a controlar a sociedade através do discurso moralista instalado nas famílias. Estas representavam o núcleo social e econômico no qual havia a “obrigação de se manter a coesão interna e a imagem externa a qualquer preço”.⁶⁸ Em suma, por orientação da Igreja, a moral

⁶⁵ DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes/UCS, 1984.

⁶⁶ DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 236-237.

⁶⁷ DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 242.

⁶⁸ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950**. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 229-230.

cristã era dignificada como a base insubstituível da estabilidade familiar e, por consequência, da sociedade.

Os clérigos detinham muita importância, e eles próprios autoafirmavam-se superiores aos demais. Pôde-se comprovar isso através da carta pastoral de D. José Baréa, em saudação à Diocese de Caxias do Sul:

[...] o sacerdote é o eleito dos eleitos, pois Jesus Cristo o escolhe dentre o seu povo eleito, o consagra para seu serviço especial, [...]. A missão do sacerdote é [...] promover os interesses divinos e humanos. O sacerdote é o homem de Deus. Ele se aproxima, mais do que ninguém, ao trono do Altíssimo. Quanto mais de perto alguém é chamado a servir uma alta personagem, tanto maior é a sua dignidade, tanto mais elevada a honra e a estima que o cerca. Deus Nosso Senhor reparte, por assim dizer, as grandezas de seu trono com o sacerdote [...], e por isso, dá-lhe o direito de receber e exigir as honras devidas à sua alta investidura. [...] o sacerdote é o seu mestre, o seu magistrado, o seu príncipe, o seu reitor. Ele faz às vezes de Jesus Cristo, exerce as mesmas funções, participa do mesmo poder, goza da mesma autoridade, tem direito ao mesmo respeito [...]. O sacerdote foi, é e sempre será o maior esteio da paz e da ordem social.⁶⁹

A influência do clero na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul foi (e ainda é) muito presente, principalmente nas comunidades interioranas. Em artigo publicado no jornal *O Florense*, em 1987, Estela Maris Araldi Fontana percebeu que

[...] a população rural, composta por famílias de pequenos proprietários, ainda vive do trabalho da terra, onde a vida social é determinada pela vida religiosa. A religião é o polo catalisador de toda a comunidade rural, através da participação dos fiéis nos cultos, sacramentos, procissões e festas, onde “num clima como este, os valores religiosos e sua expressão normativa tendem a se tornar os valores sociais” [...].⁷⁰

Na época da colonização, a Igreja, além de ser representante da união dos colonos e de toda forma de comunicação e cultura, também era praticamente a única forma de ascensão social. Para muitos descendentes italianos que viviam presos à terra, em pequenas propriedades rurais, pobres e sem grandes expectativas, seguir uma carreira eclesiástica abrangia muito mais do que a vocação. Era uma forma de adquirir um *status* mais elevado, e isso “praticamente só na Igreja. Num ambiente sacral, onde o padre e a freira eram pessoas das mais consideradas”.⁷¹ Dessa forma, a Igreja conseguiu conservar uma mentalidade europeia entre a população colonial, já

⁶⁹ O MOMENTO, Caxias do Sul, ano IV, n. 59, 02 mar. 1936, p. 03.

⁷⁰ O FLORENSE, Flores da Cunha, ano 01, n. 08, 07 jan. 1987, p. 06.

⁷¹ DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 243.

que os próprios padres ordenados haviam sido educados e formados em noviciados da região. Muitos deles, inclusive, nasceram e foram criados no ambiente simples do meio rural.

Com o tempo, os sacerdotes tornaram-se influentes na instituição e responsáveis pela manutenção e perpetuação dos costumes e tradições no modelo europeu, até mesmo o patriarcal. Não tardou muito para que as Ordens Religiosas da Europa viessem se instalar na área colonial. Por exemplo, “em 1903, o grupo dos Capuchinhos era de 54, trabalhando todos entre os colonos italianos. Os missionários se tornaram os homens que tudo decidiam na região”.⁷²

Em Flores da Cunha, município da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, não seria diferente. Na primeira oportunidade que teve, ainda quando a localidade era apenas um distrito da Colônia Caxias, o pároco local quis garantir a permanência dos Capuchinhos. Para tanto, segundo Rovílio Costa e Luís Alberto De Boni, quando os primeiros missionários “despertaram de tal maneira o entusiasmo, ao pregarem missões, em Nova Trento (atual município de Flores da Cunha), [...] a população, tendo à frente seu pároco, Pe. Augusto Finotti, se ofereceu para construir um convento”.⁷³ A construção do convento realmente se efetivou. O prédio era espaçoso e de alvenaria, uma raridade na época, já que a maioria das residências dos colonos, e até a igreja, era de madeira. De acordo com os mesmos autores, os colonos de Nova Trento queriam construir algo de muito sólido, como era a fé do povo, ou seja, através dos esforços de uma população laboriosa e profundamente católica.

Com o passar dos anos, o convento necessitou de uma reforma diante de uma reestruturação. Para isso, entre 1971 e 1972 houve o rebaixamento “de três para dois andares. Foi redistribuído o espaço e refeita a instalação elétrica e hidráulica. Concluída a reforma, o convento [...] ficou servindo à comunidade residente e a estudantes de Filosofia e seminaristas de 1º e 2º graus”.⁷⁴ Atualmente, os freis Capuchinhos ainda exercem muita influência no meio religioso de

⁷² COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, [198?]. p.53.

⁷³ COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 51.

⁷⁴ DALLA COSTA. História das Fraternidades. In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 55.

Flores da Cunha. Eles possuem a hegemonia e contam com uma estrutura bem organizada composta pelo Convento Coração de Jesus⁷⁵ e pela Paróquia Nossa Senhora de Lourdes.

A moral católica sempre foi amplamente seguida pela população de Flores da Cunha, antiga Nova Trento. Na visão de Foucault, “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”.⁷⁶ Nesse ponto, o frei Darci Vazatta relata que

Flores da Cunha se distingue de todo e qualquer outro município... de toda e qualquer outra paróquia. É o lugar onde se cultivou muito a dimensão da fé, da religiosidade... isso marca profundamente cada uma das famílias, cada uma das comunidades. Hoje a pessoa que não tem uma vivência de comunidade... não recebe os Sacramentos em Flores da Cunha, ela é vista com “maus olhos”... com certo preconceito de quem não está em dia com a Igreja... com a sua missão de cristão... Então, a marca da fé é muito forte aqui em Flores da Cunha e fica mais fácil trabalhar com pessoas... com comunidades onde isto está bem presente. Enquanto tantos outros municípios por onde a gente passou... que trabalhou... a gente percebe uma certa frieza ou indiferença quanto a dimensão da fé do seguimento a Jesus Cristo... lá fica muito numa esfera individual, pessoal... não muito um valor comunitário.⁷⁷

Concordando com Vazzata, frei Raimundo Costela declarava sobre seu cotidiano: “Trabalho bastante aqui na Paróquia... mas mais nas capelas. Nós chamamos de capelas... as comunidades do interior. [...] temos trinta comunidades. Bastante. Eu acho o povo de Flores da Cunha, um povo assim... muito religioso... muito religioso, mesmo”.⁷⁸ Assim, confirmaram a profunda religiosidade dos habitantes do município, bem como a ligação com os rituais e a participação comunitária.

No sentido de pressão da Igreja sobre os demais setores, a política sofreu forte interferência dessa instituição. De acordo com Claudino Boscatto, “os padres de então – possuidores de um poder tremendo sobre a mente da população, comandados pelo vigário, [...] combateram a Frente Única até com ameaça de excomunhão”.⁷⁹ Com-

⁷⁵ Ver Anexo I: fotografia do Convento Coração de Jesus.

⁷⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 18.

⁷⁷ Depoimento de Frei Darci Antonio Vazatta. Flores da Cunha, 19 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo F.

⁷⁸ Depoimento de Frei Raimundo Costella. Flores da Cunha, 03 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo A.

⁷⁹ BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos: pioneiros de Nova Trento**. Flores da Cunha: O Florense, 1994. p. 238.

partilhando dessa visão, Ivana Lunardi⁸⁰ afirmava que tudo sempre acontecia de acordo com a vontade dos sacerdotes. Percebia-se que o poder político e o religioso acabavam formando um consórcio, de maneira a incutir no indivíduo o medo de se rebelar contra o governante e, por consequência, contra o padre. Uma punição seria estabelecida para os casos de desobediência, como a suspensão dos serviços da Igreja aos insubmissos.

O poder de influência da Igreja era muito grande, as pessoas pouco faziam sem antes consultar o padre. Geralmente ele era a pessoa mais instruída da comunidade. Mas, como aponta Lunardi, esse poder “sobre seus fiéis, por exemplo, é visivelmente percebido [...]. Poder esse conseguido através do medo, da punição, do autoritarismo e não da conscientização”.⁸¹ Também os autores Arlindo Battistel e Rovílio Costa⁸² demonstraram que a autoridade do sacerdote era incontestável, chegando a ser comparada ao poder de Deus. Os sacerdotes acumulavam a capacidade de perdoar ou condenar qualquer fato, de acordo com seu modo de ver a situação. Portanto, era a decisão ou posição do padre que determinava a moralidade de uma ação.

Diante da extrema importância relegada à Igreja, percebeu-se o predomínio dessa instituição sobre diversos setores, que não se detiveram apenas ao setor público, mas também muito influenciou o cotidiano de seus fiéis. Assim surgia “a Igreja Católica, a grande rival na disputa pelo controle da vida privada. O catolicismo, ao mesmo tempo, um conjunto de crenças privadas e cerimônias públicas, congregação de fiéis e instituição poderosa”.⁸³

Para definir o termo *instituição*, utilizam-se as palavras de Foucault⁸⁴, para quem uma instituição resume-se em todo o comportamento mais ou menos aprendido. Ou seja, tudo em uma

⁸⁰ LUNARDI, Ivana. **Histórias e memórias de Flores da Cunha**: para conhecer, amar, rir e chorar. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

⁸¹ LUNARDI, Ivana. **Histórias e memórias de Flores da Cunha**: para conhecer, amar, rir e chorar. Porto Alegre: Evangraf, 1999. p. 129.

⁸² BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

⁸³ HUNT, Lynn. Revolução francesa e vida privada. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra mundial. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 4 v. p. 36.

⁸⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado, todo o social não discursivo é a instituição.

Assim, criaram-se diversos mecanismos de controle a fim de normatizar o poder exercido pelo clero. Um dos mais antigos e infalíveis foi a confissão como “‘instrumento individualizado do exame das consciências’ [...] um dos fundamentos – talvez o principal – do poder clerical. Poder certamente simbólico [...], mas era temido e temível”.⁸⁵ Essa realidade aplicava-se principalmente no meio rural, pois o padre era uma autoridade inquestionável. Para Luís Alberto De Boni,

[...] criou-se, assim, um clima de cristandade, onde a participação dos fiéis nas cerimônias da vida religiosa, a frequência aos sacramentos e a internalização de um código de ética católica faziam recordar os períodos áureos da Igreja medieval. [...] os valores religiosos e sua expressão [...] tendem a tornarem-se valores sociais, ou melhor, estes se legitimam através dos valores e normas sagrados. E para a consolidação e manutenção destas estruturas, montou-se todo um esquema, que ia desde a capela e a paróquia, até as escolas religiosas, o jornal católico, as missões populares, as aulas de catecismo e a severa vigilância exercida pelo confessorário.⁸⁶

Confirmando o predomínio do pensamento da Igreja Católica na Região Colonial Italiana, Marisa Dalla Vecchia, Vânia Herédia e Felisberta Ramos afirmam que a disciplina, a obediência e o espírito religioso foram valores centrais na formação educativa. Os colonos acreditavam ser uma obrigação da escola zelar pelo ensino das rezas, do catecismo e da história sagrada, já que a religião católica era obrigatória e oficial. O clero valeu-se de outra forma eficaz para legitimar a dominação exercida sobre a população: a formação de opinião, através da imprensa, foi uma das brilhantes soluções encontradas para divulgar os ideais da Igreja acerca de sua extremada importância e fundamental existência. Foi adquirido, em 1921, “o jornal ‘Il Colono Italiano’, editado em Garibaldi [...]. Atualmente é o Correio Riograndense”.⁸⁷

Os Capuchinhos guardaram fidelidade ao programa original de levar leitura sadia, instrução cristã baseada no Evangelho e orienta-

⁸⁵ VINCENT, Gerard. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 5 v. p. 403.

⁸⁶ DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul**: imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 242.

⁸⁷ COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 800-801.

ções sobre agricultura às famílias do interior. Mas, com o tempo, o clero conseguiu o apoio de um influente meio de comunicação que penetrou em massa nas famílias da região. A Rádio Caxias do Sul foi ao ar, pela primeira vez, em 1946, e é atuante até os dias de hoje. Possuía uma série de programas, com finalidades educativas, culturais, sempre cumprindo seus objetivos: divertir, educar, instruir e informar. Outra importante emissora, a serviço quase exclusivo da Igreja, era (e, ainda é) a Rádio São Francisco.

Os acontecimentos internacionais, nacionais, estaduais e municipais eram focalizados pela Rádio Caxias do Sul em noticiosos diários. Conforme Antunes, “uma das iniciativas do padre Brandalise, única no Brasil, [...] foi a ‘Hora da Prece’ [...] através do microfone da ZYT-3, Rádio Caxias do Sul, atraindo para junto dos aparelhos de rádio as crianças do Nordeste do Estado, para a instrução diária, seguida da oração da noite, com exame de consciência”.⁸⁸

Com todo o aparato de divulgação e dominação, foi fácil para os clérigos atuarem muito próximos ao cotidiano e à vida particular da população exercendo, inclusive, severo controle sobre as relações matrimoniais e fortalecendo costumes, como o patriarcalismo. No Concílio Vaticano II, foi confirmada “a íntima comunhão de vida e de amor conjugal [...] que é instaurada pelo [...] consentimento dos cônjuges (e, a partir de então) se origina, também diante da sociedade, uma instituição firmada por uma ordenação divina”.⁸⁹

De acordo com Dominique Barthélemy⁹⁰, os rituais litúrgicos do casamento foram um indício da inserção crescente dos sacerdotes nas famílias. Além disso, a “Igreja decidiu colocar a sexualidade sob seu estrito controle”⁹¹, também criando condições para uma diferenciação de gêneros e a consequente subordinação do sexo feminino ao masculino. Nesse ponto, houve o alinhamento com o pensamento patriarcalista. Duby complementa que se criou uma prática de tornar o homem responsável pela família (“o Chefe”). No

⁸⁸ ANTUNES, Duminiense Paranhos. Documentário histórico do Município de Caxias do Sul 1875-1950. **Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização**. Caxias do Sul; São Leopoldo: Artes Gráfica, Comércio e Indústria S.A., 1950, p. 73.

⁸⁹ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 65, n. 7, 19 fev. 1975, p. 14.

⁹⁰ BARTHÉLEMY, Dominique. In: ARIËS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da Europa feudal à renascença. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2 v. p. 138.

⁹¹ DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 36.

entanto, a sua função seria muito mais de controlador dos atos e pensamentos de sua esposa e filhas, para que elas nunca cometessem atos levianos, bem como possuidor de poder sobre os demais membros da família. Reafirmando essa condição, Max Weber expõe sua visão sobre o patriarcalismo como sendo “o desenvolvimento do senhorio territorial, [...] parte normalmente de uma comunidade doméstica que, sob a autoridade do pai, como senhor da casa, se organiza em direção a um aparato de dominação, originando-se, por toda parte, do poder paterno”.⁹²

No propósito de desqualificar as mulheres, pois elas representavam um perigo eminente, a Igreja “decidiu subjugar-las. [...] a autoridade eclesiástica acentuava seu esforço para reger a instituição matrimonial. Impor uma moral do casamento, dirigir a consciência das mulheres”.⁹³ Portanto, torna-se válido ressaltar que o casamento era compreendido pelo clero como uma forma de subordinação da mulher ao homem.

Neste capítulo constatou-se que o poder da Igreja era a institucionalização de normas que submetiam as famílias à rígida estrutura do patriarcalismo. Na maioria dos casos, esse poder não era identificado pelos envolvidos, pois a névoa da fé encobria a real intenção da Igreja. Inegavelmente, o poder do clero foi dominante, principalmente no meio rural, e responsável por perpetuar o modelo patriarcal.

⁹² WEBBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: Regis Barbosa e Keren E. Barbosa. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. p. 255.

⁹³ BARTHELEMY, Dominique. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da Europa feudal à renascença. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2 v. p. 36.

Mulher: dominar é preciso...

As relações de poder

Para o materialismo histórico, o desenvolvimento da sociedade humana relacionou-se à ação entre o homem e o mundo material que o cercava, ou seja, o “espaço social”. A distinção dos seres humanos com os animais passou a ser determinada quando surgiu a produção dos meios de vida, condicionados à organização física. Engels⁹⁴ propunha que o ser humano modificou a Natureza e a obrigou a servir-lhe, dominando-a. Mas essa dominação diferenciou-se do domínio de um “conquistador sobre os conquistados”, passando a ser bem mais voltada para uma “aceitação” ligada à questão do poder. Na verdade, Foucault⁹⁵ destacou que o poder, propriamente dito, não existia. Mas existiam práticas ou relações de poder.

Max Webber explicou o poder como sendo “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o seu fundamento”.⁹⁶ A partir dessa ideia, buscou-se demonstrar o ponto histórico da origem da dominação feminina pelo masculino, já que anteriormente as relações de poder eram determinadas pelo matriarcalismo.

⁹⁴ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁹⁶ WEBBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução: Regis Barbosa e Keren E. Barbosa. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. p. 33.

Segundo Engels⁹⁷, as relações sociais e, principalmente, familiares eram embasadas pela ligação de um grupo de homens a uma mulher. E ela tornava-se a responsável pela perpetuação da espécie, manutenção dos costumes e ligações consanguíneas. Aos homens fazia-se necessária uma nova postura, em que eles passariam a determinar as chamadas relações de poder, pois o fundamental “não é simplesmente aquilo que se traduz, as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.⁹⁸

Assim, inicialmente o espaço do homem era bem restrito, nem ao menos com a certeza da paternidade garantida. No momento que a mulher reivindicou uma relação monogâmica, mais estável, acabou “abrindo mão” do poder. A monogamia não aparece na história como a reconciliação entre o homem e a mulher, mas o contrário, “sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, ou seja, a primeira opressão de classes, através do domínio do feminino pelo masculino”.⁹⁹

Ainda, o acúmulo de riquezas provinda do trabalho, essencialmente masculino, propiciava ao homem uma posição mais importante que a da mulher – restrita ao lar – na manutenção e no provimento da família. Logo, ao homem surgiu a possibilidade de se valer dessa vantagem para reivindicar o direito de paternidade e pertença dos filhos, relacionando-os à ordem de herança de seus bens. Isso não poderia ser vislumbrado enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. De acordo com Foucault, isso só vinha a ser possível no momento em que “se colocava a questão do poder subordinando-o à instância econômica”.¹⁰⁰

Por esse modelo, denominado de patriarcalismo e apoiado ir-restritamente pela Igreja, o homem acabou apoderando-se também da direção da casa e relegou à mulher a condição de servidora. Essa relação, de certa forma, perdeu (e ainda perdura) por muito tempo,

⁹⁷ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

⁹⁸ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 10.

⁹⁹ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 70-71.

¹⁰⁰ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 06.

tendo sido inclusive gradualmente mascarada. Para Perrot, citando August Comte, a

[...] inaptação radical do sexo feminino para o governo, mesmo da simples família, em virtude da “espécie de estado infantil contínuo” que caracteriza o sexo feminino. O doméstico não lhe poderia ser entregue sem controle; mas concorda-se em confiar às mulheres – dentro de certos limites – a família, a casa, núcleos da esfera privada.¹⁰¹

Enfim, o primeiro efeito do poder exclusivo dos homens, desde que se instaurou, acabou resultando no domínio sobre as mulheres. As relações passaram (e passam) a ser estabelecidas de forma extremamente rígida e com a decisão final do “Chefe”, ou seja, do “homem da casa”. De acordo com Foucault, “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, consequentemente, todos os outros, mas ela se serve, [...] de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, [...] de todos os outros”.¹⁰² Perrot acredita que essa relação se dá muito mais em favor do masculino, pois

[...] o pai tem duplos poderes. Ele domina totalmente o espaço público. Apenas ele goza de direitos políticos [...]. Mas os poderes do pai também são domésticos. Exercem-se nessa esfera, e seria um erro pensar que o âmbito privado pertence integralmente às mulheres, [...] ele é o senhor pelo dinheiro. [...] ele controla as despesas domésticas [...].¹⁰³

A autora Cleci Favaro acredita que o núcleo familiar não correspondia exatamente a uma organização harmoniosa, visando apenas ao bem-estar geral dos integrantes ou garantindo-lhes a satisfação das necessidades, “nessa unidade (composta por indivíduos de idades, sexos e posições diversificados) existia (e de certa forma ainda existe) uma constante disputa pelo poder”.¹⁰⁴ Muitas vezes, tornava-se difícil identificar esse jogo, pois permanecia implícito, camuflado por um ambiente de proteção e união, ou seja, espaço de paz. Já Mary Del Priori explica esses “poderes” como uma

[...] divisão entre homens e mulheres, vinculando os primeiros à espera da produção, da vida pública e os constituindo em “chefes da família”, e fixando

¹⁰¹ PERROT, Michelle. **Os excluídos**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 178.

¹⁰² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 43.

¹⁰³ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra mundial. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 4 v. p. 124.

¹⁰⁴ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 15.

as mulheres à esfera doméstica “enquanto mães de família”. [...] Essa pressão exercida sobre as populações femininas levou não apenas à transformação de uma função biológica em uma função social, mas conferiu, ainda, um sentido mais rigoroso à divisão sexual, instaurando entre os sexos uma nova relação social ancorada na autonomização relativa dessas duas esferas. Os homens aparecem inseridos nas relações de produção e as mulheres na de reprodução.¹⁰⁵

Na verdade, Perrot¹⁰⁶ afirma que não é exatamente o “poder”, no sentido político, que as mulheres adquiriam, mas “poderes”, pois elas atuavam no privado, no familiar e no social. Ainda, para a autora, a dona de casa de fato tinha muitos poderes na esfera do “mundo informal”, ou seja, de natureza diferente da dos homens, mas com grande espaço de participação.

Em especial, a mulher pôde, em diversas situações, tomar as “rédeas do poder” na família. Giron e Bergamaschi destacaram que muitas mulheres acabaram obrigadas a assumir o comando de seu grupo familiar. Inclusive, elas tornaram-se as “responsáveis pelas propriedades e pelos negócios [...] em decorrência da morte dos maridos [...] ou quando abandonadas pelos maridos, ou ainda pela incapacidade física ou mental dele”.¹⁰⁷ Porém, as mesmas autoras complementam que, apesar de proprietárias, essas mulheres geriram seus negócios de acordo com uma visão patriarcalista: “passaram a agir como os homens, excluindo e submetendo as filhas, além de garantir para as mesmas a desigual divisão dos bens e do trabalho”.¹⁰⁸

Mesmo tendo a oportunidade de vivenciar a situação de “Chefes” da família, as mulheres acabaram demonstrando apenas a reprodução das relações de dominação a que estavam submetidas. Machado confirma essa ideia, pois “as mulheres demonstraram que não conseguiam se libertar da carga psicológica e cultural de que eram portadoras, [...] reproduzindo o modelo patriarcal. [...] que contava com o apoio irrestrito da Igreja Católica”.¹⁰⁹ Assim, perceberam-se diversas dificuldades apresentadas pelas mulheres que tentaram

¹⁰⁵ PRIORI, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 268.

¹⁰⁶ PERROT, Michelle. **Os excluídos: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 167.

¹⁰⁷ GIRON, Lorraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres proprietárias: histórias de vida – 1875/1975**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 14.

¹⁰⁸ GIRON, Lorraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres proprietárias: histórias de vida – 1875/1975**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 20.

¹⁰⁹ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto: operárias de Caxias do Sul/1900-1950**. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 79.

“quebrar” com os padrões impostos pela sociedade. A explicação talvez resida na forma como foram educadas e no papel de inferioridade e submissão a elas relegado durante tanto tempo.

Dominação feminina: o poder da Igreja

A dominação e o controle exercidos pela Igreja interferiram cada vez mais na vida familiar, inclusive na união matrimonial e na vida íntima dos cônjuges. De acordo com Michel Foucault, a instituição clerical “trata de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos [...] certo número de regras [...], de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles [...] se não satisfizer a certas exigências”.¹¹⁰

Na área rural, principalmente no passado, circulava com exclusividade o conservador *Correio Riograndense*, responsável pela divulgação da ideologia da Igreja Católica, e pôde-se perceber a rigidez com que se tratavam os assuntos referentes à condição de subordinação das mulheres.

Esse fato é compreensível pela hegemonia do jornal, que divulgava artigos de intensa carga moralista e apresentava uma forma de viver estipulada pela Igreja. Com isso, vetou-se qualquer possibilidade de os colonos entrarem em contato com as inovações. A imprensa conservadora que dominava o interior conseguiu impor-se de forma absoluta, pois recebia o apoio direto do padre, considerado uma autoridade nas pequenas localidades do interior.

Assim, e por isso, a mentalidade desses colonos não poderia evoluir para a libertação. A escassez de informações e a dificuldade em aumentar os conhecimentos, devido à sua precária educação escolar, contribuíram para a consolidação da rudeza nas relações entre o masculino e o feminino.

Os homens do meio rural, isolados pela falta de informação e fortemente apegados às tradições, não possuíam estrutura para contestar o que os pais e os padres “ordenavam”. Ou seja, era exigida deles uma postura comprometida com a manutenção da moral e do patriarcalismo. Assim,

¹¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sam-
paio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 36-37.

[...] a inferioridade da mulher se expressa também na religião. [...] E veja-se como a mais extensa blasfêmia parte do poder de Deus (o máximo) ao poder de Maria [...], o poder menor. Para dizer que o novo vigário, enviado pelo Bispo a uma determinada comunidade, “não valia nada mesmo”, o blasfemo assim se expressou: “*Quel porco dio de um sacramento de um vêscolo, el gá manda na hóstia de um prete che nol val na madona*”. Na expressão “*che nol val na madona*”, está a significar que não se pode comparar esse vigário com qualquer outro, tal é a sua desqualificação.¹¹¹

Portanto, na colônia o poder da Igreja representado pelo patriarcalismo continuou (e de certa forma ainda continua) relegando o padrão de submissão de séculos passados. O clero, além de interferir no casamento e legitimar a inferioridade feminina, passou também a ditar regras, como confirma a autora Alice Gasperin¹¹², que em suas memórias registrou que o padre local havia lutado muito para banir hábitos considerados permissivos. Apontou, ainda, que esse clérigo não cedia, conseguiu, devagar, atingir seus objetivos e, por isso mesmo, foi considerado dinâmico e “bom educador”, de acordo com a moral católica. Para Foucault,

[...] a forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituído pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam [...]; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos [...] não podem ser dissociados dessa prática [...].¹¹³

De acordo com o modelo vigente, os homens tinham total liberdade para se divertirem enquanto as mulheres ficavam em casa trabalhando nas costuras, tratando os animais ou limpando a casa. Já as colônias permaneceram distantes de qualquer contexto inovador. Até elas chegavam (e, de certa forma, ainda chegam) apenas a tradição e os costumes das famílias patriarcais. Segundo o discurso teológico-cristão, as mulheres seriam de índole frívola e fraca e poderiam desmoralizar o nome da família. A regra geral era a dominação.

Da “boa conduta” da moça dependia tudo, desde um bom casamento (até porque os homens buscavam a mulher “mãe, esposa e anjo”) até uma boa relação familiar. Segundo Arlindo Battistel

¹¹¹ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 151.

¹¹² GASPERIN, Alice. **Lembranças da colônia**. Porto Alegre: EST, 2000. p. 163.

¹¹³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 38-39.

e Rovílio Costa, tudo era conduzido com o máximo respeito. Caso houvesse alguma intimidade, “era, sobretudo, a moça que deveria zelar quanto a tais liberdades para não perder a honra”¹¹⁴, e, em épocas não tão remotas, “sem casamento, a sorte é ainda mais adversa. Pode se tornar apenas um estorvo familiar, sem terras ou poder”¹¹⁵. Assim, a sociedade formada na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul admitia esposas ou religiosas, mulheres sozinhas eram desprezadas.

As mulheres que vivenciaram e vivenciam essa sujeição ao masculino foram educadas para serem boas esposas e trabalharem muito. A vida na colônia não era muito diferente das décadas anteriores. Aliás, até hoje é necessário trabalho incessante para produzir e sobreviver. Indubitavelmente, para retratar essa realidade seria necessário registrar suas expressões faciais, seu modo de falar e até seus suspiros de desilusões... Para isso, tornou-se importante analisar histórias de vida contadas pelas protagonistas, através de entrevistas de mulheres nascidas e criadas no interior, especificamente da zona rural de Flores da Cunha, no último quartel do século XX.

Ainda no século XIX, estabeleceram-se alguns comportamentos rígidos referentes ao namoro, noivado e casamento. Regras que foram transmitidas de geração em geração sem questionamento ou reflexão. Um jovem não visitava a moça em casa se não tivesse algum interesse em iniciar um compromisso sério. O próximo passo, o noivado, não era uma grande festa, em geral estavam na casa da noiva e trocavam alianças. As recomendações do *Correio Riograndense* eram claras: “o tempo de noivado não deve ser muito longo, porque muitas vezes, prejudica a boa disposição dos noivos, é fonte de muitas tentações”¹¹⁶.

De acordo com De Boni, se o noivado fosse rompido a moça poderia ficar para “titia”, porque nesses casos o homem sempre teria

¹¹⁴ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983. p. 603.

¹¹⁵ GIRON, Loraine Slomp. In: Ocorrências 16. “**Outras mulheres**”. Museu e Arquivo Histórico João Spadari Adami, julho 1998.

¹¹⁶ CORREIO RIOGRANDENSE, Garibaldi, ano 36, n. 21, 21 jun. 1943, p. 01.

razão. Ela ficaria com a fama de “largada pelo noivo”¹¹⁷, e ninguém buscaria saber as razões da separação.

Assim, legalmente e segundo a tradição cristã-católica, o casamento manteve-se inalterado, ou quase, porque já não era permeado apenas pelas relações de amor como no início da criação. O sacramento do matrimônio estava envolto por relações socioeconômicas e “manchado” por posições machistas que derivaram do incontestável poder patriarcal. O homem-marido podia tudo, enquanto a mulher devia continuar calada, sustentando a instituição familiar. As regras rígidas do comportamento destinavam-se a elas, “as moças eram valorizadas se fossem trabalhadoras, simples, [...] não fossem vaidosas (*piène de sprózia*), conhecessem as lides da casa e soubessem o catecismo e as orações”:¹¹⁸

A Igreja reagiu ferozmente frente à desestruturação de famílias e retomou o discurso pelo qual o matrimônio era indissolúvel, porque abençoado por Deus, como se mantém firme nessa proposta até hoje. Diante disso, o clero afirma que

1.º – Deus é quem junta os esposos, não somente Adão e Eva, o primeiro casal humano, mas todos os esposos, portanto todo o matrimônio é obra de Deus; é o matrimônio uma instituição radicalmente religiosa. 2.º – Deus criou um só homem e uma só mulher, desde o princípio, para se juntar à sua única esposa, abandona o homem o que tem de mais querido neste mundo: seus pais. É, pois o matrimônio a união de um só com uma só. 3.º – Deus junta os dois, formando uma só carne, não há poder humano, nem indivíduos, nem de sociedade alguma, que possa separar o que Deus uniu. É, por consequência, o matrimônio, por vontade de Deus indissolúvel. Eis o que a Revelação sobrenatural nos diz a respeito desta obra que é o fundamento, a célula-mãe da sociedade humana.¹¹⁹

A campanha contra o divórcio continuou no ano seguinte, num artigo cujo argumento principal foi o amor. Para o autor desconhecido, “Não há coisa mais contraditória do que amor temporário [...] com o pressentimento da separação [...]”. As tentações mencionadas eram creditadas à figura feminina, se fosse desrespeitada era porque ela não se respeitava”:¹²⁰ O resultado dessa discussão acalorada também foi estampado em jornais. Em *O Momento*, Maria Martha escreveu em apoio ao jurista Rui Barbosa, “pela condenação formal

¹¹⁷ DE BONI, Luís Alberto, COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, UCS e Correio Riograndense, 1984. p. 155.

¹¹⁸ BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983. p. 603.

¹¹⁹ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 33, n. 47-48, 16 dez. 1942, p. 02.

¹²⁰ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 36, n. 01, 03 jan. 1945, p. 01.

e categórica do divórcio, como destruidor e aniquilador da família”¹²¹ Também, no *Correio Riograndense* foi publicado o seguinte: “a Igreja Católica é a maior resistência para a implementação do divórcio. A indissolubilidade do matrimônio não encontra eco nos meios católicos sob hipótese alguma”¹²²

Dominação feminina sob o jugo masculino

Sabe-se que até 1960 a História não se preocupou com as mulheres. Elas formavam um grupo inferiorizado na sociedade dominada por homens. Afinal, os fatores políticos e econômicos giravam em torno deles, pois eram os responsáveis pelo governo e pela produção. Então, a partir dos anos 1960, surgiram correntes revisionistas, pelo menos para resgatar a história das mulheres da obscuridade a que foram relegadas durante séculos: “correntes [...] engajadas no movimento da história social apresentam uma postura diversa ao assumirem como objeto de estudo, [...] também, as mulheres do povo. O desenvolvimento de novos campos [...] reforça o avanço da abordagem do feminino”¹²³

Para Mary Del Priori, os problemas que surgiam no cotidiano, as relações ou “disputas” pelo poder, não poderiam deixar de ser consideradas. Assim, afirmava que “não são ‘menores’ e que a história não é um produto exclusivo dos grandes acontecimentos; ao contrário, ela se constrói no dia-a-dia de discretos atores”¹²⁴

Através do surgimento dos *Annales*, segundo José Carlos Reis, os historiadores puderam abordar a História com um “novo olhar”. Não haveria a restrita necessidade de buscar a documentação, dita oficial, mas a vida cotidiana; as crenças coletivas já teriam força suficiente para resgatar os “esquecidos” pela historiografia tradicional. Com isso, as fontes históricas, passariam a desvendar os mistérios

¹²¹ O MOMENTO, Caxias do Sul, ano 14, n. 702, 21 set. 1946, p. 01.

¹²² CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 65, n. 6, 12 fev. 1975, p. 02.

¹²³ SOIHET, Rache. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 276.

¹²⁴ PRIORI, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 266.

do passado, através de “escritos de todos os tipos; psicológicos, orais, [...] literários, poéticos, religiosos”¹²⁵

Nesse contexto, o cotidiano nas relações patriarcais acabou recebendo a devida atenção. Mesmo demonstrando uma triste e cruel realidade das mulheres, tornou-se relevante descortinar esse passado de opressão do feminino. Enquanto isso, nos lares desses senhores (donos da História), estavam as “doças criaturas” que zelavam pela organização do lar e criação dos filhos. Segundo Maria Abel Machado, “destituídas de direitos, as mulheres, dada sua incapacidade civil, buscavam no casamento consolidar a sua posição social e econômica, tendo em troca uma existência de submissão e dependência”¹²⁶.

Assim, subentende-se dominação, de acordo com Webber¹²⁷, como um processo em que existe grande probabilidade de encontrar obediência, a uma ordem de determinado conteúdo, ou seja, uma forma de aceitação desse domínio. De acordo com isso, surgiu uma espécie de legitimação ao poder masculino. Já para Engels, “não é melhor o estado de coisas quanto à igualdade jurídica do homem e da mulher [...]. A desigualdade legal, que herdamos de condições sociais anteriores, não é causa e sim efeito da opressão econômica da mulher”¹²⁸. Ainda hoje essa realidade perpassa as relações de poder que garantem ao homem a dominação:

Em nosso país a mulher ainda se encontra muito adstrita ao lar, [...] para alguns é, ainda consequência de nossa velha sociedade patriarcal e paternalista. [...] elas ainda são tidas como elemento de consumo, como objeto ou coisa. [...] O conceito masculino, porém, não a equipara jamais ao próprio sexo. Ainda é desvantagem ser mulher [...].¹²⁹

É bom salientar que aos meninos era dada toda a liberdade e direitos; às meninas, obrigações, deveres e lições para tornarem-se esposas exemplares. Essa mentalidade permaneceu vigente durante muito tempo, principalmente nas comunidades interioranas, inclu-

¹²⁵ REIS, José Carlos. **Escola de Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 23.

¹²⁶ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul/1900-1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 68.

¹²⁷ WEBBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: Régis Barbosa e Keren E. Barbosa. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 33.

¹²⁸ ENGELS, Friedrich. **Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução: Leonardo Konder. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 79.

¹²⁹ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 66, n. 37, 17 set. 1975, p. 08.

sive perpassando o último quartel do século XX, pelo predomínio da autoridade familiar do pai e da conduta moral e religiosa imposta às mulheres. Confirma-se essa postura através de um artigo do jornal *Correio Riograndense* de 1996, destacando que

[...] a mulher rural possui uma fibra violenta. Toma conta da lavoura, da casa, dos filhos. É a primeira a levantar e a última a ir dormir. De modo geral, a mulher não é proprietária da terra, nem da competência sobre o que cultivar e produzir. Mas ignorante, sem poder de decisão e opção, acaba cúmplice da desordem mundial provocada por determinações machistas [...].¹³⁰

Em seu artigo, Pereira confirmou que, “impressionada pela crescente presença da mulher no mundo do trabalho extra lar e pelos movimentos feministas, a história, a partir dos anos sessenta preocupou-se com essa nova atriz, que durante séculos quase não teve lugar no cenário”.¹³¹ Porém, não poderiam ser utilizados esses mesmos critérios da história masculina para examinar o passado das “herdeiras do pecado de Eva”. Nesse mesmo contexto, Duby afirmava que “a mulher, passiva, tem os seus movimentos comandados pelo de seu companheiro. Essa é a ordem primordial. Eva abalou-a ao curvar Adão à sua vontade. Mas Deus interveio, recolocou-a em seu lugar e agravou sua submissão ao homem como punição de sua falta”.¹³²

Analisou-se esse passado de submissão inserido no contexto da Região Colonial Italiana e, influenciado pela doutrina patriarcalista. Perrot¹³³ explicava que a partir da evolução econômica, do desenvolvimento do sistema bancário, originaram-se ações que reforçaram a gestão masculina organizada nas sociedades tradicionais, tornando-se ruínosa para as mulheres. “A mulher fora relegada para os trabalhos complementares, tarefas de dependência, ou até como um simples objeto de adorno e satisfação”.¹³⁴

Nessa mesma linha de pensamento, Muraro afirmava que “as mulheres [...], sempre trabalharam para garantir a sobrevivência da família [...]”. No entanto, o seu trabalho não era considerado produ-

¹³⁰ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 88, n. 4467, 06 mar. 1996, p. 12.

¹³¹ PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Visitando a história das mulheres. *Lumen*, São Paulo, v. II, n. 5, p. 5-18, 1996. p. 06-07.

¹³² DUBY, Georges. *Eva e os padres: damas do século XII*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 63.

¹³³ PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 170.

¹³⁴ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 65, n. 7, 19 fev. 1975, p. 10.

tivo, porque sua condição social [...] era inferior à dos homens”¹³⁵ Ainda, a mesma autora esclarece essa subordinação como amparada por todo um aparato cultural de 10 mil anos que pesava sobre a mulher.

Já Giulani deteve-se na análise da realidade das mulheres do campo. Para ela, a “autoridade do chefe da família – do pai ou do marido – [...] impõe-se negando a participação das mulheres nas decisões nas cooperativas, nos bancos, nas associações de produtores e nos sindicatos”, ou seja, é uma discussão atual, não se atendo ao passado apenas. Portanto, a dominação do homem está presente no cotidiano de muitas mulheres até hoje. No jornal *Correio Riograndense*, em 1981, foi realizado um retrato do cotidiano das colonas. O artigo destacava que

[...] a mulher da colônia, sobrecarregada de serviços, fazendo todos os serviços de casa que seu esposo e filhos não fazem, e fazendo também grande parte dos trabalhos da lavoura, é considerada como detentora dos mesmos direitos de seu esposo? Ser-lhe-á dada a mesma [...] participação e decisão nos negócios familiares? A mesma presença na vida social, nas festas, nas decisões de associações e entidades em que a família participa? A mesma participação no lazer? Para responder essa pergunta, basta entrar em bares e restaurantes das cidades e nos domingos, nos bares e restaurantes das capelas, lá estará a resposta. Ver-se-á homens rodeados de garrafas de cerveja, muitas vezes falando atrapalhados e as mulheres e filhas já retornaram para casa para tratar os animais, preparar o jantar, etc. Na segunda-feira, a mulher observa o marido: “Olha, precisa dinheiro para comprar uma roupa para mim e para o Joãozinho que já não tem camisa para ir à escola” e a resposta já vem: “vocês mulheres, só sabem gastar” [...]. Infelizmente, esta dura realidade nos dá uma mulher súdita, dependente, voltada ao trabalho e proibida de ter opiniões, de dar palpites e, muitas vezes, excluída de usufruir um pouco os ganhos de seu trabalho nas horas de lazer ou para a compra de coisas necessárias.¹³⁶

Durante a sua longa trajetória as mulheres carregaram nas costas o peso da doutrina patriarcalista sustentada pela Igreja. Para Duby, “os padres dizem [...] que a mulher deve permanecer sob tutela masculina. Não [...] exerça o poder público. Se [...] é obrigada a tomar nas mãos as rédeas do poder, seja, porque seu homem [...] deixou este mundo”¹³⁷ Nesse mesmo raciocínio, De Boni e Costa afirmavam em sua obra que a ausência, doença ou morte do chefe de família era considerada uma grande desgraça. Essa realidade aplicava-se perfei-

¹³⁵ MURARO, Rose Mari. A mulher do terceiro milênio. In: MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul/1900-1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 71.

¹³⁶ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 72, n. 3735, 11 nov. 1981, p. 12 e 13.

¹³⁷ DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 74.

tamente à Região Colonial do Rio Grande do Sul e, por extensão, ao interior do município de Flores da Cunha.

Quanto às mulheres, percebe-se que havia muita injustiça devido a preconceitos. Através disso, explica-se, ao menos em parte, por que as colonas sofriam com duros trabalhos na roça, com as poucas palavras que lhes eram permitidas (ou nenhuma). Esse comportamento retratava a mentalidade que pretendia legitimar a dominação feminina que chegou até os dias de hoje. Maria Abel Machado esclarece que “as mulheres [...] estiveram sempre fadadas ao silêncio, sem papel definido, seguindo as normas impostas pela sociedade e pelo seu grupo social”¹³⁸. Ainda, confirmando esse comportamento feminino em relação à dominação, o jornal *Correio Riograndense* divulgou uma reportagem demonstrando essa realidade:

[...] a mulher, na vida rural, [...] tem encargos que só ela tem que atender. Limpeza, refeições, lavagem de roupas, horta, cuidados domésticos, e, além disto, participar das atividades da lavoura. Os homens vão ao trabalho e retornam, tomam suas refeições e não têm compromissos com a casa, com os afazeres domésticos [...]. Encontram-se, nas colônias italianas, não como exceção, mas como regra geral, as atividades femininas competindo com as atividades masculinas. Mulheres que são donas de casa, [...] criam e cuidam de aves e animais domésticos, dedicam-se às lides do campo, conduzindo carroças, carregando objetos pesados e cereais, rachando lenha, lavrando a terra, cortando o mato, limpando poteiros [...].¹³⁹

Da Itália veio o mito do pai e esposo poderoso e da mulher omissa que deveria parir e trabalhar, aceitando as ordens, a dominação, as dores e as humilhações, em um “mundo” de privações e obrigações. O casamento passou a ser considerado uma “garantia da ordem social, subordinando a mulher ao robusto poder masculino. Completamente submissa”¹⁴⁰ ao esposo. Outra regra apresentada por De Boni e Costa¹⁴¹ diz respeito à idade dos nubentes: um rapaz não casaria com uma moça mais velha, porque a sociedade poderia dizer que era mandado pela esposa. O normal era o marido ser mais velho que a mulher e mandar em toda a família. Aliado a isso, “a família exercia um controle rigoroso sobre seus próprios membros.

¹³⁸ MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul/1900-1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 85.

¹³⁹ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 72, n. 3735, 11 nov. 198, p. 12-13.

¹⁴⁰ DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 39.

¹⁴¹ DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Róvilio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, UCS e Correio Riograndense, 1984. p. 155.

O marido era o chefe da família; [...] era ele que exercia o pátrio poder”.¹⁴²

É certo que a vida das mulheres, principalmente das colonas, era penosa, pois sofreram mais (e ainda sofrem) pelo isolamento e pelo poder do “Chefe” ou “Parón” (Patrão). A colona acostumava-se, porque foi assim desde o tempo de suas avós – trabalho, filhos, igreja –, não havia outro tipo de vida. Elas acabavam se “acostumando” com a dominação de seus maridos, mesmo que na casa paterna o ambiente de convivência fosse outro. E ainda hoje a separação acaba sendo uma opção fora de cogitação, algo que se confirma através do depoimento de Inês Garibaldi Giotti:

Até a gente tentou separar... eu fui embora várias vezes... daí depois acabava voltando... que ele (o marido) vinha atrás. Mas tinha aquele meu tio que faleceu. Aí dava dó... daí a mãe ficava doente porque ele ficava aqui sem comida... daí a mãe acabava subindo aqui, com comida. Eu via toda aquela situação... e acabava voltando. Eu não estou arrependida... porque daí eu cuidei dele até o fim... ele faleceu. [...] Porque de tanto, de tanto ficar estressada... tu padece. E tu fala de um jeito, ele não aceita... tu conversa de outro, ele não quer.¹⁴³

Indubitavelmente, as pioneiras que se instalaram na região já traziam incutidas em sua mentalidade a submissão e a inferioridade. Essa submissão não foi instituída apenas pelas crenças cristãs, afinal o grande filósofo da Antiguidade, Aristóteles, “caracterizou a mulher como essencialmente imperfeita e incapaz racionalmente”.¹⁴⁴ A partir de então, criaram-se modelos ideais de mulheres, aquelas que nunca contestavam. Elas passaram a ser vistas como “boas mães, virtuosas esposas e dedicadas filhas. Esses modelos já faziam parte do imaginário ocidental, podiam ser encontrados na literatura, no sermão das missas, nos textos escolares, nas tradições locais”.¹⁴⁵

Assim, de acordo com a teoria de Thales de Azevedo¹⁴⁶, o casamento regulou a desigualdade (existente desde o início da criação) entre homem e mulher, dividindo poderes e atribuições e hierarquizando as relações homem-mulher. Cleci Favaro reafirma essa

¹⁴² PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 5 v. p. 77.

¹⁴³ Depoimento de Inês Garibaldi Giotti. Flores da Cunha, 14 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo E.

¹⁴⁴ VALLE, Osmarilda dos Santos. A mulher na história: da dominação a emancipação. **Revista da FEFE – Mulher e feminismo**. Brusque, n. 02, 1997. p. 159-160.

¹⁴⁵ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 281.

¹⁴⁶ AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986. p. 98.

ideia explicando que “o casamento cristão unia os sexos, mas não os igualava. Culpada pela queda da humanidade no pecado, a mulher deveria submeter-se ao homem e às dores do parto, como um castigo”:¹⁴⁷ Diante disso, Georges Duby e Philippe Ariès, explicitaram que

[...] o casamento é um modo de produção doméstico que se caracteriza pela extorsão de um trabalho gratuito de uma categoria da população, as esposas. O contrato de casamento constitui uma forma particular de contrato de trabalho, não explicitado como tal, pelo qual o marido se apropria da força de trabalho de sua esposa [...].¹⁴⁸

Conforme as autoras Heloisa Bergamaschi e Loraine Giron¹⁴⁹, as próprias mulheres excluíram-se seguindo e admitindo o padrão que a sociedade patriarcal e católica da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul ditava para elas. Mantinham a autoridade do “Parón” e, ao chamarem aquele que deveria ser o companheiro de patrão, colocavam-se como empregadas dele. Para essas “herdeiras de Eva”, era natural os homens estarem à frente dos negócios, o excepcional era ter que assumir essa função caso enviuvassem ou quando os maridos adoeciam.

Segundo a agricultora Rita Mascarello Guareze, moradora da comunidade de Sete de Setembro, seria possível à mulher do interior “lidar com o mundo dos negócios”, no entanto as mulheres acabam “abrindo mão” desse poder em favor do marido.

“E, hoje em dia, [...] quando tem a venda da produção, os negócios, quem é que cuida mais?” Ele, ele. Eu só vou fazer o cadastro, essas coisas, pagar o sindicato... essas coisinhas. Se não, esses negócio de cantina, do vinho, é com ele. Eu até prefiro, porque é melhor que ele faça. “Então, a senhora concorda que é melhor que os homens cuidem dessa parte dos negócios?” Sim. Eu faço... eu ajudo, que nem, mas ele é “o Cabeça”, [...]. Mas, se precisar... eu vou. Eu faço também... “Mas, se der para deixar para ele, é melhor?” É melhor, é bem melhor.¹⁵⁰

Em seu depoimento, Renata Bernardi Izéria, moradora do município de Nova Pádua (fora do local de estudo desta obra), mas nascida e criada no Travessão Carvalho, Flores da Cunha, confirmou o modelo que separava a mulher dos negócios: “‘Aí... ele [o pai] pedia

¹⁴⁷ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 55-56.

¹⁴⁸ VINCENT, Gerard. Uma história do segredo? In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da primeira guerra aos nossos dias. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 5. p. 299-300.

¹⁴⁹ BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **A força das mulheres proprietárias**: histórias de vida 1875/1975. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 121-122.

¹⁵⁰ Depoimento de Rita Maria Mascarello Guareze. Flores da Cunha, 22 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo H.

opinião da tua mãe, então?” Sim. “E, depois de casada, como é que ficou?” Ah! Daí mudou... daí, que nem, aqui a última decisão é do marido. “Do marido?” Do marido...”.¹⁵¹ Nesse sentido, Soihert definia a manutenção do modelo patriarcal a partir das atitudes das próprias protagonistas dessa história de opressão. Concluía ela que “a mulher, ao viver em função do outro, não tem projeto de vida própria; atuando a serviço do patriarcado, sujeitando-se ao [...] agente da história: o homem”.¹⁵²

O sonho do casamento mostrou-se encantador apenas no início. Com o tempo, surgia a dura realidade, e em certos momentos iniciavam as desilusões quanto a esse “grande momento”. Inês Garibaldi Giotti falou sobre as expectativas que tinha do casamento desfazerem-se:

[...] eu que gostava mais, assim. Eu... ele, assim com o tempo... A gente namorou pouco... foram nem três anos. Daí, porque ele não se dava bem com o pai dele, lá embaixo, então ele queria que nós fôssemos morar pra cidade... ele me pediu em casamento. Daí a gente ia... já tinha uma casa alugada em Flores... Só que o Plínio tinha irmão que já mora em Flores. E ele é dono dessa terra que eu estou morando agora. Então ele disse assim: “Olha, Plínio, fica lá na colônia tu, que eu já... já que eu trabalho aqui... tu cuida do Adelino, que é o dono dessas terras, daí tu fica lá e tu cuida dele... e fica com a terra, que eu já tenho”. Porque quem ficasse com o Adelino, irmão do meu sogro, cuidar dele... ficava com a terra. [...] Então acabamos casando, então. E eu naquela época era muito nova, dezenove anos. Sem experiência. Então fui indo, fui indo... fui aceitando tudo. Daí nós casamos... daí a gente teve que morar lá na sogra, né, porque aqui só tinha mato e a casa alugada lá em Flores, daí a gente não ia mais morar pra lá. A gente ficou morando sete meses lá na sogra. E, depois de sete meses... ele que não se dava bem lá com o pai... Os dois brigavam... daí acabamos que não deu mais certo... não deu mais pra ficar lá.¹⁵³

Mesmo diante de mudanças ocorridas com as mulheres, no último quartel do século XX o casamento continuou tendo lugar de destaque em suas vidas. Desde o seu nascimento elas eram preparadas para contrair o matrimônio. Esse sagrado sacramento durante muito tempo foi sinônimo de “continuidade da casa dos pais, ao lado do sogro, da sogra, sem desejos, apenas obrigações”.¹⁵⁴ Das entrevistas realizadas, todas as depoentes moraram com os sogros, umas por mais, outras por menos tempo. Inclusive, Renata Bernardi Izéria, apesar de ser uma mulher jovem, aceitou dividir o

¹⁵¹ Depoimento de Renata Bernardi Izéria. Nova Pádua, 08 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo D.

¹⁵² SOIHET, Rache. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 278.

¹⁵³ Depoimento de Inês Garibaldi Giotti. Flores da Cunha, 14 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo E.

¹⁵⁴ Museu e Arquivo Histórico de Caxias do Sul. **Ocorrências 13: Ritos 2. Caxias do Sul: 1991.**

lar com a sogra. “‘Você tem a sogra que mora com vocês?’ Sim. ‘Como é que vocês dividem, assim, as tarefas? Ela fica mais em casa ou ela vai mais pra colônia?’ Minha sogra fica mais em casa... quando é safra, assim, ela vem também... se não ela fica em casa”¹⁵⁵

Dominação Feminina: “poderes” do matriarcado

A situação da nora (recém-casada) quando se agregava à nova família era marcada pela exclusão, principalmente no passado. No entanto, os desentendimentos entre sogra-nora sempre foram muito frequentes, chegando à atualidade.

A ligação da nora com o novo grupo familiar dava-se através do marido, que muitas vezes era também submetido à autoridade do patriarca. Entretanto, essas características não bastavam para que a jovem esposa se integrasse à família.

Era necessário ter filhos (homens, de preferência) para sancionar o casamento, ou seja, cumprir com sua obrigação. Somente depois que os filhos nasciam é que a nora se tornava um membro efetivo da família, por causa dos laços de sangue. Mas, segundo as constatações da historiadora Cleci Favaro¹⁵⁶, a vida das mulheres piorava após o nascimento dos filhos, porque a responsabilidade, os deveres e os desentendimentos com as cunhadas e a sogra aumentavam. Para a matriarca, a nora grávida era uma ameaça ao seu “poder”, porque ocuparia o seu espaço assim que os filhos crescessem.

A autora Maria Aparecida Silva apontava que “não se pode afirmar que as colonas eram absolutamente submissas. Em qualquer relação de dominação, há a manifestação do contra poder”¹⁵⁷. As matronas apropriaram-se desse “contra poder” ou “poder menor” para dominar as noras e até os filhos, na ausência dos maridos (morte, abandono, doenças, etc.). Isso se confirma através do depoimento de

¹⁵⁵ Depoimento de Renata Bernardi Izéria. Nova Pádua, 08 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo D.

¹⁵⁶ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências** – Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994 Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 340.

¹⁵⁷ SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a boia-fria. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 575.

Adiles Ferrarini Deboni, que vivenciou essa situação quando a sogra assumiu a liderança da família, com a morte do patriarca.

“Dona Adiles... depois que a senhora casou, como tinha me dito, quem mandava era mais o nono [...]. E, depois que ele faleceu... foi o marido da senhora que passou a controlar o dinheiro, os negócios?” Nem tanto, sabe? Porque a sogra... ela mantinha tudo muito na autoridade dela... de quem mandar, sabe? De ser na frente... sempre na frente. Tinha sempre que pedir para ela... assim, era difícil... de dirigir a casa. Acredita... nós sempre sofremos por isso. Porque quando se têm dois que manda... não dá certo. Daí era uma coisa assim... ela queria mandar e meu marido, que ele era só ele o homem da casa... ele poderia ter tomado a frente... Sempre tinha aquela coisa, sabe, depois não era nosso. E ela não passou pra nós a terra... até morrer. Ela não passou. Só ficou a parte do nono, que morreu antes. E a parte dela, depois de morrer, foi dividida... tudo de novo, agora. Acabou morrendo... mas não quis se desfazer... de mandar... sempre mandona. Ela era assim... e a família aqui sempre foi assim.¹⁵⁸

Michelle Perrot também compartilha dessa visão, quando afirma haver certa impressão de existir uma espécie de equilíbrio, relativamente harmonioso, entre o homem e a mulher, em relação à esfera privada do lar. Em suma, a “mulher [...] exercendo um contra poder eficaz”¹⁵⁹, porém ressaltando que é no âmbito do “mundo privado”, jamais do público, que pertence, por excelência, ao masculino.

Depois disto, iniciava-se com a matrona (sogra) a disputa pelo poder doméstico que sempre existia nas grandes famílias. A autora Rachel Soihet, em sua obra, aponta que apenas a casa, a maternidade e a família eram os lugares definidos como possíveis para as mulheres. Assim, elas acabaram se unindo aos filhos, mesmo obedecendo a ordem vigente, mas isso “lhes garantiu, além do respaldo afetivo e material, o exercício, dentro de seu lar, de um poder e uma autoridade que raramente dispunham no restante da vida social”.¹⁶⁰ Segundo Favaro, a evidência da exclusão da recém-casada era muito clara, pois “a deixavam ‘de fora’ das ‘relações decisivas’ que ocorriam entre os membros efetivos da família de adoção”.¹⁶¹ A partir dessa constatação, o depoimento de Cerenita Stuaní Mezomo, moradora da Linha Oitenta no interior de Flores da Cunha, confirma a influência da matrona na família, pois

¹⁵⁸ Depoimento de Adiles Ferrarini Deboni. Flores da Cunha, 06 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo B.

¹⁵⁹ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George. **História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4. p. 139.

¹⁶⁰ SOIHET, Rache. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 291.

¹⁶¹ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950**. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 182.

[...] a sogra era muito... Aquela era difícil mesmo. Pelo amor de Deus. Mas agora o sogro era uma pessoa muito boa. [...] O problema dela era que ela quando bebia... ficava purgante. [...] Aí ela mandava em tudo. Era ela quem mandava. [...] mandava no marido dela, mandava no meu marido... mandava em tudo. [...] E tinha que ser do jeito que ela queria.¹⁶²

Quando moravam com a família do marido, as mulheres sentiam-se estranhas, excluídas. Com a chegada dos filhos, passavam a pertencer à família, mas nunca era o mesmo sangue, o mesmo “jeito de agir”.

A tradição de morar com os pais do marido persistia no interior até que o filho tivesse condições de comprar terras ou em casos em que era o último a casar, como aconteceu com Renata Bernardi Izéria, que, mesmo se casando em 1997, acabou residindo com a sogra, pois o marido era o filho mais novo e herdeiro da propriedade.¹⁶³ Em virtude desse costume mesmo os jovens casavam-se mais cedo, pois para eles era natural que a nora morasse com a sogra.

Porém, na maioria dos casos, a convivência era muito difícil. As jovens esposas só começavam a viver depois que tivessem suas próprias casas. No caso de Rita Mascarello Guareze, por desentendimentos muito frequentes, a solução encontrada foi dividir a casa e, principalmente, a construção de uma nova dependência para a cozinha, a marca da dominação da sogra sobre a nora.

Nós moramos bastante tempo junto com os meus cunhados. E agora casaram, e a nona... Levaram ela. Ela veio morar em Flores da Cunha. “A senhora sabe me dizer... quantos anos morou junto com os nonos?” Com a nona, até que ela estava lá... vinte e dois anos. Assim, a gente fez cozinha separada. Junto a gente viveu bastante, que nem, tudo na mesma cozinha. “Então depois resolveram separar?” Aí fizemos a cozinha separada... “Ela ficou com a parte dela...?” E nós fizemos atrás. Aí ela ficou na frente. “Como é que era, assim, a relação da senhora com a sua sogra?” Bem... é que ela pensava muito naqueles de fora. “Dava mais razão aos filhos que tinham saído de casa?” Mais razão e valor aos de fora. Que nem, lá o Nildo tinha que dar tudo, no entender dela. “Para os outros filhos?” Sim. E o nono, que estava sempre doente... sempre cuidamos nós. “E, mesmo assim, ela não admitia essa ajuda?” É que a cabeça dela era meio complicada.¹⁶⁴

No passado, existia a tradição de as noivas do interior não entrarem na casa do marido antes do casamento, então o enxoval era buscado pelo noivo antes do casamento. Nesse momento, as

¹⁶² Depoimento de Cerenita Stuari Mezomo. Flores da Cunha, 21 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo G.

¹⁶³ Depoimento de Renata Bernardi Izéria. Nova Pádua, 08 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo D.

¹⁶⁴ Depoimento de Rita Mascarello Guareze. Flores da Cunha, 22 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo H.

moças já estavam com o enxoval pronto, porque desde cedo as mães incentivavam a confecção das peças.

As futuras cunhadas e a sogra arrumavam o quarto do novo casal com os pertences da noiva. Outro costume era de que, quando a nora chegasse à casa da sogra, deveria ser recebida pela matrona. Todos já saberiam como seria o relacionamento entre a matrona e a nora. Caso a sogra colocasse uma cadeira para ela descer do cavalo, era sinal de que estava sendo bem-aceita pela família. Atualmente, mesmo no interior esse costume caiu em desuso, porém as relações de aceitação ou não permaneceram.

Na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, após os estudos já realizados pela doutora Cleci Favaro, delineou-se o ideal de mulheres, e aquelas que se enquadravam nestas características eram disputadas: “trabalhar muito, comer pouco, economizar ao máximo, não ter qualquer vaidade e nenhuma ambição. Em suma (a mulher deveria) perder a identidade e a individualidade, visando agradar e ser aceita no grupo”.¹⁶⁵

Enfim, as “herdeiras de Eva” foram as mulheres pioneiras que, como já foi afirmado, estavam limitadas ao ciclo maternidade-trabalho-família-igreja. As colonas eram submissas ao poder maior do homem e contentavam-se com o “poder inferior” que lhes era permitido. Assim perceberam-se as microrrelações de poder agindo no casamento e na família, dentro dos limites impostos pelas regras dos homens.

Neste capítulo retomaram-se as evidências e explicações para a submissão feminina nas relações das mulheres da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Buscou-se, no cotidiano, nas atitudes, nas palavras e na memória das atrizes dessa época, reconstruir uma história de dominação. De acordo com Priori, “não se trata apenas de fazer a história do cotidiano ou da vida privada, resgatando a sua evolução ou condição. [...] Não se trata de discutir o espaço público em oposição ao privado, mas de tentar perceber qual a natureza do espaço que diferentes grupos sociais ocupam”.¹⁶⁶

¹⁶⁵ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 120.

¹⁶⁶ PRIORI, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro:

Mas não se pretendeu isolar a mulher como foi feito pela História até 1960 (quando o homem era o centro). Na verdade, o objetivo foi escrever a “história das mulheres como o estudo das relações entre homens e mulheres nos sistemas históricos de poderes, de maneira não descritiva e estática, mas problemática e dinâmica”.¹⁶⁷ Rachel Soihet¹⁶⁸ relatou que a grande reviravolta da História nas últimas décadas teve uma estreita ligação com as temáticas envolvendo os grupos sociais. A partir de então, pluralizaram-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres foram alçadas à condição de “objeto e sujeito” da História.

Campus, 1997. p. 272.

¹⁶⁷ PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Visitando a história das mulheres. **Lumen**, São Paulo, v. II, n. 5, p. 5-18, 1996. p. 15.

¹⁶⁸ SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275.

Exclusão feminina

Pela perpetuação do modelo patriarcal e da posição mantida pela Igreja Católica, o sistema de exclusão do sexo feminino transformou-se numa constante. Ainda hoje, principalmente no interior de localidades da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, esse costume prevalece. De acordo com o pensamento de Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes [...]”. Em uma sociedade como a nossa, conhecemos [...] procedimentos de exclusão”.¹⁶⁹

A própria postura familiar concentrou-se em fortalecer a exclusão das mulheres. Como “matrona”, a mulher mais velha encarregava-se de educar filhas e netas para a submissão. Cleci E. Favaro acreditava que elas tinham a responsabilidade “pela reprodução da força de trabalho imprescindível ao desenvolvimento das comunidades imigrantes, tolhidas [...] em seus objetivos pessoais em benefício do grupo familiar”.¹⁷⁰ Segundo a visão de Castan,

[...] a mulher dessas sociedades se vê confinada ao lar. Com certeza e de modo geral, é excluída dos papéis públicos e das responsabilidades exteriores (políticas, administrativas, municipais, corporativas). [...] Pois sua ocupação é prioritariamente doméstica; o cenário: a casa; sua vocação: encarnar a imagem de esposa e mãe, arraigada pela Igreja e pela sociedade civil.¹⁷¹

As mulheres deveriam cuidar dos afazeres domésticos, participar dos processos de plantação e colheita e aceitar, por exemplo,

¹⁶⁹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 08-09.

¹⁷⁰ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950**. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 28.

¹⁷¹ CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: ARIËS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. Tradução: Hildegart Fest. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 3 v. p. 417.

a distribuição desigual de bens e do trabalho. Na hora da partilha, os rapazes ficavam com as terras e as moças levavam os “trapos de pano”, ou seja, o “dote”.

Quando se casava e saía da casa paterna, a filha não tinha direito algum sobre a herança, todos os bens da família deviam permanecer sob o controle dos homens, ou seja, “só podiam ser transmitidos de varão a varão”.¹⁷² Isso ocorria porque “supunha-se que as filhas teriam a terra através do casamento”¹⁷³, com um homem responsável por elas e administrador de sua própria colônia (propriedade rural). Nesse sentido, a justificativa utilizada para legitimar a exclusão das mulheres transparece no artigo do jornal *Correio Riograndense*:

Dois pesos, duas medidas; trabalho igual. Mas como dar às filhas uma colônia de terra, se de acordo com o ideário, elas sequer sabiam dirigir a si próprias? A mentalidade vigente ultrapassava os estreitos laços da família, encontrando até mesmo nas pessoas mais esclarecidas do grupo a confirmação dos estereótipos [...].¹⁷⁴

Foram raras as moças, no passado, que não precisavam esforçar-se para arrumar o “único bem” que levariam da casa paterna, o seu enxoval, junto com a máquina de costura que seria muito útil na futura vida de dona de casa. Bordavam, faziam crochê e tricô, pintavam. Na colônia, a mãe e a filha trabalhavam muito para lucrar e conseguir adquirir os panos e linhas. Todas as filhas ganhavam a mesma quantia, apenas o necessário, sem detalhes ou panos finos. O único elemento decorativo era o crochê, feito à noite. De acordo com Loraine S. Giron e Heloísa E. Bergamaschi, “o nascimento de uma filha, além de ser considerado um ônus para a produção agrícola, era o início de uma vida de trabalho. Tanto a filha como a mãe deveria dobrar suas atividades para fazer frente às despesas com o dote e o enxoval quando a moça estivesse na idade de casar”.¹⁷⁵

Essa tendência era amplamente utilizada na Região Colonial Italiana, principalmente no interior, apesar de algumas mudanças que aplacaram a rusticidade das partilhas. Porém, para Claudino Boscatto, esses ranços do passado ainda podem ser encontrados

¹⁷² MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul – 1900/1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998. p. 79.

¹⁷³ GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres proprietárias**: histórias de vida – 1875 – 1975. Caxias do Sul: UCS, 1997. p. 23.

¹⁷⁴ CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul, ano 88, n. 4477, 15 mai. 1996, p. 06.

¹⁷⁵ GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres proprietárias**: histórias de vida – 1875/1975. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

com facilidade. Ele ressalta que o “sistema de discriminação da filha mulher, em matéria de aquinhoamento de bens de herança, infelizmente persiste até os dias de hoje, especialmente nas famílias menos esclarecidas”.¹⁷⁶

As relações familiares baseavam-se nos mesmos moldes que existiam na Itália, onde havia pouca terra para ser dividida entre os vários herdeiros, no entanto o fato não se justifica, porque no início da colonização havia muita terra, e mesmo assim só os homens a recebiam. Esse modelo, para Thales de Azevedo, originou-se através da

[...] ideia de que os proprietários rurais destinam a sua terra e mesmo a universalidade de seus bens unicamente aos filhos varões; [...] o colono sempre procura ajudar muito aos filhos; as filhas são enganadas ou menos beneficiadas. Essa é, entretanto, uma interpretação preconceituosa de velhos padrões trazidos da Europa. Segundo esses padrões, a terra de que o agricultor tira o sustento de sua família é um patrimônio alienável da sua linhagem ou de sua família-tronco, devendo persistir indivisa e com a mesma função econômica e social em poder do descendente capaz de o suceder, nesse papel. Esse papel e o correspondente status são tradicionalmente masculinos como parte dos atributos de chefe de família e o Cabeça do casal [...].¹⁷⁷

Indubitavelmente, a questão da partilha foi mais um mecanismo criado pelo sistema patriarcal para manter sua dominação sobre as mulheres. A solução deveria ser o pagamento em dinheiro “da parte” que caberia às moças, pois “o dote” e o enxoval não serviam para compensar todo o esforço que elas empreenderam para o bem-estar da família durante anos.

Sempre havia a preocupação do pai (“Chefe”) com a manutenção dos bens móveis e imóveis para deixar aos filhos. As filhas trabalhavam tanto quanto ou mais do que os homens, mas não podiam nunca gastar dinheiro, nem para prosseguir os estudos. Para De Boni e Costa, “a divisão dos trabalhos mostra a posição do homem e da mulher na família, bem como o sentido de primazia do homem e a subordinação da mulher”.¹⁷⁸

Em relação ao modelo de exclusão da mulher, Alice Gasperin¹⁷⁹ relatou, em sua obra, que as moças nunca eram chamadas para tomar

¹⁷⁶ BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos: pioneiros de Nova Trento.** Flores da Cunha: O Florense, 1994, p. 44.

¹⁷⁷ AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.** 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra Ltda., 1982.

¹⁷⁸ DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Róvilio. **Os italianos no Rio Grande do Sul.** 3. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 149. p. 277.

¹⁷⁹ GASPERIN, Alice. **Lembranças da colônia.** Porto Alegre: EST, 2000. p. 331.

parte ou expor suas opiniões nas decisões sobre os trabalhos de casa. Era costume que as mulheres não se “metessem” nos assuntos dos homens e fizessem tudo o que lhes mandavam. Ainda, elas tinham consciência da ausência de direitos, talvez por isso não existissem questionamentos quanto à questão da partilha.

Apesar das dores, preocupações, tarefas e responsabilidades que advinham da maternidade e do trabalho, as mulheres sustentaram nesses dois elementos o seu “poder doméstico” (chamado de inferior e interior). Este “poder” foi visto por Cleci Favaro¹⁸⁰ como recompensa pelas perdas das heranças e direito de propriedade.

Outra forma de exclusão das mulheres era negar-lhes a acessibilidade à educação. Até mesmo a Igreja Católica reforçava essa dominação masculina ao não propor outro caminho para as mulheres. Segundo Cleci Favaro, “a leitura e, mais do que ela, a escrita eram – em certas regiões ainda o são – domínios proibidos. A educação laica ou religiosa nunca visou que esse ser emergisse do limbo intelectual a que foi destinado. Os diários íntimos que sobreviveram à fúria destruidora [...] o confirmam”.¹⁸¹

Enfim, existia um grande aparato institucional responsável por perpetuar essa estrutura, inclusive com a participação da própria escola. A partir disso, foi apontado no jornal *O Florense* que era uma

[...] habilidade da escola em ocultar no contexto escolar, às vezes de forma inconsciente, os interesses da classe dominante. A educação é eminente e não apenas pelo bem de uma parcela da sociedade. Entretanto, na prática, a escola luta com dificuldades para se libertar dos controles diretos e indiretos ainda hoje [...].¹⁸²

Naturalmente, para a sociedade colonial, as mulheres não precisavam de muito estudo, porque suas atividades principais eram dar à luz, educar os filhos, alimentar e vestir a família e obedecer ao marido. Nas horas vagas, deveriam saber bordar, costurar, remendar e fazer tranças de palha. “À medida que a mulher ficava excluída

¹⁸⁰ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 16-17.

¹⁸¹ FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. p. 03.

¹⁸² O FLORENSE, Flores da Cunha, ano 01, n. 06, 10 fev. 1986, p. 13.

da escola, era mais fácil manter o domínio da família e a própria submissão da mulher”.¹⁸³

Assim, o senso comum da época revelava que para as mulheres não havia a necessidade de instrução. Isso se baseava na visão excludente do patriarcalismo, pois os rapazes podiam tranquilamente seguir seus estudos, caso as famílias dispusessem de recursos para investir na educação. Algumas mulheres perceberam essa diferenciação, e disso resultaram mágoas retratadas em desabafos por terem interrompido os estudos. Em contrapartida, algumas moças não apresentavam interesse nos estudos, como apontou De Boni: “é perceptível a indiferença pelo estudo [...], especialmente nas donzelas”.¹⁸⁴ No momento em que elas iniciavam o namoro, caso alguma estivesse na escola, esta era imediatamente abandonada. Essa realidade ainda se mantém nas comunidades do interior, como afirma Renata Bernardi Izéria, em seu depoimento: “Arranjei namorado e... e eu também não tinha tanto interesse em continuar [os estudos], então eu parei”.¹⁸⁵

Muitas vezes, as responsabilidades com o cuidado dispensado aos irmãos menores foram a motivação para o abandono dos estudos, como aponta Adiles Ferrarini Deboni. Em seu depoimento, ela deixa transparecer ressentimentos por ter abandonado a escola e não ter retornado.

Tinha que ficar em casa para cuidar, eu me lembro muito bem, eu tinha sete anos, seis para sete anos, e ficava responsável de criança recém-nascida. Tinha, que nem, por exemplo, o Serginho e o Pedro, que eram bem pequenos, bem pequeninhos. Daí me deixavam em casa de responsável, ficava responsável de cuidar... Acho que tinha o anjo da guarda mesmo que ajudava, porque... “Era uma criança cuidando de outras crianças...” E minha mãe, também ela se obrigava porque tinha que ir trabalhar na colônia. Principalmente quando eram bem pequenos... quem que ia trabalhar? Pra sustentar a casa, sustentar para ter comida... e, assim, ia ensinando pra nós como que ia fazer... tinha que se botar na cabeça de ser bem responsável, desde pequeno. “E a senhora chegou a ir pra escola? Quanto tempo?” Pouco, pouco tempo... foi, acho que, três a quatro anos, é, depois parei. Não me lembro bem... mas acho que até uns dez anos, acho. Não me lembro bem, bem, quantos anos eu tinha quando parei. Tinha o terceiro ano... passei para o terceiro ano e parei. Eu tinha passado, mas parei... porque não dava mais... por que quem é que ficava em casa, assim? Já tinha que ficar e ajudar... Não tinha meios... não tinha. E,

¹⁸³ VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. p. 107.

¹⁸⁴ DE BONI, Luis Antonio. **A Itália e o Rio Grande do Sul IV: relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas.** Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983. p. 56.

¹⁸⁵ Depoimento de Renata Bernardi Izéria. Nova Pádua, 08 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo D.

trabalhar pra se sustentar... não tinha meios e nada, sabe, e como que tu ia fazer? Ou era morrer de fome ou se sustentar. Enfim, os mais novos, até que eles estudaram depois, que nem os últimos... E, que nem depois, mais tarde, eu podia ter saído... estudar com as freiras, quando estavam maiorzinhos, as crianças... mas, sabe como que é, acabou que eu fui ficando e ficando. Os mais pequenos foram indo para os colégios dos padres, das freiras e quem ficava... ficava. Não tinha colégio, que nem agora, não era fácil.¹⁸⁶

Cerenita Stuani Mezomo nunca teve a oportunidade de ir à escola diante do compromisso de trabalhar, a fim de auxiliar os pais. “É... não deu para estudar, porque tinha que trabalhar e daí não deu para estudar. ‘A senhora cuidava dos irmãos menores, também?’ Sim. ‘Tinha quantos irmãos para cuidar?’ Acho que eram uns oito. É... era... era uma tropa.”¹⁸⁷ Isso se justifica, “uma vez que as crianças auxiliavam no plantio e na colheita, sendo indispensáveis como mão de obra familiar. Perder os filhos para a escola significava certo prejuízo para as famílias que atribuíam valores distintos para a educação em confronto com as necessidades econômicas”.¹⁸⁸

Já os meninos deveriam saber ler, escrever e contar bem, porque cuidariam dos negócios da família. E, com isso, segundo a historiadora Loraine, “a menina ficava condenada à ignorância. Da ignorância para a submissão, a distância não era grande. Ao saber ler, fazer contas, o homem afirmava sua superioridade sobre a esposa ignorante e filhas, que mantinha na ignorância”.¹⁸⁹

O aprendizado das crianças iniciava-se sempre na família a partir do exemplo do pai, da mãe e dos irmãos mais velhos. Logo, elas aprendiam que quem mandava era o pai, e por esse motivo deviam-lhe obediência. Como a autoridade paterna era muito forte, suas ordens tornavam-se “leis”. A desobediência geralmente era punida com castigos físicos, por isso poucos se atreviam a desacatar as ordens do pai (ele nunca pedia, sempre mandava). Diante de tanto poder que o pai acumulava, tornava-se extremamente difícil contestá-lo.

¹⁸⁶ Depoimento de Adiles Ferrarini Deboni. Flores da Cunha, 06 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo B.

¹⁸⁷ Depoimento de Cerenita Stuani Mezomo. Flores da Cunha, 21 jun. 2008. A.M.S.V. (Acervo mulheres sem voz). Anexo G.

¹⁸⁸ VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. p. 93.

¹⁸⁹ GIRON, Loraine Slomp. **Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: UCS, 1992. (Caderno de Pesquisa). p. 26. CASTRO, Dinorah d'A. Berbert de. Cartas sobre a educação de Cora. In: AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga.** São Paulo: Ática, 1986. p. 67-68.

Quando algum fato desagradava ao “Chefe” da casa, não havia necessidade de muitas palavras, apenas um “olhar” já era o suficiente... Portanto, analisando a questão da obediência dos filhos, percebeu-se que, na realidade, não era respeito que eles tinham pelos pais, mas medo. Além disso, a interferência educacional primava por esse tipo de comportamento. Na realidade,

[...] a obediência estava presente na escola como um valor tradicional já vivenciado, caracterizando-se por uma submissão cega aos pais, aos mestres, à Igreja, aos superiores e aos mais velhos. [...] os próprios pais reconheciam a obediência como um valor e um instrumento necessário para a formação do filho, dentro do quadro de suas expectativas.¹⁹⁰

Quando prevalecia o poder patriarcal absoluto, as mulheres acatavam o modo de vida do marido, do pai ou dos irmãos e anulavam-se. Isso porque não tiveram educação suficiente para refletir sobre o passado e o presente em que estavam inseridas.

Se a tradição pudesse se aproximar da igualdade jurídica e do acesso ao poder de decisão às mulheres, haveria um distanciamento do autoritarismo e da superioridade masculina. Mas, indubitavelmente, para se alcançar esse equilíbrio haveria a necessidade de uma reestruturação e da tentativa de construir uma história diferente. O único meio para alcançar essa meta seria o acesso irrestrito à educação, para compreender os problemas causados pelas condutas herdadas pela tradição.

Algumas mulheres, no entanto, foram gradativamente tomando consciência das injustiças e das relações de poder que permeavam sua vida. Esse passo foi importante para que elas reivindicassem e garantissem seu espaço na História, nas décadas seguintes. Logo, torna-se válido ressaltar que certas mulheres reconheceram seu papel e passaram a lutar pela superação da extrema dominação patriarcalista. As precursoras que conseguiram ter acesso aos estabelecimentos de ensino serviram de exemplo para o reconhecimento do papel e da importância da mulher.

¹⁹⁰ VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul.** Porto Alegre: EST, 1998. p. 177.

Conclusão

No decorrer desta obra, a influência exercida pelo patriarcalismo no interior de Flores da Cunha, no último quartel do século XX, foi desvelada e acabou por trazer à tona antigos “ranços” da tradição herdada dos imigrantes italianos. Assim, pôde-se traçar aspectos característicos das relações vivenciadas, nessa época, entre o poder do “Chefe da casa” e a submissão das mulheres (esposas e filhas). Foram desvendadas inúmeras circunstâncias que comprovaram a permanência do poder absoluto dos homens através da hegemonia das formas de pensar, agir e decidir do sexo masculino.

Na colônia, constatou-se que ainda é costume seguir o código de conduta moldado pelos antepassados, em que as características patriarcais persistiam incentivadas pelo poder da Igreja. A religiosidade e o respeito às tradições foram os elementos mais considerados para a manutenção do poder patriarcal nas comunidades do interior de Flores da Cunha, onde as mulheres permaneciam “sem voz” ativa sobre as grandes decisões, inclusive na família.

Ainda, transpareceram claras evidências da sujeição e omissão da mulher frente ao poder do homem. Não havia disputa pelo poder, mas resignação com as “migalhas” de autoridade (“poderes”) que elas exerciam dentro das quatro paredes, enquanto o marido não estivesse em casa ou até mesmo em sua ausência total (falecimento). O inconsciente feminino demonstrava o horror àquela situação em desabafos momentâneos, porém, ao mesmo tempo, as mulheres diziam-se recompensadas por terem conseguido criar os filhos.

Assim, constatou-se a grande força da ideologia cristã na mentalidade do interior, que traduzia os termos *mãe* e *mulher* como *sofrimento em favor da família*. Na maioria das vezes, essas mulheres esconderam-se e silenciaram-se sob o argumento de que

não haviam estudado ou eram consideradas incapazes, ou, ainda, disseram que “preferiam” deixar nas “mãos dos maridos” as decisões sobre os negócios. Isto porque eram eles quem participavam da sociedade, atuando como os agentes responsáveis pelas propriedades. No entanto, o trabalho e as obrigações ficavam a cargo do “sexo frágil”. A mulher trabalhava (e ainda trabalha) lado a lado com o homem, incessantemente, tanto na roça como no cuidado com a casa e os filhos. As mulheres fazem parte da população economicamente ativa, mas sua mão de obra continua desvalorizada por ser considerada mais “fraca”.

A educação das filhas nem sempre mereceu importância ou incentivo. A ignorância tornou-se uma parceira muito forte na manutenção do poder de apenas uma das partes – no caso, da masculina. Nesse sentido, seguem-se até hoje as normas patriarcais, o “Chefe” fala e sempre tem razão, porque, enfim, acredita-se que ele é, como antigamente, superior, ou seja, aquele que tem a decisão final...

Logo, a mulher aceitava o cotidiano e mantinha o comportamento definido como masculino quando tinha a oportunidade de tomar as decisões. Ela tornava-se mera reprodutora dos costumes patriarcais, exercendo o controle e a injustiça das relações sobre as moças da família. Os rapazes também continuavam a ser os privilegiados quanto ao acesso à educação e ao direito de herança sobre a propriedade rural.

Mesmo com o passar do tempo e as melhorias que o progresso trouxe para o interior do município de Flores da Cunha, o modelo patriarcal continua sendo amplamente utilizado. Poucos foram aqueles que vislumbraram a dominação do sexo masculino, estreitamente interligado às tradições, e tiveram coragem de amenizar as relações de poder que relegaram as mulheres ao “silêncio”.

Porém, algumas “corajosas”, provavelmente, não aceitaram a situação de dominação e passaram a participar efetivamente das decisões acerca de suas vidas. Mulheres que utilizaram o “poder de sua voz” para conquistar sua posição, seus direitos. Essa questão, que implica uma série de outras, poderá ser tema de investigação para outros projetos com foco em buscar o elo com o passado, assim

como foi feito, porque a vida e a História não param, e há sempre o que buscar, o que esclarecer, o que reconstruir...

Bibliografia

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul**: 1864-1970. Caxias do Sul: São Miguel, 1962.

ALBERTI, Verena. **História Oral**: experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, 1989.

ANTUNES, Duminiense Paranhos. Documentário histórico do Município de Caxias do Sul 1875-1950. **Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização**. Caxias do Sul; São Leopoldo: Artes Gráfica, Comércio e Indústria S.A., 1950.

AZEVEDO, Thales de. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**: anos pioneiros da colonização italiano no Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria e editora Cátedra Ltda., 1982.

BARTHÉLEMY, Dominique. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da Europa feudal à renascença. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2 v.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 1982.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, história, cantos, comidas e estórias. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes; EDUCS, 2004.

BERGAMASCHI, Heloisa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. **A força das mulheres proprietárias**: histórias de vida – 1875/1975. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

BERTASSO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida (org.). **Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul**: órgão oficial da Festa da Uva e Exposição Agroindustrial – 1950. Porto Alegre: Revista do Globo S.A., 1950.

BOFF, Leonardo. O rosto materno de Deus. In: LOPEZ, Luiz Roberto. **História da Inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSCATTO, Claudino Antonio. **Memórias de um neto de imigrantes italianos**: pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da renascença ao século das luzes. Tradução: Hildegart Fest. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 3 v.

CASTRO, Dinorah d'A. Berbert de. Cartas sobre a educação de Cora. In: AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

CORREIO RIOGRANDENSE, Caxias do Sul. 1942 a 1996.

COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, [198?].

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

DALLA COSTA. História das Fraternidades. In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; UCS; Correio Riograndense, 1984.

DE BONI, Luís Alberto. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: DACANAL, José H. **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DE BONI, Luís Alberto. **A Itália e o Rio Grande do Sul IV: relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

DUBY, Georges. **Eva e os padres: damas do século XII**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 16. ed. Tradução: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 61.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências – Região colonial italiana do Rio Grande do Sul – 1875 a 1950**. 1994. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GASPERIN, Alice. **Lembranças da colônia**. Porto Alegre: EST, 2000.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. In: OCORRÊNCIAS 16. **“Outras mulheres”**. Museu e Arquivo Histórico João Spadari Adami, julho 1998.

GIRON, Loraine Slomp. **Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: UCS, 1992. (Caderno de Pesquisa).

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloisa Eberle. **Mulheres proprietárias**: histórias de vida – 1875/1975. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HUNT, Lynn. Revolução francesa e vida privada. *In*: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra mundial. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 4 v.

LUNARDI, Ivana. **Histórias e memórias de Flores da Cunha**: para conhecer, amar, rir e chorar. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul – 1900/1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

MURARO, Rose Mari. A mulher do terceiro milênio. *In*: MACHADO, Maria Abel. **Mulheres sem rosto**: operárias de Caxias do Sul/1900-1950. Caxias do Sul: Maneco, 1998.

MURARO, Rose Mari. História e feitiçaria. *In*: LOPEZ, Luiz Roberto. **História da inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DE CAXIAS DO SUL. **Ocorrências 13**: Ritos 2. Caxias do Sul: 1991.

O FLORENSE. Flores da Cunha: 1986 a 1987.

O MOMENTO. Caxias do Sul: 1936 e 1946.

ORTIZ, Renato. **Mundialização**: saberes e crenças. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Visitando a história das mulheres. **Lumen**, São Paulo, v. II, n. 5, p. 5-18, 1996.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. *In*: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra mundial. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 4 v.

PERROT, Michelle. **Os excluídos**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRIORI, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. *In*: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 5 v.

REIS, José Carlos. **Escola de Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Da colona a bóia-fria. *In*: PRIORE, Maria Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SOIHET, Rache. História das mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TAMANINI, Marlene. Doméstico: produto da história e efeitos do discurso. **Revista da FEBE – Mulher e feminismo**, Santa Catarina, n. 02, p. 147, 1997.

VALLE, Osmarilda dos Santos. A mulher na história: da dominação a emancipação. **Revista da FEBE – Mulher e feminismo**, Santa Catarina, n. 02, p. 161, 1997.

VECCHIA, Marisa Formolo Dalla; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber**: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. Porto Alegre: EST, 1998.

VINCENT, Gerard. Uma história do segredo? *In*: ARIÈS, Phillipe; DUBY, George. **História da vida privada**: da primeira guerra aos nossos dias. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 5 v.

WEBBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: Regis Barbosa e Keren E. Barbosa. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.



Anexo A

Depoimento¹⁹¹ de Frei Raimundo Costella

Declaração de cedência do depoimento

1ª Entrevista

Entrevistado(a): Frei Raimundo Costella

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 03/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

R: Frei Raimundo Costella

F: “Hoje, dia três de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou aqui em Flores da Cunha entrevistando o Frei Raimundo Costella.”

F: “Bom dia, Frei.”

R: “Bom dia.”

F: “Frei, eu gostaria de saber o nome completo do senhor.”

R: “O nome religioso... eu me chamo Frei Raimundo Costella.
No nome civil, eu seria Rovídio José Costella.”

F: “Aham.”

¹⁹¹ As alterações feitas nos anexos e nas citações diretas referentes a eles se reservaram a possíveis erros de digitação, para mandar a fidelidade das falas orais.

F: “Qual é a idade do senhor?”

R: “Setenta e cinco anos.”

F: “Onde foi que o senhor nasceu?”

R: “Eu nasci em Tapejara, Rio Grande do Sul.”

F: “Ah... O nome dos pais do senhor?”

R: “O pai era Davi Costella e a mãe Maria Rovani Costella, já falecidos.”

F: “Já falecidos...”

F: “E, não sei se o senhor poderia falar um pouquinho, como foi a decisão de se tornar sacerdote?”

R: “Eu já tinha um irmão, que já havia saído de casa para ser religioso... para ser capuchinho missionário. E eu, um dia, disse para a mãe que também queria... ser missionário. E a mãe disse que eu não deveria escolher esta carreira porque era difícil... mas eu, assim mesmo, sustentei e disse pra ela, aos doze anos... aos meus doze anos... disse para ela que eu também queria ir... e insisti. Ela depois falou com o pai. E então o pai também diz: ‘Olha, já que temos doze filhos... um ou dois, não importa que fosse. Basta que depois sigam esta... o caminho... esta decisão, esta vocação’”.

F: “Sim.”

R: “E eu saí de casa com doze anos e meio pra ir para o seminário.”

F: “Em quais seminários o senhor estudou?”

R: “Estudei em Veranópolis, Ipê, Flores da Cunha, Garibaldi, em Marau e... depois me formei em Porto Alegre...”

F: “Sim.”

R: “... em mil novecentos e cinquenta e nove... Porto Alegre.”

F: “Em Porto Alegre...”

R: “No dia doze do doze de cinquenta e nove... me formei padre, lá... fui ordenado padre.”

F: “E o senhor sentiu dificuldade nessa caminhada... nos estudos...?”

R: “Dificuldades, dificuldades, assim... não, mas sempre a gente tem dificuldades, né? Quando vê os colegas desistirem... desanimarem... a gente diz: ‘E, eu? E eu... como é que vou para frente?’ Mas andei, andei firme... fui sempre firme... não tive maiores dificuldades. Agora, o estudo sempre foi difícil... como dizia a mamãe, né? ‘O estudo vai ser difícil’.”

F: “É... ainda é.”

(risos)

R: “Você também se formou professora...”

F: “É.”

R: “... não é fácil.”

(risos)

F: “É complicado... a gente precisa se dedicar bastante...”

F: “E quando é que o senhor veio aqui para Flores... para atuar aqui na... na Paróquia?”

R: Ih... Você sabe que nós temos superiores que decidem, né? Que mandam... Que transferem para cá e para lá. Eu já tinha estado aqui... em oitenta e cinco, oitenta e seis e oitenta e sete. Depois saí daqui... ainda, por ser transferido, pelo Superior. Lá pelas tantas, novamente me mandaram pra cá, para eu trabalhar aqui na Paróquia, na formação dos alunos aqui do Convento... no seminário. E faz oito anos que estou aqui.”

F: “O senhor trabalha bastante... no interior?”

R: “Trabalho bastante aqui na Paróquia... mas mais nas capelas, né? Nós chamamos de capelas... as comunidades do interior.”

F: “Sim, sim.”

R: “Temos trinta comunidades.”

F: “Bastante, né?”

(risos)

R: “Trinta comunidades...”

F: “Como o senhor sente o pessoal aqui de Flores da Cunha... em relação à religiosidade?”

R: “Eu acho o povo de Flores da Cunha um povo assim... muito religioso... muito religioso mesmo. Agora... dizer das qualidades... da religiosidade... o povo de Flores da Cunha... não é muito fácil. Porque é uma religiosidade mais, eu diria, quase superficial. E não uma religião decidida para dizer que sou filho de Deus, quero viver a minha fé, a minha religião... Mas é uma religiosidade, assim, que leva para frente... mais porque sou, porque meus pais foram assim... porque meus avós foram assim... e eu também vou continuar assim...”

F: “Mais uma questão de tradição, né?”

R: “É. De tradição. Que se a gente olha, também não sei se vem outra pergunta... Batizar, por tradição... crismar, por tradição... casar, por tradição. Agora que seja um Batismo de convicção... uma Crisma, assim, o sacramento da Crisma assumido... Vou casar pra assumir esse sacramento... eu acho que não é muito fácil encontrar alguém... uma pessoa que se decide... desse jeito, né?”

F: “Aham.”

R: “Nessa convicção, mesmo, de religiosidade. Mas eles vivem a sua religião, praticam, né? Os sacramentos, principalmente no interior, rezam, comungam, vão ao culto... vão à missa... uma porcentagem bem grande... quase noventa por cento... noventa e cinco por cento... eu acho, o povo da colônia participa.”

F: “Então seria até mais do que na cidade?”

R: “Muito mais do que aqui na cidade.”

F: “Isso seria a questão da participação comunitária, assim... ajudar na liturgia... O senhor vê que ainda tem isso, também?”

R: “Também. Mas tem muitas pessoas que acham dificuldade para assumir... falta de formação... precisaria formar, assim. Que eles tivessem curso de formação. A senhora sabe também, né? Ninguém vai assumir professora, por ali, sem falar em público, ensinar... se não tem uma formação...”

F: “Sim, sim. Fica muito difícil.”

R: “Precisaria partir daí.”

F: “O senhor percebe que são mais as mulheres ou os homens que... que se dedicam... assim...?”

R: “As mulheres... as mulheres se dedicam... de liturgia, de catequese... de tudo aquilo... de Conselho, que nós chamávamos, antigamente. Os fabriqueiros, que seriam mais os homens...”

F: “... que seria mais uma questão que trabalharia mais... mais com o financeiro?”

R: “É... é, seria mais a parte da conservação, assim, do salão da igreja... com o dinheiro, né? Tudo o que é mais econômico... seria mais com os homens.”

F: “... com os homens. E o senhor percebe, assim, que as famílias do interior... isso também acontece... mais o homem que... que trabalha com o financeiro, com o econômico?”

R: “Mais é o homem. O homem que vai para os bancos, que mexe com essas coisas... também na direção da família... tanto que, se o homem morre, ali pelas tantas... e a mulher ainda não assumiu nada... ela não se sente capacitada... em lidar com os bancos, assim... viver em baixo de assunto de dinheiro.”

F: “Ela é, assim, muito dependente, então?”

R: “Bastante dependente... não dizer... assim cem por cento... mas são bastante dependentes dos homens... do marido.”

F: “E, até a própria Bíblia, né... tem umas passagens, por exemplo, do Gênesis, que... que coloca umas partes da questão do patriarcalismo, né... do homem ser o Chefe da família... O senhor poderia me falar um pouquinho sobre isso... do que o senhor entender, padre?”

R: “Olhe... aqui praticamente ainda é o homem quem manda... é ‘o Cabeça’. Não digo que a mulher seja escrava, não... acho que não. Dificilmente aqui, em nossa Paróquia de Flores da Cunha, a gente possa dizer que a mulher é escrava. Mas é muito dependente do homem. O homem que é ‘o Cabeça’. Então, o que o homem decide... praticamente está decidido na família, na comunidade... Não se pode dizer que a mulher é escrava, mas ela é muito dependente.”

F: “Então, o senhor acha que se mantém ainda até hoje, isso?”

R: “É, sim. Não se tem esse partilhar caminho... o homem ainda seria ‘o Cabeça’, seria o Chefe da família. Então... quando a mulher tem dificuldade, diz: ‘Peça para o pai. Vá lá para o pai... diga para o pai.’ Então quem comanda em casa é mais o pai.”

F: “O senhor acha, assim... os filhos acatam mais a decisão do pai?”

R: “Do pai... e se também o pai decide... tá decidido, então. O que eu acho um pouco errado... até esses dias veio um caso... de os dois terem que agir e não só o pai ou só a mãe. Que a mãe, às vezes, está em casa mais tempo... e se há alguma coisa de errado com os filhos... chega em casa, o marido, e... e ele diz: ‘Olha... a culpa é tua. A culpa é tua... Por que tu deixou fazer assim?’ Olha que os dois têm que assumir...”

F: “Os dois teriam a responsabilidade?”

R: “Os dois têm a responsabilidade... e não um mandar para o outro... de acusar o outro. Se não depois o filho diz: ‘O pai quer assim... a mãe quer assim’. Aí divide também as responsabilidades na família... na formação dos filhos.”

F: “Então... era isso, Frei. Muito obrigada pela sua ajuda.”

R: “Não por isso.”



Anexo B

Depoimento de Adiles Ferrarini Deboni

Declaração de cedência do depoimento

Fotografia do casal de namorados Adiles Ferrarini e Getúlio Deboni e do casamento de Adiles Ferrarini e Getúlio Deboni

2ª Entrevista

Entrevistado(a): Adiles Ferrarini Deboni

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 06/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

A: Adiles Ferrarini Deboni

F: “Hoje, dia seis de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou entrevistando a dona Adiles, que mora aqui no interior de Flores da Cunha.”

F: “Como é o seu nome completo?”

A: “Adiles Ferrarini Deboni.”

F: “Quantos anos a senhora tem?”

A: “Eu tenho cinquenta e nove... cinquenta e nove.”

F: “E onde é o local que a senhora morava antes de casar? Como é o nome da comunidade?”

A: “É a comunidade São João Bosco, que nem, mas a sociedade é do Travessão Alfredo Chaves.”

F: “Pertence a Flores da Cunha?”

A: “Pertence a Flores... era só uma capela... no Travessão Alfredo Chaves, Flores da Cunha.”

F: “Na época que a senhora morava lá com os seus pais, como é que era a vida da senhora... o trabalho... se a senhora puder falar para mim?”

A: “A vida, assim, como que era? Era de tu ir... levantar, ia fazer as coisas, os serviços, assim de casa, cuidar das vacas, dos porcos, das galinhas e depois ia para a roça... trabalhar. Plantava batata, milho, trigo, feijão... plantava tudo. Depois ajudava nas parreiras... podar, amarrar a parreira, sulfatar. Depois vinha a colheita da uva. Sabe, tinha aquela horta, cuidava da horta... assim. A vida era assim. Na horta, um pouco na colônia, ajudava em casa...lavava as roupas. Também a limpeza, tudo assim, tudo a mão. Não tinha nada de... que nem agora... que é tudo a eletricidade, tudo fácil... Tudo assim, bem difícil... bem devagar. Também o trabalho na colônia... não tinha, que nem agora... tem trator, uma vez não tinha. Bem a princípio... no princípio nem mula, não tinha. Tinha que vir para casa e pegar a lenha para fazer fogo. Eu me lembro, quando eu era pequena, que o pai vinha com um pedaço de lenha nas costas e, depois de lá, muito mais tarde... ele comprou uma mula. Daí ele fez uma, tipo, uma cangalha... e daí ele levava para casa umas lenhas e, depois, pra nós serrarmos, não tinha motosserra... um serrote a mão. Em dois serrava e aprontava a lenha para nós... cozinhar e se esquentar. Não tinha gás, que é tão rápido, que nem agora que tu bota no gás. Que bom que eles inventaram o gás! Se bem que é caro... se fosse mais barato... seria muito bom, né? Prático e rápido de fazer comida e tudo. Tinha que levantar,

com o frio, acender o fogo... demorava, esperar que fervesse a água para o café. Tudo assim.”

F: “A senhora também tinha que cuidar dos irmãos menores?”

A: “Tinha, tinha que cuidar. Tinha que ficar em casa para cuidar, eu me lembro muito bem, eu tinha sete anos, seis para sete anos, e ficava responsável de criança recém-nascida. Tinha, que nem, por exemplo, o Serginho e o Pedro, que eram bem pequenos, bem pequeninhos. Daí me deixavam em casa de responsável, ficava responsável de cuidar... Acho que tinha o anjo da guarda mesmo que ajudava.”

F: “Era uma criança cuidando de outras crianças...”

A: “E minha mãe, também ela se obrigava porque tinha que ir trabalhar na colônia, né? Principalmente quando eram bem pequenos... quem que ia trabalhar? Para sustentar a casa, sustentar para ter comida... e, assim, ia ensinando para nós como que ia fazer... tinha que se botar na cabeça de ser bem responsável, desde pequeno.”

F: “E, por isso, a senhora chegou a ir pra escola? Quanto tempo?”

A: “Pouco, pouco tempo... foi, acho que, três a quatro anos, é, depois parei. Não me lembro bem... mas acho que até uns dez anos, acho. Não me lembro bem quantos anos eu tinha quando parei. Tinha o terceiro ano... passei para o terceiro ano e parei. Eu tinha passado, mas parei... porque não dava mais... por que quem é que ficava em casa, assim? Já tinha que ficar e ajudar... Não tinha meios... não tinha. E, trabalhar para se sustentar... não tinha meios e nada, sabe, e como que tu ia fazer? Ou era morrer de fome ou se sustentar assim, né. Enfim, os mais novos, até que eles estudaram depois, que nem os últimos... E, que nem depois, mais tarde, que nem, eu podia ter saído... estudar com as freiras, quando estavam maiorzinhos, as crianças... mas, sabe como que é, acabou que eu fui ficando e ficando. Os mais pequenos foram indo para os colégios dos padres, das freiras, e quem ficava... ficava. Não tinha colégio, que nem agora, não era fácil.”

F: “Com quantos anos a senhora casou?”

A: “Eu... casei com vinte... e um anos. Eu fazia vinte e dois naquele ano.”

F: “A senhora lembra-se de quando morava lá... lá na casa dos pais... quem mandava mais... nos negócios, com o dinheiro. Era o pai ou a mãe da senhora?”

A: “Era praticamente... bem mais na nossa família do pai, lá... era mais tudo conjunto, sabe? Não era na mão de um. O pai, tudo bem... ele estava na frente, mas a minha mãe, ela conduzia tudo, sabe, igual o pai. Não era aquela coisa assim, que era só o homem que mandava e era a última palavra... que nem dinheiro, também, o dinheiro ficava exposto para quem precisava. E aquele dinheiro, que a gente tinha, era pouco, e todo mundo tinha acesso, sabia quanto que nós tínhamos... e tudo. Não era aquela coisa escondida, que só ele sabia e nós não sabíamos. Era tudo em conjunto...”

F: “Na época, já tinha conta no banco ou era dinheiro em casa?”

A: “Não, não tinha. A gente, naquela época, que nem, trabalhava com a uva... a gente vendia a uva e o dinheiro ficava na cantina... E, daí tu ia pegar conforme o dinheiro que precisava... até sem juro e sem nada. A gente sempre acabava perdendo, imagina, né? Não tinha controle que nem tem hoje. Agora, se você tem o dinheiro e guarda na poupança ou o canteiro é obrigado a pagar o juro. Tu ganhava e conforme tu precisava ia pegar. Só que, às vezes, que nem, meu pai ia pegar dinheiro... às vezes ele vinha de voltar sem o dinheiro. Porque a cantina não dava, não era que nem agora... a gente se queixa de agora, mas se fosse voltar para trás... para ver como que era, nós íamos levantar as mãos para o céu, porque ele ia para lá, para pegar dinheiro e não davam, não tinha progresso. O vinho não era vendido, assim, em grande quantidade... Era muito pequeno, não tinha como, sabe? Sem meio de transporte... o vinho ficava meio que parado.”

F: “Então eles não pagavam?”

A: “Conforme eles vendiam o vinho... eles pagavam. Quando ele ia lá e davam aquele pouquinho de dinheiro ou vinha pra casa, às vezes sem nada. Então tudo se tornava difícil... Era lá, mesmo, o ponto que a gente tinha que trabalhar... plantar de tudo... tudo o que tu comia, tudo pegava na roça. Plantava de tudo, sabe?”

F: “Para sobreviver...”

A: “A gente tinha os animais... vaca de leite, os porcos, as galinhas. A gente criava tudo e a gente tinha banha, ovo, a gente tinha tudo, que nem... praticamente, a comida, a gente tinha que se virar... a horta tinha tudo. Tinha que ser tudo bem controlado, para não faltar... porque se não... dinheiro era pouco, bem pouco.”

F: “E, quando a senhora casou, né, então... como é o nome do marido da senhora?”

A: “É Getúlio Deboni.”

F: “A comunidade em que a senhora mora agora, é a mesma de solteira?”

A: “É a mesma, Alfredo Chaves, não mudou... eu nem saí daqui, né?”

(risos)

F: “Então, quando a senhora casou, a senhora foi morar com seu marido... sozinha ou tinha a família dele... os sogros?”

A: “Não, não... já fiquei morando junto, tudo junto... em família.”

F: “Tinha quem morava com a senhora?”

A: “Tinha, que nem... meu sogro, minha sogra... e dois ou três cunhados. Daí nós ficamos assim... trinta e seis anos, junto com a família. Quando eu tinha trinta anos, meu sogro morreu. Depois meus cunhados foram se casando e... daí, com a minha sogra... vivi trinta e seis anos com ela.”

F: “Junto com ela. E, assim, a senhora sentia... que era o nono, lá, que... que mandava?”

A: “Era mais o nono que mandava.”

F: “Era diferente da casa dos seus pais?”

A: “Era diferente, completamente diferente... a casa do meu sogro e a casa do meu pai... a gente tinha mais convivência, lá.”

F: “Dona Adiles... depois que a senhora casou, como tinha me dito, quem mandava era mais o nono... como era o nome dele?”

A: “João Deboni.”

F: “E, depois que ele faleceu... foi o marido da senhora que passou a controlar o dinheiro, os negócios?”

A: “Nem tanto, sabe? Porque a sogra... ela era muito... sabe? Ela mantinha tudo muito na autoridade dela... de querer mandar, sabe? De ser na frente... sempre na frente. Tinha sempre que pedir para ela... ela ficava sempre contra nós... assim, era difícil... de dirigir a casa, sabe? Acredita... nós sempre sofremos por isso. Porque quando se têm dois que mandam... não dá certo. Daí era uma coisa assim... ela queria mandar e meu marido, que ele era só ele o homem da casa... ele poderia ter tomado a frente. Sempre tinha aquela coisa, sabe, depois não era nosso. E ela não passou para nós a terra... até morrer. Ela não passou. Só ficou a parte do nono, que morreu antes. E, a parte dela, depois de morrer, foi dividida... tudo de novo, agora. Acabou morrendo... mas não quis se desfazer... de mandar... sempre mandona. Ela era assim... e a família aqui sempre foi assim. Já meu pai era diferente... ele nunca ficou assim, sabe? Era tudo igual. Todo mundo igual... até que tinha o pai e a mãe... era, assim, nós éramos em doze irmãos. Mas parecia que a gente era um só. O pai e a mãe eram o alicerce, sabe? Ninguém brigava, ninguém brigava... discutia por nada. Ninguém... era todo mundo igual.”

F: “E a senhora sentiu a diferença quando veio morar aqui?”

A: “Para mim foi meio... um choque. Para mim foi uma coisa assim... bem... bem diferente do que lá no pai... era que nem a água e o vinho, da família do pai...”

F: “... para família do sogro.”

A: “Era feliz e nem sabia.”

F: “Pois é...”

(risos)

F: “E, depois que a sogra faleceu. Então, como é que ficou... o marido assumiu de fato o papel de chefe da casa?”

A: “Daí, então, agora é o filho. Meu marido já ficou velho... já tem sessenta anos... perdeu, sabe, aquela coisa. Agora, mais, é o André.”

F: “Então, agora é o filho?”

A: “É. Ele que vai atrás... ele que cuida de tudo. O Getúlio perdeu o encanto. Parece que perdeu o encanto. Tu vê, que um quando casa tem que ir sozinho (o casal) e começar a vida sozinho, dirigir e criar os seus filhos, sempre eles, do jeito que ele quer. Não, se tem os outros, que interfere... entendeu? Daí tu começa a tua família.”

F: “Senão é uma família dos outros?”

A: “Assim... uma mistura... não dá certo. Uma vez... se misturava muito e ficava, assim, não ia dar uma coisa boa... nunca acaba bem. A gente acabou assim, que perde o encanto... também eu não me interessei mais em fazer alguma coisa. Não sinto mais aquela coisa... de querer a minha casa... ou outra coisa e tal. Não estou mais interessada... porque passou... passou o encanto. Agora só tenho em mente para os meus filhos... que ele (André) assuma... dá pra ele, que ele prossiga a vida dele. Porque eu não quero isso aí mais...que aconteça com ele. Porque ele enxerga... eu não enxerguei. Não sei se todo mundo enxerga. Uma família precisa... tem que começar sozinha, começar sua vida sozinha, sem ninguém

que interfere. E ter seu comando... agora estou fazendo essa coisa... trabalhando... eu estou começando a me fazer. E é meu. Ninguém que vem lá dizer se está certo ou está errado. E, daí tu cria teus filhos, dirigindo do teu modo, a educação e que ninguém diga: 'Não, sim, faz, não, não faz...'. Isso porque tem a nona, tem a tia... tudo uma briga... no final das contas... Os filho fica, assim, que não sabe nem onde se jogar. Assim aconteceu aqui em casa. E agora nós somos já velhos, que nem, o pai [o marido) se sente bem velho, incapaz... não tem mais ânimo... para mandar... para nada. Ele deixa para o André. Porque ele não quer mais terra, não quer mais nada. Também não quer ter isso, ter aquilo."

F: "E a senhora também não tem mais interesse?"

A: "Não. Pra mim tanto faz."

F: "Deixa tudo na mão do filho?"

A: "Por mim. Agora, por isso as coisas têm que se deixar... quando se casa... ou vai fora, pelo menos quando tem vinte... vinte anos, tem que assumir o caminho... tem que se separar da família e... seguir o seu destino. Porque daí acaba ficando velhos e perdem tempo que nem a gente."

F: "Para começar a vida a dois, digamos... família nova?"

A: "Agora, eu estou mais pensando para os meus filhos... naquilo que eu posso... porque para mim, tanto faz. Não estou mais interessada em ter a minha casa... ter as minhas coisas, como no início... quando a gente é nova, que sonha ter as coisas... passou."

F: "Foram momentos difíceis... de decepção na vida da senhora?"

A: "É, é. Para mim foi um choque, sabe, da vida que eu levava lá, na casa do meu pai, e daqui. Lá, nós vivíamos como uma pessoa só. E aqui era bem dividido. Antes, tudo era alegria, sabe, era uma alegria. A gente falava, comia, trabalhava... sempre na base mais para diversão, sabe, uma alegria, se

sentia bem de viver. E eu não sabia! Achava que depois de casada era melhor... tu viu."

F: "Não foi?"

A: "Não foi."

(risos)

A: "Aqui, quando eu vim aqui... era assim... bem apagado... sem alegria... era todo mundo, um se interferindo um com o outro. Assim, se machucando um com o outro. Por isso, como que são as coisas... não deveriam ser assim nas famílias. Mas? Ou se não nem casava... ficava solteira, seria bem melhor."

F: "Pena que não tinha quem dissesse antes isso tudo, né?"

A: "É."

F: "Então, dona Adiles, muito obrigada pela entrevista da senhora, vai me ajudar muito."

A: "De nada, e tomara que ajude."

Depoimento de Olema Stuani Ferrarini

Declaração de cedência do depoimento

*Fotografia do casamento de Olema Stuani e Carlos
Ferrarini e do casal no altar da Igreja Nossa Senhora
de Lourdes, de Flores da Cunha*

3ª Entrevista

Entrevistado(a): Olema Stuani Ferrarini

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 06/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

O: Olema Stuani Ferrarini

F: “Hoje, dia seis de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, vou entrevistar a dona Olema.”

F: “Qual o seu nome completo?”

O: “Olema Stuani Ferrarini.”

F: “A data de nascimento?”

O: “Vinte e nove de junho de mil novecentos e... cinquenta e dois.”

F: “E onde é que a senhora nasceu?”

O: “Na Linha Oitenta.”

F: “No município de...?”

O: “... de Flores da Cunha.”

F: “Com que idade a senhora casou?”

O: “Com vinte e dois anos.”

F: “Quando a senhora morava lá com seus pais, na Linha Oitenta, como é que era, assim, a convivência da família... o tipo de trabalho?”

O: “É... trabalhava na colônia, na roça... nos parreirais e no milho... criação de vacas... tirar leite...”

F: “Cuidava dos irmãos menores?”

O: “Sim.”

F: “Como é que era... quem mandava lá na casa... na casa de vocês?”

O: “Ah... o pai.”

F: “E... era também ele que tratava dos negócios... do dinheiro?”

O: “É ele... mais nos negócios.”

F: “Ele dava dinheiro para vocês comprar o que vocês queriam? Ou ele decidia tudo o que precisava?”

O: “Ah... eles iam... ele e a mãe, e compravam um... tecido pra fazer roupa e, assim, depois ela fazia.”

F: “E vocês não escolhiam nada?”

O: “Nada.”

(risos)

F: “Tudo era decisão deles?”

O: “Era decisão deles.”

F: “Assim... das coisas mais da casa... móveis... das coisas do trabalho, quem é que decidia... comprava?”

O: “Mais o pai e a mãe junto...”

F: “Mas quem é que tomava a decisão final?”

O: “O pai... sempre.”

F: “Sempre ele?”

O: “É.”

F: “A senhora estudou até que série?”

O: “Até a quarta série.”

F: “E... a escola, ela ficava onde?”

O: “Lá na Linha Oitenta mesmo.”

F: “Por que a senhora parou de estudar?”

O: “Ah... o trabalho... tinha que trabalhar nos parreirais e ajudar...”

F: “Aí não dava pra ir pra aula?”

O: “Não... não dava para ir porque tinha os mais novos... e os mais velhos tinham que ajudar em casa.”

F: “Mas aprendeu a ler... a escrever... tudo certinho?”

O: “É... dá para o gasto... mais ou menos.”

(risos)

F: “E depois... quando teve o casamento... qual foi a data do casamento?”

O: “Dia vinte e dois de maio de mil novecentos e... setenta e cinco.”

F: “O endereço daqui... qual é?”

O: “Travessão Alfredo Chaves, Flores da Cunha.”

F: “Como é o nome do marido?”

O: “Carlos Ferrarini.”

F: “A idade dele?”

O: “É cinquenta e seis anos.”

F: “E... ele estudou até que série?”

O: “Até a quarta, também.”

F: “A senhora foi morar com os sogros ou sozinha com o marido?”

O: “Foi com os sogros... foram treze anos. E depois fizemos uma casa separada... a sogra morreu e o sogro casou com a vizinha, que era viúva, também.”

F: “Assim... atualmente, depois do casamento... quem é que decide, assim... as coisas de... lidar com o dinheiro... de fazer os negócios?”

O: “Mais é ele, né?... Eu cuido mais da casa... na colônia. E ele mais nos negócios, e trabalha na colônia também.”

F: “E... o que se produz aqui na colônia?”

O: “Agora uva, mais nos parreirais... uma vez era mais com milho... também tinha que ter.”

F: “Por quê?”

O: “É que tinha criação de gado, de porco... mas agora só com uva.”

F: “Então, na questão de compras e venda... é tudo com ele?”

O: “É... ele decide tudo. É mais com ele.”

F: “A decisão final é do marido?”

O: “É... dele.”

F: “Se pudesse, se desse... de poder decidir também sobre os negócios... seria bom?”

(pausa)

O: “*Dio Santo...!*”

(risos)

O: “Ah... eu deixo pra ele... o que ele faz tá bom.”

F: “Então, por que ficaria tudo com ele?”

O: “Porque ele tem mais tempo de ir atrás dos negócios e eu... fico assim... mais cuidando da casa...”

F: “E seu marido deixaria a senhora tomar as decisões dos negócios?”

O: “Nada.”

(risos)

F: “Ah... tá. Então é por causa disso...”

O: “Ele é mais autoritário... ele gosta mais de ir atrás ele... ele que faz tudo.”

F: “O marido não quer ouvir muito a opinião da senhora?”

O: “É. Às vezes ele pede... mas, no final, ele toma a decisão e deu!”

F: “Então, Dona Olema... era isso... muito obrigada.”

O: “De nada.”

Depoimento de Renata Bernardi Izéria

Declaração de cedência do depoimento

Fotografia do casamento de Renata Bernardi e Gilberto Izéria

4ª Entrevista

Entrevistado(a): Renata Bernardi Izéria

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 08/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

R: Renata Bernardi Izéria

F: “Hoje, dia oito de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou aqui no Travessão Divisa, comunidade que limita os municípios de Nova Pádua e Flores da Cunha... entrevistando Renata Izéria. Nessa entrevista se busca saber um pouco sobre a vida de solteira e... como foi... como é, depois de casada. Também, tudo o que o casamento trouxe de modificações.

F: “Renata, como é o teu nome completo?”

R: “Renata Bernardi Izéria.”

F: “Que idade você tem, Renata?”

R: “Eu tenho vinte e nove anos.”

F: “A data do teu nascimento?”

R: “É dezesseis do dez de setenta e oito.”

F: “Renata... onde você morava antes de casar?”

R: “Travessão Carvalho.”

F: “Isso é no município de...”

R: “... Flores da Cunha.”

F: “Você morou lá... com seus pais até que idade?”

R: “Com dezoito anos.”

F: “E você estudou até que série?”

R: “Até a oitava.”

F: “E onde é que era a escola?”

R: “Em... no início, até a quarta série, eu estudei lá... pertinho de casa. Que era lá no Travessão Carvalho. E depois... da quinta até a oitava, estudei lá em Otávio Rocha.”

F: “Em Otávio Rocha... E não chegou a ir pra Flores da Cunha, então?”

R: “Não, não fui.”

F: “E por que você deixou de estudar... não continuou?”

R: “Arranjei namorado e... e eu também não tinha tanto interesse em continuar, então eu parei.”

F: “Então, depois... logo em seguida... você casou? Ou demorou mais um tempo?”

R: “Eu demorei um tempo... para casar.”

F: “E qual é a data do teu casamento?”

R: “Foi dia doze de abril de... noventa e sete.”

F: “Quando você morava lá com sua família, Renata, quem era... assim... que tomava as decisões de onde gastar o dinheiro... quem lidava mais com essa parte de... de dinheiro?”

R: “Ali sempre foi... a decisão sempre foi do meu pai e da minha mãe... juntos. O meu pai nunca decidiu sozinho... sempre pediu opinião da minha mãe.”

F: “E... as compras... mais de... dos tratamentos das parreiras... era quem que...”

R: “...essas coisas era meu pai.”

F: “Então os negócios da colônia... era o pai?”

R: “Sim.”

F: “Assim... a mãe decidia junto... o que mais... você se lembra?”

R: “As compras... assim... que compravam dentro de casa e fazer algum negócio grande... então era sempre os dois junto.”

F: “Aí... ele pedia opinião da tua mãe, então?”

R: “Sim.”

F: “E, depois de casada, como é que ficou?”

R: “Ah! Daí mudou... daí, que nem, aqui... quem... a última decisão é do marido.”

F: “Do marido?”

R: “Do marido.”

F: “Como é o nome dele?”

R: “Gilberto Izéria.”

F: “Ele tem que idade... hoje?”

R: “Trinta e nove.”

F: “Vocês têm filhos?”

R: “Sim. Temos dois.”

F: “O último é pequeno, né?”

(risos)

R: “É.”

F: “Renata... assim... se... você pudesse, vamos supor, tomar decisões... você gostaria? De ter essa liberdade... de poder decidir?”

R: “Eu gostaria. Lá em casa... no Travessão Carvalho... a mãe decidia também.”

F: “E, hoje... lá nos teus pais ainda é assim? As decisões são partilhadas?”

R: “Agora, lá, é um pouco diferente... o meu irmão é que cuida da colônia.”

F: “Os teus pais moram com ele... o teu irmão?”

R: “Sim.”

F: “E... o teu irmão é casado?”

R: “Sim.”

F: “Mas, Renata... você disse que agora é diferente lá nos teus pais... como assim?”

R: “É que o meu irmão... ele... assim... decide tudo sozinho... não pede ajuda do pai e da mãe.”

F: “E da mulher dele?”

R: “Nem... é tudo ele sozinho que decide... não quer a ajuda dos outros.”

F: “E, se um dia... vamos supor, se você pudesse, gostaria de voltar a estudar? Ou você acha que está bom assim?”

R: “É... mas, que nem, eu, que tenho que trabalhar, aqui na colônia... acho que não tem tanta importância em voltar a estudar... que nem, eu, assim... Mas se fosse de trabalhar fora... daí sim... quem não gostaria de voltar a estudar?!”

F: “Assim, aqui na colônia... na casa que você está morando agora... tua e do teu marido... o que vocês fazem... a tua participação... dentro da casa ou trabalhar na colônia?”

R: “Eu trabalho em casa, cuido da casa e dos filhos e também vou na colônia.”

F: “E... você tem a sogra que mora com vocês?”

R: “Sim.”

F: “Como é que vocês dividem, assim, as tarefas? Ela fica mais em casa ou ela vai mais para colônia?”

R: “Minha sogra fica mais em casa... quando é safra, assim, ela vem também... se não ela fica em casa.”

F: “Então, Renata, era isso, e muito obrigada pela entrevista.”

R: “Imagina.”



Anexo E

Depoimento de Inês Garibaldi Giotti

Declaração de cedência do depoimento

5ª Entrevista

Entrevistado(a): Inês Garibaldi Giotti

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 14/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

I: Inês Garibaldi Giotti

C: Cláudia Garibaldi Salvador

F: “Hoje, dia quatorze de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou entrevistando a dona Inês Giotti, que mora aqui no interior de Flores da Cunha, e eu tenho algumas perguntas pra fazer para senhora, dona Inês.”

F: “Qual é o seu nome completo?”

I: “Inês Garibaldi Giotti.”

F: “Quantos anos a senhora tem?”

I: “Quarenta e quatro.”

F: “E onde é que a senhora morava, antes de casar... qual comunidade?”

I: “Aqui mesmo... em Santa Libera.”

F: “Santa Libera... mesma comunidade que a senhora mora, hoje, depois que casou, também?”

I: “Sim.”

F: “Então, a senhora era meio vizinha do seu marido?”

I: “Sim, vizinha.”

F: “Como é que é o nome dele?”

I: “Plínio José Giotti.”

F: “E, quando a senhora era solteira, ainda, morava com seus pais, o que a senhora fazia?”

I: “Trabalhava em casa e na colônia. Daí nós se revezava... eu e mais duas irmãs. A gente ficava, cada dia, uma em casa e nos outros dias a gente ia ajudar o pai na colônia.”

F: “Vocês cuidavam dos irmãos menores?”

I: “Sim. A Cláudia nasceu depois... bem depois... e eu cuidei dela.”

F: “Cuidou dela, então?”

I: “É.”

F: “Lá... nos pais da senhora... vocês trabalhavam com uva... ou outros produtos... como é que era?”

I: “Com uva... e em outras épocas se plantava alho... depois a mãe plantava amendoim, figo, milho, feijão... tudo, né?”

F: “Sim. Faz quantos anos que a senhora é casada?”

I: “Vinte e quatro anos.”

F: “Tem filhos?”

I: “Sim, dois.”

F: “Bom. E, assim... a senhora podia contar, só um pouquinho... como foi que a senhora conheceu o seu marido e como vocês resolveram namorar, se casar?”

I: “É... a gente se via no final de semana, na Capela... e comecei... eu que gostava mais, assim. Eu... ele, assim, com o tempo... A gente namorou pouco... foram nem três anos. Daí, porque ele não se dava bem com o pai dele, lá embaixo... então ele queria que a gente fosse morar na cidade... ele me pediu em casamento. Daí a gente ia... já tinha uma casa alugada em Flores... e daí nós íamos morar para Flores. Só que o Plínio tinha irmão que já mora em Flores. E ele é dono dessa terra que eu estou morando agora. Então ele disse assim: ‘Olha, Plínio, fica lá na colônia tu, que eu já... já que eu trabalho aqui... tu cuida do Adelino, que é o dono dessas terras, daí tu fica lá e tu cuida dele... e fica com a terra, que eu já tenho’. Porque quem ficasse com o Adelino, irmão do meu sogro, cuidar dele... ficava com a terra.”

F: “E esse Adelino, ele era... era sozinho?”

I: “Sim, era solteiro. Então acabamos casando, então. E eu naquela época era muito nova, dezenove anos, né.”

F: “Sem experiência.”

I: “Sem experiência, né. Então fui indo, fui indo... fui aceitando tudo. E, daí... no final das contas, a gente casou. Tava tudo meio que marcado, quando que o irmão dele disse: ‘Fica lá... tu vai morar lá em cima... tu cuida do Adelino e tu fica com a terra.’ Como eu gostava mais da colônia, eu aceitei, né. Daí nós casamos... daí a gente teve que morar lá na sogra, né, porque aqui só tinha mato e a casa alugada lá em Flores, daí a gente não ia mais morar para lá. Daí a gente ficou morando sete meses lá na sogra.”

F: “É aqui na comunidade mesmo?”

I: “Que é aqui... lá perto da mãe. E, depois de sete meses... a gente não, mais era ele que não se dava bem lá com o pai. Os

dois brigavam...daí acabamos que não deu mais certo... não deu mais para ficar lá. Daí voltei para a casa da mãe."

F: "Ah... ficaram morando lá na sua mãe?"

I: "Daí moramos mais sete meses lá na mãe. Daí o meu pai ajudou a gente... ele comprou uma casa, que é essa aqui do lado, que era uma casa já pronta, né. Daí a gente desmanchou e trouxemos para cá. O pai ajudou a pagar... meu irmão ajudou a construir. Minha mãe ajudou dando galinha, vaca, porco, tudo."

F: "Uma ajuda da família da senhora, então?"

I: "Meu pai me ajudou... meus irmãos, todo mundo. Tenho seis irmãos... todos foram muito solidários, muito solidários... que a minha vida não foi nada fácil. Não digo que agora eu estou bem porque eu não estou bem nem agora... mas eu já passei por coisas muito piores... agora eu tenho que dizer que eu estou bem... eu já vivi muito pior."

F: "E a vida, assim, de casada, a senhora... poderia me contar um pouquinho... de como é... dos negócios da família. A senhora tem opinião? Pode compartilhar ideias?"

I: "Ah... ele é... o meu marido é... Não tem jeito... é como antigamente. É tudo ele... ele que manda. Tu não pode falar nada e sempre foi tudo nas mãos dele... sempre tudo com ele, na mão dele."

F: "E, assim... na casa, nos serviços da casa... ele ajuda a senhora ou fica tudo com a senhora?"

I: "Não. Fica tudo comigo... e o pior que não é só em casa."

F: "Na verdade, a senhora teve que assumir o trabalho..."

I: "... eu faço em casa e também na roça. Eu dirijo o trator... trato das parreiras, tudo. Ele... meu marido, digamos que trabalha um dia por semana... se eu dissesse que ele não faz nada, nada... eu estaria mentindo..."

F: "Sim. Mas a participação dele no trabalho é...?"

I: “Pouca ou mínima. A gente sempre pega alguém pra ajudar... na hora da safra, na hora da poda. E depois o resto, o dia a dia, para manter as coisas... assim, em pé... sou eu. Agora o filho me ajuda... mas até o ano passado... era tudo eu. Tive bastante ajuda da minha mãe, que na época de plantar o alho... trabalhava em casa e para mim também.”

F: “Teve bastante ajuda da família?”

I: “O meu pai, a minha mãe, a minha família... tu não faz ideia o que ele fizeram pra mim. Até a gente tentou separar... eu fui embora várias vezes... daí depois acabava voltando... que ele vinha atrás... tinha aquele meu tio que faleceu. Aí dava dó... daí a mãe ficava doente porque ele ficava aqui sem comida... daí a mãe acabava subindo aqui, com comida. Daí eu via toda aquela situação... e acabava voltando. Eu não estou arrependida... porque daí eu cuidei dele até o fim... ele faleceu.”

F: “A senhora acabou fazendo a boa ação, né?”

I: “É.”

F: “Mas aí a senhora acabou se anulando, né?”

I: “É. Se eu dissesse que eu vivi... posso dizer que eu vivi, né? Mas eu não me lembro mais do meu passado...”

C: “Isso... ela foi deixando de lado umas coisas tristes.”

I: “Eu acho que de tanto trabalhar... sofrer para ter as coisas... para poder dar as coisas para os teus filhos estudar, ajudar... eu acabo... eu acabei apagando da cabeça.”

F: “Deixando as coisas...”

I: “É, eu estava com vontade de consultar um neurologista... porque eu não lembro nada do meu passado... não lembro de mim criança... não sei, mas acho que é normal... esquecer a infância ou não?”

C: “Às vezes os traumas acabam fazendo isso... é um bloqueio. Acontece... é bem normal.”

I: “É, bem assim. Às vezes eu digo: ‘Meu Deus do céu... será que eu... não sei, por exemplo... o que aconteceu, o que aconteceu no passado... eu não me lembro’, sabe? Eu só lembro de coisas importantes com os meus filhos. Por exemplo, a Simone que ficou doente... teve que operar a coluna, daí essas coisas eu lembro. Que foi difícil, mas deu tudo certo. Dessas coisas eu lembro.”

F: “Do dia a dia não lembra?”

I: “Não sei porque eu faço isso... às vezes o Plínio diz que lembra dele pequeno, com dois anos.”

F: “É que parece que as preocupações ficam todas com a senhora... manter as coisas funcionando... A gente acredita que seja em função de todas essas preocupações... que as coisas vão sendo esquecidas.”

I: “Eu tenho medo de desenvolver uma doença neurológica, sabe, né? Porque de tanto, de tanto, sabe, de tanto ficar estressada... tu padece. E tu fala de um jeito, ele não aceita... tu conversa de outro, ele não quer.”

F: “E é até compreensível, né?”

I: “É. Acho que sim...”

F: “Então, por causa dessa situação, é a senhora que trata do dinheiro?”

I: “Não. Ainda é tudo com ele.”

F: “Com ele?”

I: “Com ele. É... não digo que as coisas de casa... a gente quis comprar a geladeira... e compramos.”

C: “É a necessidade...”

I: “Mas é tudo na mão dele... conta no banco e tudo.”

F: “A senhora não tem conta conjunta com ele?”

I: “Não. Tanto é que a gente foi assaltado porque ele andava lá, na cidade, com dinheiro na mão, mostrando em volta.”

F: “Daí assaltaram ele?”

I: “Não. Vieram aqui em casa... sim, vieram aqui e levaram o computador da Simone [filha]... levaram um monte de coisa. Faz uns dois anos, né?”

C: “É... faz. Tinha ainda o Adelino vivo.”

I: “Tinha o Adelino vivo. Viram nós e botaram nós dentro do banheiro... ali dentro dessa porta. É... levaram lá do fundo... tinha a motosserra, a roçadeira, essas coisas... E eles sabiam... disseram que sabia que tinha... era tipo um assalto, não assim...”

F: “Normal?”

I: “É... eles já sabiam o que tinha.”

F: “Não foi de surpresa, então?”

I: “É... não foi assim, bah... passou um carro... assim, e assaltaram... eles já chegaram sabendo... só não acharam o dinheiro, as coisas da casa, aí sim.”

C: “Porque ele tinha...”

I: “... tinha comentado que um dia ele tinha levado para casa um computador... e estava com trinta mil, que ele tinha recebido do vinho, embaixo do banco do carro. E ainda que naquele dia eu fui pagar os impostos do vinho no Banrisul... porque ele não faz as coisas que tem que fazer.”

F: “Então a... a senhora tem que dar todo o apoio?”

I: “Mas como. Isso faz cinco anos para cá que eu estou conseguindo fazer, porque uma vez nem isso eu podia fazer... ele não deixava eu fazer. Agora ele está meio assim, meio... até outro dia para... para escrever as coisas... as mostras do vinho... ele não conseguia escrever. Tive que escrever eu, nas garrafas. Então agora a tendência é ir pra trás. Então eu e meu guri [o filho], a gente está meio cuidando dessa parte do dinheiro.”

C: “O Roberto está meio que assumindo essa parte...”

I: “Quando a gente sabe que o Plínio vai pagar alguma coisa... a gente vai atrás e cuida... pede se pagou... se foi... porque, se não...”

F: “E nem pensar em passar essa parte para a senhora?”

I: “Nem pensar! Às vezes eu digo: ‘mas deixa um pouco para mim... para o Roberto...”

F: “Até para incentivar...”

I: “Esses dias... ele nem sabia mais o que tinha que fazer no contador...”

F: “Ele perdeu a noção do que fazer...”

I: “Porque a bebida... ela afeta o cérebro dele, né? Atinge bem a cabeça... não atinge nada, assim, de estômago, mas vai direto aqui [apontando a cabeça]. A gente está num estado tão cansado, tão cansado que a gente... quando ele chega... um deita num sofá... o outro deita no outro... e deixamos ele fazer o que ele quer. Porque a gente está assim, cansados de brigar, cansados.”

F: “Já não adianta discutir mais?”

I: “Sabe... uma coisa que... que tu não aguenta mais... daí ele vê que a gente não dá bola... aí ele pega e vai dormir... vai dormir. Se eu discuto com ele, meu Deus, vira uma guerra... quanto mais eu discutir, que ‘não é assim... tu fez assim...’ Bah! Ele não aceita de jeito nenhum.”

F: “E a senhora estava me contando... da questão que ele... parece que a senhora é uma espécie de empregada... tem que ter tudo na mão?”

I: “É... toalha de banho... eles disseram... ‘deixa ele pegar a toalha de banho... deixa ele fazer as coisas...’ Mas não adianta... não vai, não faz. Larga a toalha de banho lá no chão... tudo jogado. E, o pior, que além disso, quando ele quer uma coisa... quer que esteja arrumada na hora.”

F: “Na hora que ele quer?”

I: “É. Por exemplo, a roupa... ele pode jogar, mas quando ele vai procurar para encontrar... ele quer que esteja arrumada... porque senão ele diz: ‘Por que que tu não fez?’. Por isso eu

devia largar de mão um pouquinho a colônia, né? Eu ajeito tudo... mas, só que, mais quando eu tinha o tio lá... o tio vivo que era doente... quando eu tinha as crianças mais nova. Agora eu estou num lugar bem mais organizado.”

F: “Mas a senhora também tem a colônia, né?”

I: “Sim... e ainda de noite faço agnolini para vender. Não tem... às vezes eu vou fazer faxina. Às vezes eu vou, por exemplo, me chamam para tirar milho... e daí eu vou.”

F: “Em jornada?”

I: “É. Eu ajudo... ajudo, ajudo. O meu plano de saúde, por exemplo, eu tava pagando com os agnolini. Agora, na semana passada, eu acabei tirando porque, puxa vida, assim não dá... chega uma hora que tem que parar... depois eu volto, assim, mais adiante... tirei, não é definitivo, para sempre, mas tirei... vai fazer o quê? O vinho desvalorizou... a gente tem dívida... eu não gosto de ficar devendo em volta...”

F: “Com certeza.”

I: “Daí eu prefiro que com aquele dinheiro [plano de saúde] ele pague as dívida e assim... fazer o quê? Se dá um jeito... mas tudo muito difícil, sabe? Tudo muito difícil... e porque às vezes eu falo as coisas erradas, né? Depois, depois ele, para se manter... o carro e mais duas carteiras de cigarro, por dia... o pessoal estava me contando que não chega quinhentos reais por mês, para ele. E aquele dinheiro tem que sair de algum lugar...”

F: “... é do que seria o sustento da família?”

I: “Do que tu poderia sobrar... de te comprar tuas coisa... depositar... tem o plano de saúde... para não precisar trabalhar tanto, né? De noite... pega e descansa... em vez dele ir lá.”

F: “E a colônia... é cansativo o trabalho?”

I: “Às vezes eu fico braba... porque eu estou muito cansada... daí é tudo muito esculhambado, certo. O pior é que eu sei que não é o certo. Mas o que eu vou fazer?”

F: “Na verdade, até a senhora gostaria de assumir essa... essa parte do dinheiro... controlar mais?”

I: “Mas eu ainda tenho esperança... porque tu viu, se fosse por vias legais... eu conseguiria... mas depois faz como?”

C: “Aí vira uma guerra em casa...”

I: “Vira uma guerra... não dá.”

F: “Talvez para o rapaz... o filho de vocês... seria mais fácil talvez passar para ele?”

I: “Sim. Vou esperar mais um pouco, uns anos... e depois... quando o Roberto tiver dezoito, dezenove, vinte...”

F: “Para tentar passar para ele as responsabilidades com o dinheiro?”

I: “É. De aceitar passar direto tudo para ele. Sabe por quê? Porque ele não vai mais conseguir...”

F: “Aí ele passaria para o rapaz?”

I: “Porque ele está desse jeito.”

F: “E, aqui na comunidade, a questão da participação, mais religiosa... a senhora tem alguma participação... ajuda os padres... ajuda a comunidade?”

I: “Eu sou do casal vocacional... eu sou... eu canto, né? Eu e a minha irmã... a Eliana... nós cantamos, e fiquei ministra da comunidade... e fui catequista, também...”

F: “Bastante participativa, então.”

I: “Eu tenho essa fé... é a fé que me mantém de pé. Acredito bastante... acredito em Deus, acredito em Nossa Senhora de Caravaggio... eu acredito que se a gente reza... que a gente não pensa muito nesse mundo, tudo para esse mundo, porque tem gente que diz: ‘Tudo o que tu trabalhou, tu podia estar bem.’ Mas eu digo: ‘Bom... paciência... quem sabe na próxi-

ma vez... numa outra vida, né? Mas, mesmo assim, fome eu nunca passei... eu tive bastante ajuda da minha família, como eu te disse, né?”

C: “É o que eu digo sempre... se a gente ajuda, sempre é ajudado.”

I: “É. Bom, a mãe... é uma boa samaritana, em pessoa... aquilo que ela tem, ela dá para os outros. Mas é bem assim... mas se eu não tivesse eles... eu não sei!”

F: “Seria muito mais difícil?”

I: “Às vezes, eu digo, a mãe sempre procurou apaziguar... então agora eu não vou dar uma tristeza para ela. De abandonar o Plínio. Se eu quisesse eu podia abandonar. Mas depois... é o pai dos meus filhos... Vai fazer como? Daí chegou numa parte... numa etapa que é um pouco tarde, agora.”

F: “E com os filhos...?”

I: “Eu e o Roberto... somos bem unidos.”

C: “É... tu pode comentar da tua relação com os filhos...”

I: “Ah... eu e os meus filhos... a gente é... sou muito ligada, assim...”

F: “Uma união muito forte?”

I: “Deus me livre... tu acredita que tem a Simone, que mora na cidade, ela não consegue se desligar daqui... Ela chega no fim de semana e eu tenho que dar bastante atenção para ela, e, bom... o Roberto... não tem nem explicação.”

F: “Ele mora ainda com a senhora?”

I: “Sim. Esse sim. Não tem nem explicação... ele não vive... não faz uma coisa sem pedir para mim. E eu tenho que ensinar tudo... também na colônia... tudo eu que ensino para ele.”

C: “Nas parreiras... cuidar...”

I: “... tudo, tudo eu. No trator também... dirigir. Eu digo... é assim, vai devagar... ele me escuta. Eu que ensinei ele a podar...”

C: “A minha irmã faz o papel de pai e mãe para ele...”

I: “É. Eu ensino... eu fiz o papel de pai e mãe, porque o meu marido, sabe?... Eu vou te dizer uma coisa... talvez ele não tenha tido também, que eu acho que ele não teve... não teve... porque o pai dele e a mãe dele também não eram muito participativos, né? Ela era de uma época... outra época, né?... Eu nunca vi o Plínio pegar os filhos no colo e dar um beijo...”

F: “Então ele era distante dos filhos?”

I: “Distante dos filhos... eu não sei... ele gosta dos filhos, do jeito dele, ele gosta, mas não é aquele pai...”

F: “... que dá carinho... abraço... beijo?”

I: “Não, não.”

C: “Ele é do tempo dos antigos...”

I: “É. Do tipo que manda em casa... ‘o galo’, né? Eu tento dizer para o Plínio: ‘Vamos fazer, lá, desse jeito...’ Mas ele me diz: ‘Tu quer mandar mais do que eu?’ Mas de um outro jeito... de um jeito italiano... Ele diz: ‘Não é tu... quem canta aqui é o galo... se tu não quer assim... tu pode ir embora... pega tuas coisas e vai.’”

F: “Nossa...”

(risos)

I: “Não dá, não dá para conversar com ele... não tem diálogo. Tu tenta... diz: ‘Plínio, pensa um pouquinho...’ e ele: ‘Não.’ Mas já viram... ele explode...”

F: “Então quem manda é ele?”

I: “É. E ele explode... e o pior é que sempre a gente acaba brigando na hora do almoço... é isso aí que eu tenho que tentar mudar... por causa do Roberto.”

C: “Ele tenta ponderar...”

(risos)

I: “Tem vezes que o Roberto diz: ‘Mas mãe... tu tinha o quê? Quando casou com o pai? Tinha o que na cabeça quando casou com o pai?’”

(risos)

I: “E tu vai responder o quê?”

(risos)

F: “Coisas do amor... vai dizer o que também diante de tudo isso?”

I: “Quando se é nova... falta experiência...”

F: “Se fosse hoje?”

I: “Bah... não me pegava...”

(risos)

F: “A senhora falou bastante no pai... como era a relação de vocês... e na família?”

I: “O pai... o pai era doente, bastante doente. O pai tinha pressão alta e, depois, ele tinha depressão, também... e a gente, naquela época, não entendia muito ele... a doença que ele tinha. Então ele era sempre mal-humorado. Mas ele foi um pai bom. Foi um pai que nunca deixou faltar nada em casa. Ele, sim, manejava bem o dinheiro... tanto é que ele me ajudou... comprou metade da casa para mim. E quando eu vim morar aqui... a gente tinha condições precárias. Às vezes, ele ia para Flores e trazia para casa comida e levava para cima...”

F: “Ele percebia a situação de dificuldade de vocês?”

I: “É... ele sabia que o Plínio não ia mudar.”

F: “Depois de quanto tempo de casada o seu pai faleceu?”

I: “Não fazia muitos anos... ele morreu com quarenta e nove anos.”

F: “Ele era bem novo ainda...”

I: “Mas eu lembro do pai... quando me vem na cabeça... com carinho.”

F: “Ele foi importante para senhora?”

I: “É, foi bastante. Mas a mãe foi, foi também. Porque depois que ele faleceu e até hoje ela ainda me ajuda. Por isso que eu falo bastante dela.”

F: “E também era ele que cuidava dos negócios?”

I: “Era, também era ele... no banco. Mas ele até aceitava as opiniões da mãe... né? Ele aceitava, mas a conta do banco era dele.”

F: “Assim, tudo no nome dele?”

I: “Tudo, tudo no nome dele.”

F: “Então, dona Inês, muito obrigada pela entrevista da senhora, que foi de muita utilidade...”

I: “De nada e desculpa se eu falei demais... eu acho que falei muito.”

(risos)



Anexo F

Depoimento de Darci Antonio Vazatta

Declaração de cedência do depoimento

6ª Entrevista

Entrevistado(a): Frei Darci Antonio Vazatta

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 19/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

D: Frei Darci Antonio Vazatta

F: “Hoje, dia dezenove de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou aqui em Flores da Cunha... entrevistando o Frei Vazatta, para nos contar um pouco sobre sua formação, sua vida e... como ele sente a questão da mulher aqui no município... principalmente no interior de Flores da Cunha...”

F: “Bom dia, Frei.”

D: “Bom dia.”

F: “Seu nome completo?”

D: “Frei Darci Antonio Vazatta.”

F: “A data de nascimento do senhor?”

D: “Vinte e dois de julho de cinquenta e sete.”

F: “O local onde o senhor nasceu... é natural...?”

D: “Eu nasci em Vila Segredo... pertencia ao município de Vacaria, atualmente município de Ipê.”

F: “E como é que foi... assim, a decisão do senhor de optar pelo sacerdócio?”

D: “A gente sente um convite... uma tendência... uma motivação nesta direção. Não é aquela coisa bem explícita... mas a gente sente uma motivação para ingressar no seminário, por influência dos outros jovens da mesma idade, da mesma comunidade... que foi o meu caso, e com a visita do promotor vocacional... um pouco visualizando como seria esta nova vida em seminário, a convivência entre os jovens... com os freis. Então aquilo me chamou atenção e fez com que eu tomasse a decisão... de ingressar no seminário, ainda no ano de setenta e três. Então toda a minha vida foi uma vida... lá no seminário fazendo todo o processo formativo.”

F: “Muito bem. E, assim, o local do estudo do senhor... por onde o senhor passou...?”

D: “Eu passei... iniciei em Vila Flores, no internato... depois em Ipê, lá estudava no colégio estadual... e vivia no seminário. Em Veranópolis, em Marau, Flores da Cunha... e Porto Alegre... esse foi o percurso.”

F: “Muito bem. E qual é a ordem religiosa a que o senhor pertence?”

D: “É a Ordem dos Freis Menores Capuchinhos.”

F: “E nesse tempo todo... nesses locais que o senhor passou, né... para ter a formação... o senhor sentiu alguma dificuldade... nos estudos... ah... ou também a questão de ficar longe da família... como o senhor sentia, assim, esse tempo?”

D: “Quando ingressei no seminário, a... a dificuldade foi grande, porque eu nunca tinha ficado fora de casa... de um

momento para outro me vi entre estranhos, embora no seminário muitas coisas atraíam o jovem... o futebol, era o bilhar, era... é... outras brincadeiras, vôlei, e assim por diante... era um mundo totalmente novo... totalmente novo, então a gente foi se envolvendo progressivamente... e facilitou para mim que eu tinha uns colegas da mesma comunidade... que eu já conhecia...”

F: “Ah, tá... sim, sim.”

D: “Então, a tendência de quando o grupo é grande, mais de cem adolescentes... é formar pequenos grupos, subgrupos... as pessoas vão se enturmando, pela simpatia... e ali vai, vai vivendo, convivendo, e fica uma coisa bem mais fácil, né? De... de superar a... a saudade da família.”

F: “Muito bem. E, quanto, assim... tinha uma espécie de pagamento nesses locais para... para formação... para os estudos?”

D: “No processo formativo... eram três salários por ano para cada um dos jovens, então a família contribuía, mas nós tínhamos um período de estudos diários e outro período de trabalho... trabalhos manuais que ajudavam no nosso sustento... então em todas as etapas foi assim... mesmo durante a Filosofia... especialmente a gente trabalhava meio turno na firma, como empregado normal, e meio turno fazíamos faculdade em Caxias do Sul. E a noite era o tempo... e no final de semana, era o tempo dos estudos e trabalhos complementares.”

F: “Sim, sim. O complemento da formação... Quando é que o senhor veio trabalhar aqui em Flores da Cunha... o senhor lembra o ano?”

D: “Sim. Eu iniciei aqui em Flores da Cunha no ano de dois mil e um, já vai fazer oito anos que estou aqui trabalhando como pároco em Flores da Cunha, também dividindo funções diferentes dentro da Casa, mas então não é só trabalho de Paróquia... a gente tem também compromisso dentro da Fraternidade.”

F: “Como o senhor sente a... a religiosidade dos moradores de Flores... assim, no geral... o pessoal do interior... da cidade?”

D: “Poderíamos dizer o seguinte: Flores da Cunha se distingue de todo e qualquer outro município... de toda e qualquer outra paróquia. É o lugar onde se cultivou muito a dimensão da fé, da religiosidade... é... isso marca profundamente cada uma das famílias, cada uma das comunidades. Hoje a pessoa que não tem uma vivência de comunidade... não recebe os Sacramentos em Flores da Cunha, ela é vista com ‘maus olhos’... com certo preconceito de quem não está em dia com a Igreja... com a sua missão de cristão... Então, a marca da fé é muito forte aqui em Flores da Cunha e fica mais fácil trabalhar com pessoas... com comunidades onde isso está bem presente. Enquanto tantos outros municípios por onde a gente passou... que trabalhou... a gente percebe uma certa frieza ou indiferença quanto à dimensão da fé do seguimento a Jesus Cristo... lá fica muito numa esfera individual, pessoal... não muito um valor comunitário.”

F: “Justamente... E a questão das mulheres... o senhor sente, assim, que elas são mais voltadas para a questão da religiosidade... do que os homens? Ou é meio que parêlo... assim...?”

D: “A gente percebe, por causa da cultura... que a mulher tem um espaço bastante definido dentro da comunidade... é... os homens também têm o seu espaço, são espaços diferentes... a gente sempre diz assim: dentro de uma comunidade cristã... não importa o serviço que se realize... o que importa é fazer alguma coisa pela comunidade. Então é marca da mulher, dentro da comunidade: a animação das celebrações, da catequese, zeladora de quadra, de capelinha... se tem umas... uns serviços, umas funções, momentos... a mulher está muito presente, no que poderíamos dizer... no âmbito geral, a mulher tem uma predominância quanto à coordenação... a dinamização de serviços, de movimento dentro da Igreja... então... um espaço que ela foi conquistando progressivamente... não foi dado! Ela conquistou.”

(pausa)

D: “O homem ainda tem uma certa sansão quanto ao gerenciamento e à administração das comunidades... eu diria que isso vem até da cultura... é uma forma de... de um prolongamento, podemos dizer, da família... a família também... o homem tem a predominância... um certo controle, a... a responsabilidade maior é dele... é dele. Isso se transfere também na comunidade e acontece com... certa naturalidade, por parte, é... dos homens e uma certa aceitação passiva, pacífica por parte das mulheres. Poderíamos dizer que em Flores da Cunha a gente tem apenas, de trinta e quatro comunidades... temos só uma em que as mulheres, que estão como que coordenando a parte administrativa.”

F: “E seria qual, assim...?”

D: “A comunidade de Nossa Senhora Consoladora, bairro União... que temos algumas mulheres que estão coordenando a parte administrativa.”

F: “Seria aqui na cidade mesmo?”

D: “Sim.”

F: “Então... no interior isso não existe?”

D: “É. Por enquanto não.”

F: “E, falando do interior, assim, como o senhor percebe as famílias do interior... essa questão de, vamos dizer, mais do comando... das finanças... dos negócios... o senhor acha que a mulher... ela está tendo algum espaço ou ela ainda não conquistou isso... mais é adquirido pelo homem, mesmo?”

D: “Eu diria que é todo um processo... no fundo, a mulher, pelo trabalho, vai ter que ocupar o seu espaço, né? As conquistas acontecem não porque alguém deixa espaço... mas porque alguém ocupa esse espaço e passa a convencer que tem condições, capacidade de conduzir... certos negócios, né? Então o trabalho que as mulheres fazem no interior vem de uma participação cada vez mais significativa... o problema

maior é que ainda muitas mulheres... diferente dos homens, no interior, elas não têm o trabalho remunerado... e hoje a pessoa vale por aquilo que produz, né? Se tem remuneração... tem direito de gerenciar... se não tem... ela fica quase que automaticamente submissa a quem produz, quem consegue receber valores, para administrá-los.”

F: “Muito bem. Então, ela teria um papel, não bem secundário, mas ela ficaria ‘atrás’ do chefe da família, vamos dizer assim?”

D: “Ainda muito depende do quanto a pessoa ganha... hoje, na cabeça das pessoas, o quanto cada um ganha, né? Na família em que a mulher ganha mais do que o homem, por um motivo ou outro, ela tem o espaço conquistado com certa naturalidade... na família, em que o homem recebe... ganha ou gerencia, ela é quase que submissa. Não é que não participe, mas a participação é mais passiva... cativa.”

F: “Ok, ok...”

F: “Até algumas passagens da própria Bíblia, né, por exemplo, a questão do Gênesis... coloca ou define, enfim... o patriarcalismo. O que o senhor teria pra me dizer sobre isso? Teria alguma relação com... com essa função que os homens, mais do interior, né... a gente percebe... de querer ser o chefe da família. O senhor acha que é uma coisa bem comum?”

D: “Eu diria... que a própria orientação religiosa, dada pela Igreja, no passado, foi um tanto nessa linha. Porque um pouco é da cultura, né? A gente sabe que a cultura do italiano que é predominância, ainda em Flores da Cunha... é que o homem era ‘o Cabeça’... era o pensante, é aquele que tomava as decisões... aquele que... tinha melhor condições, por causa da convivência com outros, dos ambientes que frequentava de... saber a questão de valores... da mercadoria a ser vendida... assim por diante. Então era aquele que mais se mantinha atualizado, né? Ele que se qualificava, se capacitava para gerenciar os negócios da família, enquanto a mulher, ela tinha uma outra função... era o cuidado com o lar especificamente e um trabalho complementar depois,

nas outras atividades. Mas dentro das possibilidades... Então, devido à formação, já era uma coisa quase que natural do... o homem ser o pensante, o cérebro da família, e a mulher ser a administradora do lar...”

F: “... do lar.”

D: “... poderíamos dizer, em outras palavras, né? Então até a orientação da Igreja, no passado, acontecia um pouco nessa direção... no respeito à cultura existente. Hoje, não é que a Igreja pregue ao contrário... de que cada um deve gerenciar os seus bens, de que a mulher deve gerenciar os bens da família... mas que... tanto um quanto a outra, eles devem ocupar o seu lugar, o seu espaço... não mais pela predominância do homem, mas cada família deve buscar o seu ponto comum... a melhor forma, o melhor jeito de uma tal convivência sadia, saudável, respeitosa, valorizando essa diversidade.”

F: “Muito bem. Agradeço muito as palavras do senhor, que foram bastante esclarecedoras para o meu trabalho. Muito obrigada.”

D: “Disponha sempre.”

Depoimento de Cerenita Stuari Mezomo.

Declaração de cedência do depoimento.

*Fotografia de Cerenita Stuari ainda quando era solteira e de
Studio do casal Cerenita Stuari Mezomo e Ulisses Mezomo.*

7ª Entrevista

Entrevistado(a): Cerenita Stuari Mezomo

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 21/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

C: Cerenita Stuari Mezomo

F: “Hoje, dia vinte e um de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou entrevistando a dona Cerenita, que vai contar, um pouquinho, como é que foi a vida dela, quando ela era criança... e depois quando ela casou.. como foi a vida dela junto com o marido... junto com a sogra, já que ela viveu muito tempo com a sogra. Para começar, dona Cerenita, qual o seu nome completo?”

C: “Cerenita Teresinha Stuari Mezomo.”

F: “Onde foi que a senhora nasceu? O nome da comunidade?”

C: “Lajes, Santa Catarina.”

F: “E a senhora veio morar aqui para Flores com que idade? A senhora lembra?”

C: “Com seis anos.”

F: “Bem novinha... Como é que era o nome da localidade onde a senhora veio morar, aqui em Flores?”

C: “São Francisco.”

F: “É aqui pertinho de onde a senhora mora?”

C: “Sim.”

F: “E como é o nome da comunidade daqui... que a senhora mora hoje?”

C: “É Linha Oitenta.”

F: “Fica no município de Flores da Cunha?”

C: “Sim.”

F: “Um pouquinho, assim, de quando a senhora era pequena... a senhora lembra como era na casa da senhora... a relação com o pai, a mãe, os irmãos, o trabalho?”

C: “Ah... trabalhar... trabalhar bastante... porque tinha bastante criança e bastante serviço. Tinha que trabalhar bastante.”

F: “Vocês eram em quantos irmãos?”

C: “Dez.”

F: “Família grande... E, assim, em que produção vocês trabalhavam, naquela época? Era com uva?”

C: “É. Aqui em São Francisco era com uva.”

F: “Na casa da senhora... na época, mais dos negócios... quem era que cuidava dessa parte... era a mãe ou o pai?”

C: “Era ele... o pai.”

F: “Sempre o pai?”

C: “Sempre.”

F: “A senhora chegou a estudar?”

C: “Não.”

F: “Não teve oportunidade?”

C: “É... não deu pra estudar, porque tinha que trabalhar e daí não deu para estudar.”

F: “A senhora cuidava dos irmãos menores, também?”

C: “Sim.”

F: “Tinha quantos irmãos para cuidar?”

C: “Tinha dez irmãos ao todo.”

F: “Acho que eram uns oito, então?”

C: “É... era... era uma tropa.”

(risos)

F: “A senhora é uma das mais velhas, né?”

C: “Tem a Glória e depois sou eu.”

F: “A senhora está com que idade, hoje?”

C: “Sessenta e um, amanhã.”

F: “Ah! Então temos aniversário?”

(risos)

F: “Quando a senhora cresceu mais... que estava solteira... onde era que a senhora trabalhava?”

C: “Sempre na colônia e em casa.”

F: “Era que tipo de serviço... fazer a limpeza...?”

C: “... terminava de fazer o serviço, nós íamos para a colônia.”

F: “Trabalhavam na uva... com as parreiras?”

C: “Sim.”

F: “Com que idade a senhora casou?”

C: “Com dezoito anos.”

F: “O nome do marido da senhora?”

C: “Ulisses Mezomo.”

F: “Ele morava aqui na capela da Linha Oitenta, mesmo?”

C: “Sim.”

F: “Vocês eram meio vizinhos aqui... de colônias?”

C: “É... era vizinho, aqui pertinho.”

F: “E como vocês se conheceram, aqui na capela ou...?”

C: “... num baile.”

F: “Num baile. Que bom. O marido da senhora está com que idade hoje?”

C: “Sessenta e seis, ele vai fazer.”

F: “Quantos filhos vocês tiveram?”

C: “Três filhos.”

F: “O marido da senhora... chegou a estudar ou ele não foi para a escola?”

C: “Ele estudou até a oitava série.”

F: “E hoje em dia no que vocês trabalham aqui?”

C: “Com aviários.”

F: “Vocês chegaram a ter produção... trabalharam com uva?”

C: “Sim. Trabalhamos vários anos com uva... e agora faz uns trinta anos com os aviários.”

F: “E as parreiras... elas são cuidadas... venderam ou são ainda de vocês?”

C: “Foi dado para a filha.”

F: “Então é ela que está trabalhando, agora, com a colônia?”

C: “É.”

F: “Assim, quando a senhora casou... vocês foram morar sozinhos ou na casa da família dos Mezomo?”

C: “Com a sogra.”

F: “O sogro também era vivo, na época?”

C: “Também.”

F: “Por quanto, mais ou menos, quanto tempo?”

C: “Vinte anos com os dois e... vinte e nove com a sogra.”

F: “A senhora podia me contar um pouquinho como é que era, assim, a sua convivência com o sogro... a sogra? Como é que vocês se davam?”

C: “Agora, o sogro era uma pessoa muito boa. Só que a sogra era muito... uma pimenta. Aquela era difícil mesmo. Pelo amor de Deus. Mas agora o sogro era uma pessoa muito boa.”

F: “E... o que ela fazia que a senhora não gostava?”

C: “O problema dela era quando bebia... ficava purgante.”

F: “E, assim, ela queria mandar na casa?”

C: “Ela mandava em tudo. Era ela que mandava.”

F: “Até no marido da senhora?”

C: “É... mandava no marido dela, mandava no meu marido... mandava em tudo.”

(risos)

C: “E tinha que ser do jeito que ela queria.”

F: “E depois que ela faleceu... então, quem era que assumiu a liderança da casa?”

C: “O Ulisses, o meu marido. Agora é ele que manda em tudo.”

F: “Até hoje?”

C: “Sim.”

F: “E a senhora?”

C: “Ah! Eu ajudo, mas, que nem, na frente é ele, né?”

F: “Essa questão de banco, contas, dinheiro?”

C: “Aí é tudo com ele.”

F: “Se a senhora pudesse... decidir, assim, sobre os negócios... a senhora gostaria, conseguiria?”

C: “Depende os negócio, né. Porque se é negócio que tem que saber ler e escrever, assim, aí não dá. Eu não sei.”

F: “Isso não depende da experiência da vida somente...”

C: “Experiência... daí eu tenho...”

(risos)

F: “Daí daria... Para ir terminando, a senhora podia falar um pouco o que sente... como sente em respeito da religião... dos padres. A senhora acha importante que a religião continue influenciando ainda... como no passado?”

C: “A religião... eu acho uma coisa muito boa. Uma religião ou outra a gente tem que ter. Agora eu acho que está bom.”

F: “E a senhora acha que... que o que os padres falam... o pessoal está seguindo?”

C: “Eu acho que, na realidade... os da minha idade sim. Mas a juventude não. Porque tu vai na missa e juventude tu não vê, bem pouco.”

F: “Seria mais da faixa etária de vocês?”

C: “É... quarenta, cinquenta anos para frente, aí tem bastante. A juventude... tem pouca.”

F: “E existe dificuldade pra encontrar a liderança da comunidade... dos fabriqueiros... dos festeiros? Tem juventude que participa?”

C: “Aqui no Oitenta tem três meninas que vão ali ajudar... ali nos cultos. Se não... é só gente casada.”

F: “Existe mulher, assim, fabriqueira? Ou são só os homens que lideram essa parte dos negócios da comunidade?”

C: “Agora... na frente é os homens. Depois as mulheres ajudam.”

F: “As mulheres ajudam... apoiam. Mas a decisão final é dos homens?”

C: “Sim.”

F: “Então os homens praticamente dominam tudo... na colônia, na comunidade e até, praticamente, na casa toda?”

(risos)

C: “É. Mais os homens.”

F: “É difícil eles deixarem as mulheres mandarem?”

(risos)

C: “É.”

F: “Então... era isso, Dona Cerenita, muito obrigada pela entrevista.”

C: “Não por isso.”

Depoimento de Rita Maria Mascarello Guareze

Declaração de cedência do depoimento

8ª Entrevista

Entrevistado(a): Rita Maria Mascarello Guareze

Entrevistadora: Fernanda Ferrarini

Data: 22/06/2008

Local: Flores da Cunha

Projeto: Mulheres sem voz

F: Fernanda Ferrarini

R: Rita Mascarello Guareze

F: “Hoje, dia vinte e dois de junho de dois mil e oito, eu, Fernanda Ferrarini, estou entrevistando a dona Rita... para falar um pouquinho sobre a vida dela, sobre... como é que era na casa dos pais, depois quando ela casou...”

F: “Dona Rita... o seu nome completo?”

R: “Rita Maria Mascarello Guareze.”

F: “Onde é que a senhora morava antes de casar?”

R: “No Sete de Setembro, que nem, para lá da capela.”

F: “No outro lado da capela?”

R: “Sim.”

F: “A idade da senhora?”

R: “Cinquenta e dois anos.”

F: “A senhora podia contar um pouquinho como é que era... quando a senhora morava lá com seus pais... sobre o trabalho, sobre... como lidavam com o dinheiro? Quem é que tomava as decisões lá na casa da senhora? Me conta um pouquinho?”

R: “Trabalhar... trabalhar... Ajudava em casa...”

F: “E a senhora fazia o quê, em casa?”

R: “Ah... fazer... a gente tinha que fazer a comida, limpava... fazer a limpeza. E na colônia.”

F: “E lá na colônia... com o que vocês trabalhavam?”

R: “Naquele tempo, se tinha as mulas... ainda não se tinha máquina. Depois, quando a gente era bem... que nem adulto, tinha uma tobata.”

F: “Ah, então vocês conseguiram uma tobata... E qual era a produção de vocês?”

R: “De uva. Plantava também o milho, o trigo.”

F: “Tinha horta também?”

R: “É.”

F: “Tinha muito trabalho?”

R: “Trabalho? Má!”

(risos)

R: “E pobre... nós era pobre, porque os dois eram bastante doentes [os pais dela].”

F: “A família era bastante grande?”

R: “Nós éramos em cinco irmãos, só.”

F: “Vocês moravam com a nona e o nono? Ou eram só vocês?”

R: “De pequeninhos, sim. Quando eu era bem pequeninha tinha os nonos. Depois faleceram.”

F: “Estavam na casa da família?”

R: “É. Dos nonos.”

F: “A senhora estudou até que série?”

R: “Até a quinta.”

F: “Até a quinta série?”

R: “Sim.”

F: “Em Sete de Setembro?”

R: “No Sete de Setembro, mesmo, tinha uma escolinha lá embaixo, perto de casa. Depois, tinha a quinta série no Sete de Setembro, que nem... na capela. Então, lá tinha a quinta série... lá embaixo.”

F: “Aí só tinha a quinta série? Depois teria que ter vindo para Flores?”

R: “É... tinha. Mas não deixaram... tinha que trabalhar.”

F: “A senhora é uma das mais velhas ou do meio?”

R: “Do... Do meio. Tinha duas irmã mais velhas e dois irmãos mais novos.”

F: “Na casa da senhora... mais em relação aos negócios, quem é que lidava, lá?”

R: “O pai.”

F: “Sempre o pai?”

R: “A mãe ajudava, que nem.”

F: “Mas o dinheiro... quem mais controlava era o pai?”

R: “Sim. O pai que ia atrás dos negócios.”

F: “Vender a produção... comprar aquilo que precisava?”

R: “A mãe ajudava, porque o meu pai era meio tímido, que nem, a mãe precisava ajudar, às vezes.”

F: “Como é que a senhora conheceu o seu marido?”

(risos)

R: “Lá na capela... a gente ia lá.”

F: “Então ele morava na mesma comunidade?”

R: “Só que ele no lado de lá e eu no lado de cá.”

F: “Em Sete de Setembro, né?”

R: “Isso.”

F: “No município de Flores da Cunha?”

R: “Isso. E bem novos... a gente namorou um monte.”

F: “Quantos anos vocês namoraram?”

R: “Nem sei bem... bastantinho... uns dez, doze anos, eu acho, em tudo... namorico, assim, não era direto e já namorar.”

F: “Sim, sim. Então não foi direto namorar em casa?”

R: “Não, não... foi bastante tempo antes de vir namorar em casa.”

F: “Como é o nome do marido da senhora?”

R: “Nildo Guareze.”

F: “E ele estudou até que série?”

R: “Na quinta, também. Porque, naquele tempo, em Sete de Setembro, tinha a quinta série. Depois morreu e agora voltou, né.”

F: “Muito bem. A senhora lembra o ano do casamento de vocês?”

R: “Foi em oitenta e um, porque faz vinte e sete anos que casamos.”

F: “Quantos filhos a senhora tem?”

R: “Tenho dois.”

F: “São meninos ou também tem menina?”

R: “Dois meninos.”

F: “E hoje em dia, na casa da senhora, com seu marido, vocês têm mais alguém morando com vocês?”

R: “Nós moramos bastante tempo junto com os meus cunhadinhos. E agora casaram, e a nona... levaram ela. Ela veio morar em Flores da Cunha.”

F: “A senhora sabe me dizer... quantos anos morou junto com os nonos?”

R: “Com a nona, até que ela estava lá... vinte e dois anos, que nem. Assim, a gente fez cozinha separada. Junto a gente viveu bastante, que nem, tudo na mesma cozinha.”

F: “Então depois resolveram separar?”

R: “Aí fizemos a cozinha separada...”

F: “Ela ficou com a parte dela...?”

R: “E nós fizemos atrás. Aí ela ficou na frente.”

F: “Como é que era, assim, a relação da senhora com a sua sogra?”

R: “Bem... mas é que ela pensava muito naqueles de fora.”

F: “Dava mais razão aos filhos que tinham saído de casa?”

R: “Mais razão e valor aos de fora. Que nem, lá o Nildo tinha que dar tudo, no entender dela.”

F: “Para os outros filhos, no entender dela?”

R: “Sim. E o nono que estava sempre doente... sempre cuidamos nós.”

F: “E, mesmo assim, ela não admitia essa ajuda?”

(risos)

R: “É que a cabeça dela era meio complicada.”

(risos)

F: “E, assim, o marido da senhora... eram em quantos irmãos?”

R: “Sete.”

F: “A família dele estavam todos fora, assim, da família?”

R: “Só teve uma que casou, assim, que nem, sem sair da colônia. Se não, todo mundo.”

F: “E o marido da senhora ficou... sempre viveu lá?”

R: “Sempre viveu lá.”

F: “Essa sua cunhada... ela está lá também, vivendo na colônia, hoje em dia?”

R: “Ela está lá na Lagoa Bela.”

F: “Então, ela foi na casa do marido dela?”

R: “Sim.”

F: “E, assim, um pouquinho sobre a religião, que é bem forte aqui na nossa cidade, no nosso município... a senhora, assim, concorda com os padres? Com o que eles falam?”

R: “Eu estou mais na católica, né?”

F: “Sim.”

R: “Eu acho que é a melhor...”

F: “Que é a forte aqui na região.”

R: “Eu sou católica. Mas os padres... *‘No vô tanto à messa’* [Não vou tanto à missa], para te dizer a verdade.”

F: “Mas a senhora acha que é importante... a religião católica?”

R: “Eu, sim. E ajuda, também, ter fé.”

F: “E hoje em dia, lá com o marido da senhora, quando tem a venda da produção, os negócios, quem é que cuida mais?”

R: “Ele, ele.”

(risos)

R: “Eu só vou fazer o cadastro, essas coisa, pagar o sindicato... essas coisinhas. Se não, esses negócio de cantina, do vinho, é com ele. Eu até prefiro, porque é melhor que ele faça.”

F: “Então, a senhora concorda que é melhor que os homens cuidem dessa parte dos negócios?”

R: “Sim. Eu faço... eu ajudo, que nem, mas ele é ‘o Cabeça’, no meu jeito, na minha cabeça.”

F: “Seria da forma da criação, dos costumes da família?”

R: “Sim. Mas, se precisar... eu vou. Eu faço também...”

F: “Mas, se der para deixar para ele, é melhor?”

R: “É melhor, é bem melhor.”

F: “A senhora acharia que, em algum momento, se tivesse que decidir sozinha, então, daria para fazer?”

R: “Dá, dá para se virar. Até, no outro dia, embaixo das parreiras, ele disse que eu não conheço bem as parreiras. Eu disse que eu conheço, sim. Porque se precisar eu sei me virar, e muito bem.”

F: “No trabalho da colônia, a senhora não tem dificuldade?”

R: “Não. O que ele faz, eu faço.”

(risos)

R: “Eu não tenho medo do trabalho.”

F: “Muito bem. Então, dona Rita, era mais isso, mesmo... Muito obrigada pela entrevista...”

R: “Acho que eu falei pouco...”

F: “Não, não. Era o que eu precisava para o meu trabalho. Muito obrigada, mesmo.”

R: “De nada.”

× Anexo I

Reprodução de fotografia do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi (MAHPE) de um grupo de homens acompanhando Frei Eugênio, em frente ao Convento dos Capuchinhos Sagrado Coração de Jesus, em Flores da Cunha.



Reprodução de fotografia do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi (MAHPE) da vista aérea do Convento dos Capuchinhos Sagrado Coração de Jesus, em Flores da Cunha.














A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

- 
-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
 -  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes às memórias das famílias e das instituições regionais;
 -  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
 -  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
 -  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
 -  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
 -  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
 -  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
 -  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
 -  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.